



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**A PRODUTIVIDADE DISCURSIVA SOBRE AS MULHERES NOS
ARTEFATOS CULTURAIS: A PRESCRIÇÃO DE UMA
NORMATIVIDADE SOCIAL (1950-1970)**

ANDREA CRISTINA MARQUES

CAMPINA GRANDE/PB

MARÇO/2014

ANDREA CRISTINA MARQUES

**A PRODUTIVIDADE DISCURSIVA SOBRE AS MULHERES NOS
ARTEFATOS CULTURAIS: A PRESCRIÇÃO DE UMA
NORMATIVIDADE SOCIAL (1950-1970)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Unidade Acadêmica de História e Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande, para fins de obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^ª Dra. Eronides Câmara de Araújo

CAMPINA GRANDE/PB

MARÇO/2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

M357p Marques, Andrea Cristina.
A produtividade discursiva sobre as mulheres nos artefatos culturais : a prescrição de uma normatividade social (1950-1970) / Andrea Cristina Marques.
– Campina Grande, 2014.
139 f.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Prof. Dra. Eronides Câmara de Araújo".
Referências.

1. História – Cultura - Mulher. 2. Solteirona. 3. Colunas Femininas.
I. Araújo, Eronides Câmara de Araújo. II. Título.

CDU 930.85-005.2(043)

ANDREA CRISTINA MARQUES

**A PRODUTIVIDADE DISCURSIVA SOBRE AS MULHERES NOS
ARTEFATOS CULTURAIS: A PRESCRIÇÃO DE UMA
NORMATIVIDADE SOCIAL (1950-1970)**

Aprovado (a) em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

**Prof^ª Dra. Eronides Câmara de Araújo (UFCG/CH/PPGH)
Orientadora**

**Prof^º. PhD. Iranilson Buriti (UFCG/CH/PPGH)
Examinador Interno**

**Prof^ª. Dra. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti (UFCG/CH/PPGH)
Examinador Interno (Suplente)**

**Prof^ª. Dra. Maria do Socorro Cipriano (UEPB)
Examinador Externo**

**Prof^ª. Dra. Patrícia Cristina de Araújo Aragão (UEPB)
Examinador Externo (Suplente)**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer a Deus por ter me dado forças para conseguir chegar à conclusão deste trabalho. Ele, que nos momentos mais difíceis trouxe alívio, calma e perseverança.

À minha família nas pessoas de meus pais, Conceição e Antonio, meus irmãos Jonas e Antonio Filho, minha irmã Juliana e por último meu “filhote” Ângelo. Família que me acompanhou em todos os momentos dessa Dissertação, me dando apoio durante as “alegrias e tristezas” desse caminho.

À minha orientadora, professora Doutora Nilda Câmara de Araújo, quero agradecer pela paciência, pois sei que em muitos momentos lhe “aperreei” demais. Muito obrigada por tudo, querida orientadora, grande exemplo de mulher e profissional.

Ao professor PhD. Iranilson Buriti de Oliveira e o professor Doutor Luciano Mendonça de Lima, professores com os quais estagiei nesse Mestrado, aprendendo muito e tendo oportunidade e o prazer de conhecê-los um pouco mais de perto.

À professora Doutora Maria do Socorro Cipriano, que vem participando da minha vida acadêmica, desde a graduação, e que, agora, na etapa final do Mestrado, veio dar sua contribuição, nas bancas de qualificação e defesa.

À professora Doutora Patrícia Cristina de Araújo Aragão, que aceitou meu convite para estar nas bancas de qualificação e defesa desse trabalho, sempre nos presenteando com sua delicadeza e humildade.

A todos os professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande.

À minha amiga de longa data, a professora Doutora Rosemere Olímpio de Santana, grande amiga, para mim, sempre um exemplo a seguir.

A Leonardo Bruno, amigo, que, mesmo de longe, sempre esteve na torcida, vibrando, por mim, oferecendo-me apoio irrestrito.

Ao amigo Antonio Balbino Neto, que acompanhou, desde o início, a minha caminhada dentro desse universo que é a Universidade: da graduação à pós-graduação, me ajudando, no que podia.

Por último, gostaria de agradecer a todos os meus colegas de curso, com os quais dividi as manhãs e tardes de aulas, sempre aprendendo muito, regado a boas risadas. Mas, quero agradecer a alguns colegas em especial, aqueles a quem mais me afeiçoei, como “as meninas que trouxeram o calor do Ceará”, Ana Cristina de Sales e Maria Arleilma de Souza. Os colegas Paulo Oliveira, Marivânia Diniz, José Pequeno. E as historiadoras de Campina Grande, Josiana Bezerra, Andressa Leandro, Rosicleide Henrique, figuras do Mestrado em História da UFCG que ficarão na minha memória.

E finalizando, quero agradecer a CAPES, que através do Programa Reuni, possibilitou a concretização dessa pesquisa, pois, sem esse apoio, nada disso seria possível.

RESUMO

A construção das identidades femininas dos anos de 1950 a 70, no Brasil, passou pelo investimento de discursos voltados especialmente para as mulheres observadas, enquanto “moças casadoras”, futuras esposas, mães e dona-de-casa, como também para as mulheres que não se casaram, as solteiras, o que foi mostrado nessa pesquisa. Esses discursos foram produtos do saber médico construído no século XIX que chegando ao século XX foram atravessados por outros saberes, a exemplo do religioso, da psicologia, desembocando na construção das mulheres em questão. A “mulher ideal”, um dos modelos femininos no qual esse discurso investiu, seria a moça prendada, comportada, adequada para o casamento. Nesse sentido, as mulheres que não se enquadraram, nesse tipo feminino idealizado, seriam marginalizadas, através do estigma da mulher mal amada, a solteirona, a “vitalina”, a “coroa”. Portanto, nesse trabalho, problematizamos as permanências com relação à imagem do casamento, enquanto prescrição para a realização da vida das mulheres, percebendo como nos anos 50, 60 e 70 foram produzidas as identidades das “mulheres ideais”, e também das mulheres solteiras, através da produção discursiva, feita pelas colunas femininas da revista “O cruzeiro” e de alguns cordéis de autores nordestinos.

Palavras-chave: “Mulher ideal”, Solteirona, “Coroa”, Colunas femininas, Cordel.

ABSTRACT

The construction of women's identities of the years 1950 to 70, in Brazil, had speeches related especially to women called in Portuguese "marriageable girls", future wives, mothers and housewife, as also for the women who were not married, single women, which is shown in this study. These speeches were products of medical knowledge built in the 19th century who came to the 20th century with influence of other knowledge, like religious, psychology, into the construction of the women in question. The "ideal woman", one of the female models in which this discourse has invested, it would be the girl gifted, submissive, suitable for the wedding. Consequently, the women who did not fit this idealized feminine type, would be marginalized, through the stigma of unloved women. Therefore, in this work we problematize the image of marriage as long as prescription for the realization of women's lives, realizing how in years 50, 60 and 70 were produced the identities of the "ideal woman", and also of unmarried women, through the discursive production made by female columns from the magazine "The cruise" and some cordage from Northeasterners authors.

Keywords: "Ideal Woman", Single Woman, "Crown", Female Speakers, Twine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: A produtividade normativa para o feminino na família nuclear no discurso médico	20
1.1 - A instituição familiar higienizando as mulheres pela norma no século XX	20
1.2. A puberdade e a menopausa: a natureza produzindo as diferenças entre homens e mulheres	23
1.3. Controlando o corpo feminino, controlando a natalidade	31
1.4. A medicina e a “nova ginecologia”: preocupando-se com o corpo feminino no início do século XX	39
CAPÍTULO II: “Da mulher para a mulher”: as colunas femininas e a prescrição da “mulher ideal” para o casamento	52
2.1. As colunas femininas e a arte de prescrever subjetividades	52
2.2. Preparando as mulheres para serem moças “casadouras” nos anos 50 e 60	56
2.3. A boa esposa é dedicada e não desagrada o marido... O “chefe da casa” e a “rainha do lar”	64
2.4. “A mulher que se cuida e se embeleza faz seu homem feliz”: as relações de gênero e o cuidado que a mulher deve ter com o seu corpo	75
2.5. Toda mulher deve ser mãe! A construção da maternidade nas colunas femininas	80
CAPÍTULO III: A produtividade nos cordéis sobre a mulher solteira: efeitos dos saberes médicos	88
3.1. A solteirona e o caritó: “a mulher que ficou na prateleira”	88
3.2. As “moças de antigamente” e as “moças de hoje em dia”: a modernidade e a “melindrosa da atualidade”	90
3.3. Mudanças nas identidades de gênero: as mulheres solteiras nos anos 70	102
3.4. Estereotipando a mulher solteira: demonizando e ridicularizando as “coroas”	112
3.5. “O desespero das coroas”: a busca pelo casamento	116
3.6. Prescrições de Abraão Batista para uma “coroa” chegar ao altar	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	136

INTRODUÇÃO

- Viver na costura,
viver no balcão,
prefiro a ternura
de algum bonitão!
- Milagroso Santo Antônio
Daí-nos logo matrimônio!
- Ai que vida insôssa!
Ai céus que agonia!
- Coitada da moça que fica titia!
- Santinha eu não banque
- Eu quero o meu lar
- Embora num tanque
eu viva a lavar
- Nos bailes como isca,
de noite e de dia,
a gente se arrisca
a ficar titia [...] (LADINO¹, 1952, p. 86-87)

Essa afirmativa retirada da coluna feminina “Garôtas” da revista “O cruzeiro” já discutia o tema do casamento e sua idealização nos anos 50, tema que também tem sido bastante discutido atualmente, direta ou indiretamente, seja nos trabalhos acadêmicos como teses, dissertações, no cinema, na internet, nas novelas, nas séries de televisão². Nesse sentido, pretendemos, nesse trabalho, mostrar as permanências com relação à imagem do casamento enquanto prescrição para a realização da vida das mulheres, problematizando como nos anos 50, 60 e 70 foram produzidas as identidades das “mulheres ideais”, “moças casadouras” e também das mulheres solteiras, representadas como frustradas, infelizes por não ter se casado.

Sendo assim, analisaremos a questão do casamento, enquanto um ideal, que deveria fazer parte, obrigatoriamente, da vida das mulheres. Levando em consideração

¹ A. Ladino foi um dos jornalistas que assinou os textos da coluna “Garôtas” da revista “O cruzeiro”, entre os anos de 1946 a 1957. Cf. http://www.ifcs.ufrj.br/~arshistorica/arshistorica03_a04.htm. Acessado em 11/02/2014.

² Podemos citar como exemplos os filmes “Até que a sorte nos separe”, “O casamento”, “O casamento do ano”, “Se eu fosse você”. Na internet um exemplo são as dicas do Padre Chrystian Shankar, que conseguiu ser um dos campeões de acesso no you tube, um site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. Nesse site o sacerdote dá dez dicas para as mulheres arranjam casamento, ou como ele mesmo disse “conselhos para não morrer solteiro (a)”. E nas novelas temos “O cravo e a rosa”, “Laços de família”, “Em família”, e com relação às séries, podemos citar “Entre tapas e beijos”, “Separação”.

que havia discursos que circulavam pela sociedade moderna, nesse período, cobrando das mulheres determinadas atitudes e comportamentos como o casamento higiênico, o qual deveria ser colocado em prática.

Problematizar essa construção do casamento, prescrito para as mulheres, significa jogar luz nos discursos que produziram essa prescrição, mostrando como, a partir deles, foi possível normatizar as práticas das mulheres, no seu dia a dia, preparando-as para o matrimônio, tornando-as “mulheres ideais”. Iluminaremos também o “outro” da mulher casada, a mulher que não se casou. A identidade da mulher que ficou solteira, no contexto dos anos 70, também passou por uma construção da sua imagem, por meio dos discursos construídos sobre ela.

Esses discursos que produziram as identidades da “mulher ideal” nos anos 50 e 60 e também da mulher solteira, nos anos 70, são efeito dos discursos médicos construídos, no final do século XIX, e que chegaram ao século XX, atravessados por outros tantos discursos, a exemplo da psicologia, da religião, sendo reelaborado, reinventado, construindo assim os discursos que produziram as identidades femininas problematizadas e analisadas nesse trabalho. Trabalho inserido na linha de pesquisa “Cultura, poder e identidades”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), linha de pesquisa que nos ofereceu leituras imprescindíveis para o desenvolvimento desse trabalho.

Dessa forma, para problematizar essa produção das identidades femininas foram utilizados artefatos culturais como a revista “O cruzeiro”, das décadas de 1950 e 60. Na revista, analisamos como os discursos sobre a idealização da família nuclear elaborou o lugar da “mulher ideal”, refletindo as diferenças de gêneros. Utilizamos também cordéis de alguns autores nordestinos, onde problematizamos como nessa literatura foi construída a representação negativa sobre a mulher solteira, nos anos 70, produzindo a identidade estereotipada da solteirice feminina, enquanto uma identidade negativa.

Assim, a partir da revista “O cruzeiro” e dos cordéis, artefatos culturais que foram entendidos enquanto maneiras de conectar as mais diferentes culturas, histórias, através do “intercâmbio cultural”, existente entre os discursos produzidos por um ou outro artefato cultural, permitindo a construção discursiva das identidades femininas que analisamos dos anos 50 aos 70 (TABORDA; BELTRAN, 2013). Pois, essa perspectiva do “intercâmbio”, entre os discursos, nos permite privilegiar a comunicação e as ligações entre as culturas ou seus artefatos, mostrando como elas se apropriam

umas das outras e assim como os artefatos culturais utilizados, nessa pesquisa, se imbricam, conectando-se entre si.

Dessa maneira, atentando para esse “imbricamento” existente entre os diferentes artefatos e os discursos produzidos, colocamos as seguintes questões: quais seriam os discursos que produziram a identidade acerca das mulheres, preparando-as para o casamento, nas décadas de 1950 e 60? O que seria, segundo as colunas femininas de “O cruzeiro”, uma mulher ideal para casar-se? E casando-se, quais seriam as atribuições dadas à mulher casada dentro do seu casamento? E quanto às mulheres solteiras, qual a imagem construída pelos cordéis para elas nos anos 70, pós-movimento feminista? O que os cordelistas disseram sobre elas?

O período, sobre o qual problematizamos, foi uma época, em que, no Brasil, e no mundo, estavam acontecendo diversas mudanças, no contexto histórico, como os movimentos feministas, por exemplo, e que, por sua vez, refletiram nas identidades, principalmente, das mulheres, que passaram a vivenciar novas experiências, saindo muitas vezes de suas casas para trabalhar, estudar, redefinindo seus espaços sociais.

Verificando o contexto anterior aos discursos que analisamos, temos a socióloga Vaistsman (1994), afirmando que teria sido ainda no século XIX que a individualidade assumiria um significado singular, conferido pelo romantismo e pela nova divisão do trabalho. Esse desenvolvimento da individualidade vincula-se à sociedade moderna, com a eliminação de barreiras de *status*, religiosas, o declínio da autoridade paterna e a liberdade de mobilidade, seja social ou geográfica. Para a autora, a livre escolha foi o ponto fraco do casamento moderno, porque quanto maior a possibilidade efetiva de escolher, principalmente, por parte das mulheres, maior o espaço para o conflito entre o individual e o coletivo se expressar.

Segundo a autora, quando a divisão sexual do trabalho e o individualismo patriarcal foram redefinidos, homens e mulheres passam a se ver como iguais, criaram-se condições sociais favoráveis para que este conflito se manifeste. Assim, algumas das antigas noções como a de eternidade dos relacionamentos e dos sentimentos foi abalada, por isso, as relações passam a desfazer-se e refazer-se, continuamente.

E entre anos de 1950 e boa parte dos anos 60, aconteceram transformações que, partindo do curso, seguido pela modernização, sobre a qual o país estava passando, possibilitou-se que muitas pessoas fossem além nos estudos, como foi o caso das mulheres, embora as mudanças seguissem ritmos lentos, trouxe mudanças para o

público feminino, embora muitas representações tradicionais, acerca das mulheres, ainda persistissem.

Além disso, as décadas de 1950 e 60 representaram um período de efervescência cultural e transformações sociais, em especial, no cenário urbano brasileiro. Os anos 50 iniciaram-se trazendo ares de modernidade, crescimento, desenvolvimento urbano e inovações tecnológicas.³ Em meados dos anos 60, novas ideias começaram a surgir, quando os movimentos sociais se fortaleceram, no Brasil.

As décadas finais, dos anos de 1960 e início dos anos 70, foram, portanto, décadas, nas quais aconteceu, mais fortemente, todo um conjunto de mudanças econômicas, políticas, nos códigos de comportamentos, e que foram sinalizando o esgotamento de alguns pressupostos, fazendo a transição para um novo período, gestando assim novas relações de gênero. Com mudanças nas relações interpessoais, nos comportamentos e na sociedade de maneira geral, muitos discursos emergiram, construindo esses novos espaços que serão apropriados pelas mulheres, contribuindo para um cenário de conflitos e discussões, principalmente porque uma grande parcela da sociedade defendia valores mais conservadores.

Neste cenário, múltiplos discursos sobre o feminino vêm à superfície, contribuindo para a construção das identidades das mulheres. Portanto, a escolha temporal se deu pelas transformações e pela efervescência que estavam ocorrendo naquele momento. Esses discursos circularam em um momento em que o movimento feminista da chamada “Segunda onda”⁴ estava acontecendo no Brasil e no mundo, no final dos anos 60, se consolidando nos anos 70, e que trouxe para o espaço da discussão política as questões até então vistas e tratadas como específicas do privado, quebrando a dicotomia público-privado. Com relação ao privado se relaciona com a vida doméstica, familiar e sexual, identificado com o pessoal, alheio à política.

Nesse sentido, analisamos essas questões a partir de artefatos culturais que circularam, nesse período pelo Brasil, sendo um deles os cordéis e o outro as colunas

³ Embora convivesse com esses ares modernos, ideias conservadoras, como as de que as mulheres deveriam se dedicar exclusivamente ao lar, marido e filhos. SALERNO, L, P; CUNHA, M. T.S. **Discursos para o feminino nas páginas da revista Querida (1958-1968): aproximações.** Educar em revista. Curitiba: UFPR, n. 40, p.127-139, abr-jun. 2011.

⁴ Movimento que aconteceu a partir dos anos 60, com objetivos distintos dos da “Primeira onda”. O feminismo ressurgiu no contexto dos movimentos contestatórios dos anos 1960, a exemplo do movimento estudantil na França, das lutas pacifistas contra a guerra do Vietnã nos Estados Unidos e do movimento *hippie* internacional que causou uma verdadeira revolução nos costumes. COSTA, Ana Alice Alcântara. **O movimento Feminista no Brasil: Dinâmicas de uma intervenção política.** Niterói, v. 5, n. 2, p. 9-35, 1. sem. 2005.

femininas da revista “O Cruzeiro”⁵, exemplares que não se encontram numa série, ano a ano,⁶ e também cordéis de autores nordestinos.

Sobre a revista “O cruzeiro”, podemos afirmar que foi escolhida porque, enquanto um artefato de alcance nacional, durante seus 46 anos de circulação, tanto no Brasil, como fora dele, conseguiu ser representada como uma revista que viria a ser, um dos veículos de comunicação mais poderosos que o país já teve, empenhada em construir um novo modelo de país, como o Brasil, por exemplo, que através dela, passava a imprimir em suas páginas a ideia de um país moderno. Por meio de colunas, fotos e ilustrações tentavam construir um novo tipo de mulher, a “mulher moderna”, por isso mesmo, foi muito consumida por elas.⁷ Embora esse discurso soasse um pouco ambíguo em relação aos conselhos que eram colocados nas colunas dedicadas as mulheres. Porque, ao mesmo tempo que a revista se intitulava “moderna”, por outro lado reafirmava valores relativos às mulheres e seus papéis construídos socialmente, como as identidades de esposa, mãe e dona de casa, ou seja, papéis e discursos que não condiziam com o caráter dito “moderno” da revista.

“O Cruzeiro”, foi um periódico que circulou pelo Brasil a partir de 1928, sendo um dos empreendimentos do empresário Assis Chateaubriand. Ela foi lançada em meio a uma grande chuva de papéis picados, o que mostrava a dimensão da imagem que se queria passar, do luxo da revista e de quem seriam seus leitores. Chateaubriand tinha grandes expectativas com relação à revista e contava com a amizade do então futuro presidente do Brasil, Getúlio Vargas. Vargas ainda, enquanto Ministro da Fazenda, o teria ajudado a comprar os títulos de “O cruzeiro”, que já existia, com intenções de que a revista se tornasse um órgão para seu projeto político de governo do Brasil.

Nas páginas de “O cruzeiro” foram encontrados conselhos vindos das colunas dedicadas ao gênero feminino que construíram representações sobre as mulheres através de seus discursos, como é o caso das colunas escrita por Maria Teresa, denominada “Da mulher para a mulher”, “Elegância e beleza”, assinada por Elza Marzullo, e “Lar doce lar”, assinada por Helena Sangerardi e Teresa de Paula Penna, nas quais elas dão conselhos principalmente às mulheres acerca de questões relacionadas ao casamento.

⁵ A revista O cruzeiro encontra-se no Museu Histórico de Campina Grande. E outras foram cedidas para essa pesquisa do acervo particular de um amigo.

⁶ As colunas femininas pesquisadas em “O cruzeiro”, somadas formam 15 colunas que dão dicas e conselhos para as mulheres de anos que variaram entre 1952 a 1963.

⁷ SERPA, Leoni Teresinha Vieira. **A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)** – Dissertação (mestrado) - Universidade de Passo Fundo, 2003.

Os cordéis,⁸ foram entendidos, enquanto lugar onde residem múltiplos discursos, não somente os oficiais ou tradicionais, pois segundo Grillo⁹, os cordéis conseguem portanto, produzir seus próprios significados, não reproduzindo somente os discursos ditos dos dominados ou dos dominantes. Procuramos pensar o poeta de cordel não enquanto aquele que apenas transmite as ideias do grupo a que pertence socialmente, o que seria entender sua produção de forma simplista, esquecendo o universo múltiplo de sua construção discursiva.¹⁰

Nesse sentido, os discursos dos cordéis utilizados nessa dissertação funcionaram como uma outra possibilidade de construção da identidade feminina, que nos anos 70 produziu um estereótipo para a mulher que não era a mulher idealizada, mas a mulher que ficou solteira, e que por isso não era o padrão tradicional feminino. Dessa maneira, sendo o cordel de um campo discursivo diverso das colunas femininas de “O Cruzeiro”, ele nos deu a possibilidade de termos uma leitura diferente acerca da mulher, enriquecendo bastante essa pesquisa.

Assim, no primeiro capítulo, foram discutidos os discursos construtores da idealização da família nuclear que elaborou o lugar da “mulher ideal” na família, refletindo as diferenças de gênero. Como a partir do século XIX, houve a emergência de saberes sobre as mulheres, a exemplo da medicina, que construiu a ginecologia, especialidade médica que tinha como preocupação estudar o corpo feminino. E como a disciplina e a normatização dos comportamentos foram necessárias para a vida cotidiana de homens e mulheres. Enfim, como o saber médico passou a construir os sujeitos e as pessoas, nesse caso, como as mulheres passaram a seguir o que este saber construiu a partir de seus discursos. No segundo capítulo, analisamos as colunas femininas da revista “O cruzeiro”, enquanto discursos que circularam, nas décadas de 50 e 60, artefatos que produziram a subjetivação da conduta feminina para preparação da mulher, na família nuclear. E, no terceiro capítulo, foi problematizado como alguns cordelistas, construíram, na década de 70, a representação negativa sobre a mulher solteira.

⁸ Foram utilizados 7 cordéis nessa pesquisa. Pesquisados no Acervo Átila Almeida, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.

⁹GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A literatura de cordel e o ensino de história**. In: Cultura Escolar Migrações e Cidadania, Portugal, 2008.

¹⁰ LIMA, Marinalva Vilar de. **O problema do popular e do erudito na literatura de folhetos brasileira**. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 11, n. 18, p. 177-194, jan.-jun. 2009.

Dessa maneira, a análise dos discursos esteve presente em todos os capítulos dessa dissertação, mas eles não serão vistos enquanto uma documentação que revela algo, mas como produção de uma determinada época. Assim seguimos a ideia de arqueologia de Michel Foucault, que busca nas camadas históricas, verticalmente, de que maneira foram construídos os discursos. Já que a “arqueologia” para Foucault funcionaria através de várias formações discursivas que seriam múltiplas e diferenciadas.

E nessa arqueologia foram analisadas as relações de poder existentes, não indo à procura de uma verdade, mas analisando as disputas discursivas que fazem parte deles e de que maneira os discursos foram selecionados e organizados dentro de um jogo de interesses, construindo também lugares para os homens e as mulheres, lugares instituídos e constituídos pelas relações de gênero.

Seguindo esse conceito de uma produção discursiva, foram utilizadas, na escrita dessa dissertação, autores que trabalharam com essa perspectiva de construção dos discursos e que foram influenciados por Michel Foucault, tanto do século XIX como também do século XX, nas décadas de 1950, 60 e 70, no Brasil e como essa produção discursiva conseguiu construir a identidade da mulher ideal, tentando reafirmar os valores tradicionais relacionados às mulheres, mostrando assim uma tendência à continuidade de discursos que estavam entrando numa crise ocasionada pelas mudanças de comportamentos das mulheres.

O estudo de Jurandir Freire Costa, “Ordem médica e norma familiar”, mostra como os discursos da normatização e da disciplina colocados pelos médicos foram inseridos, no cotidiano de homens, mulheres e crianças, produzindo corpos higienizados e em consonância com a nova organização social que o Brasil passava naquele momento. Assim, a disciplina começou a fazer parte da vida da população junto ao desenvolvimento urbano, adentrando nas casas, modificando seus hábitos, disciplinando e criando normas para os corpos.

Para compreendermos como ocorreu a construção e a reafirmação da figura da mulher ideal, dedicada a ser esposa, mãe e dona de casa, foco dessa pesquisa, utilizamos o trabalho de Fabíola Rhoden (2001), “Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher”, que pesquisou a construção de uma “ciência da mulher”, no século XIX, a qual através do discurso médico, com base nos estudos sobre a mulher e o funcionamento do seu corpo, criou a ginecologia, demonstrando uma preocupação

singular com a delimitação do papel social da mulher com ênfase na valorização da maternidade, num período em que estavam se disseminando as técnicas de controle reprodutivo. O que, por outro lado, estava associado à abertura da possibilidade efetiva de transformação nas relações entre os gêneros na medida em que se tornava viável a conquista de novos espaços para as mulheres através do acesso à educação e ao trabalho fora de casa.

Nesse sentido, a ginecologia estava em sintonia com a proposta mais geral de uma intervenção ampla na sociedade, além de ser também resultado dos significativos desenvolvimentos técnicos e científicos que ocorreram no século XIX. O que vai se relacionar também com a proposta de Michel Foucault (1988) de que esse seria o processo de uma nova apreensão e tratamento disciplinar do corpo. Mais do que isso, Foucault localizou na história do Ocidente uma passagem fundamental associada à invenção de uma sexualidade passível, a um só tempo, de "repressão" e de "liberação".

Para Foucault¹¹, esse seria um "dispositivo da sexualidade" centrado na disciplinarização do corpo, na produção da sexualidade, que o indivíduo moderno é dotado de singularidade. Uma normatização que teve como um de seus principais agentes o médico, definidor de padrões normais e patológicos.

Estudando também a construção do corpo feminino através dos discursos médicos Elizabeth Meloni (2002) numa perspectiva bastante próxima de Rhoden (2001), Meloni investigou essa construção deixando claro que para tratar a condição do corpo feminino na medicina temos de resgatar sua dimensão social, ou seja, a articulação que se estabelece entre condição orgânica feminina e condição social de gênero. A medicalização desse corpo particulariza-se nas implicações específicas da reprodução humana, relacionada por assim dizer à sua condição orgânica.

Para verificar como estava acontecendo o discurso da medicina com relação ao corpo feminino adentrando o século XX, utilizamos a tese da historiadora Patrícia de Freitas (2005), que trata da representação da menopausa em revistas de ginecologia e obstetrícia do início do século XX ao final dos anos 70. Freitas coloca que os artigos das revistas analisadas por ela evidenciaram como o discurso da medicina relacionava “as funções tradicionalmente atribuídas ao gênero, à anatomia e à fisiologia da mulher”.

¹¹ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

Convergindo com os estudos anteriores acerca da produção normativa e disciplinar da mulher, está o trabalho de Margareth Rago (1985), criticando também a noção de maternidade construída dos fins do século XIX e início do século XX, que disciplinando as pessoas, construiu a nova família, redefinindo-a por meio da disciplinarização. Nesse sentido, construiu-se um modelo de mulher, voltada para o lar, dando uma maior atenção aos seus filhos e marido, persuadindo-a a crença no amor materno, com sentimento puro, sagrado, inato à mulher. Sendo mãe, a mulher realizaria sua “vocação natural”.

Tratando ainda do tema “maternidade”, outra leitura nos ajudou a realizar esse trabalho, a exemplo da pesquisa da médica e historiadora Marta de Luna Freire, (2009), que no início do século XX fez a análise de como a “maternidade científica” foi sendo difundida para as mulheres por meio das revistas femininas, “Vida doméstica” e “Revista Feminina”, ambas circularam pelo Rio de Janeiro e São Paulo na década de 1920. Segundo Freire, a valoriza o da maternidade nesse período aconteceu com a inten o de construir a identidade nacional de mãe e filhos, filhos que serviriam   na o brasileira quando adultos. E para isso, foi necessária a união entre mães e médicos, onde as mães aprenderiam a ser aliadas dos médicos nos cuidados com rela o aos seus filhos. Assim, as mães se tornariam “modernas” ao passo que realizassem todos os ensinamentos colocados pela medicina, legitimando o saber médico e disseminando o ideal materno-científico.

Se tornar mãe era uma questão observada pela sociedade como primordial para a vida da mulher, assim como cuidar bem do lar e especialmente do marido, ou seja, “ser boa dona de casa” parecia ser, como diziam os discursos vindos das colunas femininas, uma das grandes fun oes da mulher dentro do lar. Nesse aspecto, a leitura de Michel de Certeau (2011) sobre de que maneira as pessoas inventam o cotidiano através dos afazeres domésticos, da culinária significaram muito para essa pesquisa, já que os cuidados com o lar, a vida doméstica aparecem na maioria das vezes ligados às mulheres, tentamos observar como dentro do espaço reservado a elas socialmente, a cozinha, as mulheres conseguem “tramar” no momento da conquista de seu companheiro.

Seria nesse sentido que a alimenta o simbolizaria muito para as rela oes entre os esposos, como afirmou Certeau, ao dizer que ao cuidar do marido, preparando sua alimenta o, a mulher, aparentemente frágil, arquiteta adequaria o marido às suas

vontades, daria um pequeno “golpe” nele, isso numa “manobra de sedução”. Pois, para Certeau, o amor seria cheio de “uma fantasmagoria de devoração, de assimilação canibal do outro a si mesmo (CERTEAU, 2011:265)”.

E para problematizar a construção da figura da mulher solteira enquanto a identidade negativa utilizamos a pesquisa da historiadora Claudia Maia que trabalhou essa construção a partir do século XIX, observando como, através de quais discursos, foi possível a emergência da solteirona como uma mulher fora da norma, do padrão dito “normal” de mulher.

Ao analisarmos a construção da mulher ideal, casada, mãe, a “rainha do lar”, tornou-se necessário nesse trabalho também problematizar figura da mulher solteira, da mulher que é o oposto da casada. Analisamos como foi construída a identidade negativa para a solteira, e para isso utilizamos como base a pesquisa da historiadora Claudia Maia (2011), que trabalhou essa construção a partir do século XIX, observando como, através de quais discursos, foi possível a emergência da solteirona como uma mulher fora da norma, do padrão dito “normal” de mulher.

Portanto, analisamos a produção discursiva da imagem da mulher solteira enquanto uma identidade de mulher que sofre por não ter se casado, sofre pelas cobranças que a sociedade lhe faz. Logo, a identidade da mulher solteira analisada aqui é a identidade estigmatizada dessa figura da solteirona, da mulher denominada de “vitalina”, “coroa”, a mulher que não seguia o padrão de mulher exigido socialmente, que era o da mulher que reserva sua vida para se tornar esposa, mãe e dona do seu lar.

A PRODUTIVIDADE NORMATIVA PARA O FEMININO NA FAMÍLIA NUCLEAR, NO DISCURSO MÉDICO

1.1. A instituição familiar higienizando as mulheres pela norma, no século XIX

Discutir a relação existente entre casamento, mulheres e família¹², nos faz retornar ao século XIX, no Brasil, época em que a família foi construída e mediada pelos preceitos da higiene para que os seus componentes pudessem se adequar e formar a família ideal, produzindo assim, a normatividade social.¹³ Uma das formas de construir a normatividade social deu-se a partir do discurso médico, no século XIX¹⁴, criando discursos acerca do corpo feminino.

Para que acontecesse essa construção do corpo feminino, a medicina construiu a diferença entre homens e mulheres, fazendo a distinção entre os sexos e com relação às funções e características sociais atribuídas a cada um deles. Nesse sentido, a ginecologia,¹⁵ foi convertida, na “ciência da mulher”, ciência que atribuía à mulher características biológicas específicas, como a do útero, órgão da procriação, da maternidade.

¹² Entendendo por família nuclear, aquela composta pelo pai, mãe e filhos, sendo o pai considerado o provedor familiar.

¹³ A norma, segundo Jurandir Freire Costa, baseado na noção de norma foucaultiana, “tem seus fundamentos histórico-políticos nos Estados modernos dos séculos XVIII e XIX, e sua compreensão teórica explicitada pela noção de “dispositivo”. Os dispositivos são formados pelos conjuntos de práticas discursivas e não discursivas que agem, à margem da lei, contra ou a favor delas, mas de qualquer modo empregado uma tecnologia de sujeição própria.” COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

¹⁴ O século XIX foi cenário, no Brasil, de grandes mudanças políticas e sociais, principalmente, a partir da metade do século, quando algumas instituições do período colonial entraram em crise e viveu-se um processo de transição para uma ordem burguesa, marcada pela proclamação da República e pela abolição da escravidão. A urbanização da sociedade aumentou o contingente populacional das cidades, trazendo a necessidade de uma reorganização dos espaços. Nesse contexto, surgiu a família nuclear, com poucos filhos pelos grandes índices de mortalidade infantil, esse era um dos problemas ocorridos nesse momento. Nesse sentido, o papel do discurso médico era tentar controlar os problemas sanitários da cidade, juntamente com o saneamento dos espaços públicos e principalmente ordenar a vida familiar. MELONI, Elizabeth. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

¹⁵ Especialidade médica dedicada à mulher e à reprodução.

No século XIX, existiam as condições que favoreceram uma divisão sexual do trabalho e a diferenciação atribuída a cada sexo não estava dando conta de traduzir as novas atitudes e comportamentos. A medicina reafirmou e redefiniu as diferenças sexuais, a partir da criação da distinção entre os sexos e também com relação às funções e as características que diferem socialmente homens e mulheres. Sendo assim, os médicos foram os tradutores e legitimadores dos desígnios naturais reservados a cada gênero.

Para Rhoden (2001), essa concepção de diferença, entre os sexos e que mais tarde foi designada como entre os gêneros, foi produzida num contexto de significativas transformações características do século XIX.

Fenômenos como a industrialização, a crescente urbanização, os grandes empreendimentos científicos e tecnológicos, a entrada mais efetiva da mulher no mercado de trabalho, o surgimento de movimentos de reivindicação de direitos calcados nos ideais de igualdade e liberdade (herdados da Revolução Francesa), que singularizaram a época, implicaram, como não poderia deixar de ser, na criação de novas possibilidades de relação entre homens e mulheres. Sobretudo a propagação de um ideário feminista, baseado no direito à educação e ao trabalho, requeria mudanças nas concepções a respeito das relações de gêneros vigentes (RODHEN, 2001, p. 14).

Nesse contexto, a medicina, enquanto saber de produção do sujeito, foi responsável, em grande medida, pelos discursos que colocaram determinados corpos como correspondentes a determinados tipos de comportamentos, como é o caso da associação que fazemos entre a mulher e a maternidade, como se essa correspondência fosse acontecer sempre e de maneira natural e as mulheres tivessem a predestinação à maternidade.

Assim, o gênero foi colocado como que determinado pelo sexo.¹⁶ E homens e mulheres seriam diferentes tanto e em suas características físicas, quanto morais e fisiológicas.¹⁷ E o discurso médico esmerou-se em garantir o rumo dessa distinção,

¹⁶ Segundo Fabíola Rhoden, o contexto era de mudanças, que ameaçavam as relações entre os gêneros, por isso parecia tão importante reafirmar as bases da diferença de gênero. RHODEN, Fabíola. **Uma ciência da diferença**. Sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

¹⁷ Rhoden, coloca que apesar da diferença entre homens e mulheres ser entendida, no século XIX, como natural e pré-determinada, ela mostrava-se instável, e passível de ameaças. “Intervenções originadas no mundo da cultura, como a educação, e o trabalho, poderiam alterar e mesmo “perverter” a diferença tida como natural. RHODEN, 2001, p. 14.

tendo como resultado a construção da mulher que deveria estar preparada para assumir sua posição de esposa-mãe, ao lado de um homem, que seria o provedor. Para isso, preocupou-se com os campos da sexualidade e da reprodução, campos que desembocavam na maternidade. Dissociar o par mulher - reprodução poderia ser uma grande ameaça. E controlar a natalidade, a educação e o trabalho feminino, questões que ligavam a mulher à sua emancipação, foram maneiras de organizar a sociedade.¹⁸

Por isso é que Rhoden (2001) coloca que do início do século XIX e, nas últimas décadas dele, a maternidade foi valorizada pela medicina que tinha uma enorme preocupação em delimitar o papel social da mulher. O que não acontecia com relação ao homem.¹⁹ Isso era perceptível a partir das teses produzidas nas faculdades de medicina dessa época, sendo em sua maioria pesquisas sobre sexualidade e reprodução.²⁰

Por isso Rhoden (apud Foucault, 1994), colocou que foi, no século XIX, que a construção social, em torno do feminino, se tornou mais importante, se diferenciando do século XVIII, onde se falava mais do sexo masculino. Foi também nesse século que a mulher passou a adquirir maior importância médico-social, principalmente em função das questões ligadas à maternidade, aleitamento, masturbação. Sendo nesse período que o argumento para a construção da diferença entre os sexos ganhou mais destaque.

Seria também no século XIX que o argumento da diferença natural e imutável ganhou cada vez mais destaque. De acordo com o autor, a noção de diferença sexual ou a própria idéia de dois sexos biológicos distintos é uma concepção que pode ser, historicamente, contextualizada em torno dos séculos XVIII e XIX. E até essa época, predominava um só modelo, que foi herdado dos gregos, que admitia a existência de apenas um sexo biológico, enquanto o gênero se apresentaria em pelo menos duas possibilidades. E nesse caso, homem e mulher não seriam definidos por uma diferença intrínseca em termos de natureza, de biologia, de dois corpos distintos, mas apenas em termos de um grau de perfeição.²¹

¹⁸ É a partir dessas questões “que a medicina da mulher se constitui não somente como o estudo e tratamento das doenças, mas como uma ciência da feminilidade, da diferença sexual e das desordens sociais relacionadas com as ameaças à delimitação dessa diferença.” RHODEN, 2001, p. 109.

¹⁹ O que não acontecia com relação ao homem. RHODEN, 2001, p. 109.

²⁰ E quando tratavam de sexualidade e reprodução, falava-se sempre em mulheres, nunca em homens. RHODEN, 2001, p. 113.

²¹ Assim, os órgãos reprodutivos eram vistos como iguais em essência e sua percepção era moldada pelo padrão masculino. O modelo, inspirado na filosofia neoplatônica de Galeno, via a mulher como um homem invertido e inferior. Invertido porque seus órgãos sexuais eram os mesmos dos homens, só que voltados para dentro. Assim, o útero era o escroto, os ovários, os testículos, a vagina, o pênis, e a vulva, o prepúcio. RHODEN, 2001, p. 114.

1.2. A puberdade e a menopausa: a natureza produzindo diferenças entre homens e mulheres

A partir das teses dos médicos do século XIX feitas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, podemos ver que a puberdade foi considerada como o momento onde aconteceria uma “crise” da mulher, podendo ser perigosa tanto para as próprias mulheres como para a sociedade. Em uma das pesquisas sobre a puberdade feminina, o médico João das Chagas e Andrade, na tese, “A puberdade da mulher” do ano de 1838, item “idéia geral a respeito da mulher”²², coloca o que para ele seriam as características femininas, na puberdade:

[...] que fazem da mulher um ser essencialmente diferente do homem em função do papel que a natureza lhe teria reservado. Tais características podem incluir peculiaridade quanto à voz, que é mais fraca, terna, doce e aguda; ao sono, menos profundo, de menor duração e mais perturbado; à digestão, que exige menor quantidade de alimentos; à respiração, que produz menos sangue; e mesmo à circulação, que é mais viva e dota melhor as artérias da bacia para fornecer mais sangue aos genitais (RHODEN, 2001, p. 117).

E as outras partes do corpo feminino também colaboravam para o entendimento de que maternidade era própria para elas, como a bacia, por sua largura, era propícia para a gestação. Características que segundo a medicina que estudava a puberdade feminina, significavam que o corpo da mulher era a lugar onde a maternidade residiria. Além disso, a mulher era considerada mais sensível do que o homem, tinha uma maior fragilidade, seus sentidos mais delicados, e as sensações mais vivas, “[...] seus olhos não suportam a luz forte por muito tempo e nem seus ouvidos agüentam o barulho de um canhão (RHODEN, 2001, p. 118).

Por esses motivos é que a natureza já teria definido homens e mulheres para cada um preencher funções específicas. Diante disso, os saberes sobre as mulheres qualificaram como mais afetiva, enquanto o homem seria dotado de inteligência. Assim, para lidar com política e com as ciências, só havia chances para o homem, pois para

²² Nesse item, o médico fala ainda sobre os ossos das meninas, a cabeça, o pescoço, as clavículas, o tórax, o pulso, e a circulação, tudo em relação ao do menino, que sempre era, segundo o médico, mais forte que na menina, que por essas características já demonstrava seu destino biologicamente. RHODEN, 2001, p. 117.

tratar de questões públicas, era importante ser dotado de inteligência, enquanto a mulher tinha um perfil que se identificava com o mundo privado, particular.

Para sintetizar essa ideia dos discursos médicos do século XIX, podemos perceber a justificativa deles para designar homens e mulheres em suas funções sociais:

Já vimos que, em conseqüência do tamanho e da conformação dos ossos, da pequenez e moleza dos músculos, todos os movimentos são morosos, e que por isso mesmo a vida sedentária se lhes torna como necessária, correspondendo no físico à fraqueza que temos notado no moral [...]. Além de não ter capacidade mental para o mundo público, a mulher também não tem capacidade física, só lhe restando permanecer no lar (RODHEN, 2001, p. 119).

O corpo das mulheres, que era considerado muito diferente, quando comparado ao dos homens, no que diz respeito à medicina, significava fragilidade e fraqueza, tipologias que eram levadas também para outros campos, como para a moral. Nesse sentido, as brincadeiras tinham que ser as mais cuidadosas, delicadas, como a de bonecas, por exemplo, que justificavam a natureza maternal das meninas, o que mais tarde, elas aplicariam aos seus esposos e filhos. As meninas eram também, segundo a medicina: dissimuladas, sabiam agradar, tinham o choro e a timidez, como alguns artifícios que usavam para atrair o sexo oposto.

O aparelho reprodutor feminino foi a forma mais marcante do saber médico afirmar a diferença entre homens e mulheres, pois os órgãos femininos eram dispostos de “uma maneira diversa daquela que estão no homem”, (RHODEN, 2001, p. 119). E o médico João das Chagas e Andrade reforçava sua tese, dizendo ainda que ao homem cabia lidar com a natureza e com os entes animados através de sua inteligência. À mulher só restava o poder de sedução, em relação ao homem. E sobre as mulheres inteligentes, cultas e famosas, como toda exceção, dizia-se que tinham deslizado em seus deveres que a sociedade tinha lhes imposto, como os cuidados com o lar e com a família. E assim à mulher caberia uma maior responsabilidade na procriação.

[...] Ela nos fornece o gérmen do ovo. É dentro dela que esse gérmen se desenvolve e é nutrido durante toda a gestação. E é também à mulher que cabe parir e amamentar. Para a realização de todos esses atos da geração, o corpo feminino dispõe de quatro aparelhos. O primeiro é o da germinação e compõe-se dos ovários e trompas (RHODEN, 2001, p. 119).

Ainda fariam parte dos quatro aparelhos do corpo feminino, o da gestação, composto pelo útero, onde o feto se desenvolveria. O terceiro aparelho seria o da copulação, considerado o órgão mais importante. Através dele, a mulher conseguiria manter a função de perpetuar a espécie, para os médicos. O quarto e último aparelho, segundo os médicos, era aquele destinado à geração, e foi nomeado de lactação.²³

Segundo o médico João das Chagas de Andrade a puberdade seria uma fase onde a menina começa “[...] a respirar o doce e imperioso sentimento da reprodução”. Nessa época da puberdade é que a menina estaria sendo preparada pela natureza para sua função reprodutiva, pois iria começar a menstruar, mudança física que mostrava que seu corpo já estava pronto para a maternidade.²⁴

Outros médicos do século XIX, como o doutor José Joaquim Firmino Júnior, mostram uma continuidade nas definições relativas às características que diferiam homens de mulheres, dizendo que a função reprodutiva, o repouso e a quietude, eram questões próprias para a mulher e o poder de raciocínio, a força física, e o movimento para o homem. Essa seria a ordem natural das coisas para a medicina da época: homens seriam racionais e fortes, enquanto as mulheres emocionais e frágeis.

Nesse sentido, as teses médicas desse período afirmavam que entre homens e mulheres não poderia haver igualdade de funções, pois a vida da mulher convergiria para um único fim, a reprodução da espécie, sendo uma época em que a menina deixava de viver para si, se preparando apenas para a reprodução, para os filhos, que um dia iria deixar a posteridade.²⁵ Nesse caso, a mulher, segundo o discurso higiênico, nascera para a família e para a maternidade e nunca para outras coisas. Sobre ela dizia-se:

A mulher (...) não é feita para figurar no liceu ou pórtico, nem no ginásio ou hipódromo; e seu destino sendo o de estabelecer o encanto e o doce da família ainda sua vida inteira não era muita para os numerosos cuidados que esta reclama.” Os sinais de sua vocação eram imperceptíveis desde a mais tenra idade: “Com efeito desde a sua infância, a mulher começa a manifestar os

²³ A reprodução é apresentada como uma função eminentemente da mulher. Dessa forma, não tinha necessidade de diferenciá-la em relação ao papel exercido pelo homem. RHODEN, 2001, p. 120.

²⁴ Seria também nessa fase que, segundo a medicina do século XIX, apareciam as perturbações como a histeria, a loucura, a ninfomania. E para que essa desarmonia física não acometesse as meninas na puberdade, elas tinham que seguir regras de higiene que impedissem essas manifestações. RHODEN, 2001, p. 122.

²⁵ Por ser responsável pela reprodução da espécie, é que as mulheres ganharam ares de divindade, era como se fossem quase Deusas, porque davam a vida, a luz. RHODEN, 2001, p.123.

doces sentimentos que devem sucessivamente tornar amante, esposa e mãe [...] (COSTA, 1979, p. 239).

Por ter essa tarefa primordial, o dom de dar a vida a alguém, é que as mulheres não poderiam se ocupar com outras questões, como a intelectualidade, diziam os médicos. A mulher seria muito sensível, mas não para usar a racionalidade, como os homens, cabendo a ele o papel mais produtivo, racional. Uma mulher não poderia, por exemplo, pegar em armas ou se dedicar às funções ditas masculinas, pois prejudicaria sua função social, entrando no mundo masculino.

Essas diferenças só se tornariam mais expressivas mesmo com a puberdade, pois nessa fase é que os contornos femininos surgiam demonstrando que a menina estava pronta para se tornar mãe. Os médicos por sua vez esclareciam essa preparação do corpo feminino para a maternidade, sempre comparando ao masculino. Sendo que na puberdade o corpo da mulher chegaria à estatura que lhe era própria, menos elevada que a do homem; a cabeça era menor do que a do homem e arredondada, coberta por cabelos leves e flexíveis; o colo era mais longo; o tórax era menos alto; as clavículas menos curvas; os seios mais volumosos; a bacia tinha a capacidade necessária para dar lugar ao parto; as coxas eram mais curtas e as pernas menos longas. E no final da puberdade, os ovários cresciam e logo vinha a secreção vaginal o que demonstrava que a menina já havia virado mulher, podendo naquele momento se tornar mãe.

As características femininas, mostradas pela medicina do século XIX, colocavam a puberdade como um momento ímpar para a vida da mulher, momento esse em que delimitava a transformação de uma menina em uma mulher-mãe. Para eles, a mulher só perceberia o sentido de sua vida a partir da puberdade²⁶, quando seu corpo passaria pelas mudanças que mostrariam o caminho a seguir por elas, o da gestação, do parto, da amamentação, dos cuidados com filhos e marido.

O corpo feminino na puberdade acordaria do sono em que se encontrava e se preparava para o amor. Tal preparação para o amor dita pelos médicos dizia respeito às mudanças ocorridas no período da puberdade, quando surgiam os pelos, o aumento da vagina, o clitóris, e o hímen se distenderia, marcando a virgindade, modificações pelas

²⁶ O doutor José Joaquim Firmino Júnior em sua Tese “Mulher em geral: menstruação e suas causas”, argumentou que somente na puberdade a mulher deixaria de significar um “equivoco”, nesse momento as mulheres passariam a ter consciência de seu sexo em que seu corpo era preparado para a reprodução da espécie. RHODEN, 2001, p. 125.

quais o corpo da menina passava, na puberdade, e que, segundo os médicos, diziam que ela estava pronta para o amor ou o sexo. Deixando claro que a puberdade era uma época de preparo do corpo para o amor e o sexo, mas também era colocado pelos estudos médicos da época que nesse momento surgia, na mulher, sentimentos como o pudor, a alegria, a tristeza, a cólera e a melancolia.²⁷

A menstruação seria ainda “a bússola da mulher”, época que marcaria um novo momento da vida da mulher, onde a moça começaria a sentir enjoos, fadiga, dores, sensação de cabeça pesada, vertigens e entristecimento. Quando passavam a menstruar, aumentavam os problemas, nas moças que viviam nas cidades, pois nelas as menstruações ocorriam antes, como colocavam os médicos, do tempo projetado naturalmente, enquanto que as moças que moravam no campo tinham sua menstruação num período mais adequado, tempo previsto pela natureza, era uma relação entre corpo e natureza, interpretada por alguns médicos.

Um problema que poderia ocorrer, na época da puberdade das meninas, e pelo que falavam os médicos em suas teses, e que ocorria bastante, era a prática da masturbação. Os colégios, para os médicos, eram um grande reduto da masturbação, uma prática que para eles era muito prejudicial para ao sistema reprodutivo feminino²⁸, o que também aumentava a exaltação erótica das moças. Por isso, era preciso tirá-las dos colégios, nesse período para evitar essa prática, já que dentro dos colégios se tornava impossível vigiá-las. Assim, os médicos receitavam distrações como leituras de história, geografia, belas letras, além de aplicações de religiosidade e moral. Também receitavam uma vigilância ativa, juntamente com uma dieta especial com vegetais, exercícios, dormir tarde e acordar cedo, para gastar as energias, tudo isso fazia parte das prescrições.

A chegada da menstruação, tarde demais, significava problemas, diziam os médicos, pois a moça não estaria bem de saúde. Para elas, o regime indicado pelos médicos era um pouco diferente do das moças que tinham muita energia para gastar deveriam tomar banhos de mar, águas minerais, tônicos, sangrias, habitar lugares arejados e secos, mudar de ares, passear, viajar, beber vinhos moderadamente, se alimentar adequadamente, com alimentação fortificante e ainda tinha uma prescrição

²⁷ Essa gama de sentimentos deixava as mulheres ainda mais irresistíveis, pois lhe davam certo charme, diziam os médicos. RHODEN, 2001, p. 127.

²⁸ As moças nos colégios praticavam a “viciosa” masturbação, que para os médicos irritava os órgãos genitais, acelerando o aparecimento das funções uterinas. RHODEN, 2001, p. 128.

médica um pouco excêntrica, que consistia na aplicação de choques elétricos nas partes genitais, assim teria fim a apatia e falta de energia próprias do aparelho genital.²⁹

As meninas-moças tinham que estar preparadas para o momento em que a menstruação chegasse, para que, não ficassem envergonhadas, quanto a isso. Algumas ignoravam que a natureza um dia modificaria seu corpo, diziam os médicos, tornando-as mulheres e muitas vezes por ignorar o momento da menstruação ou vergonha, escondiam de seus familiares o que estava acontecendo. Por esse motivo, as mães foram chamadas a prepará-las para a chegada da puberdade. Elas deveriam ser prudentes, sensíveis, zelosas para que suas filhas ficassem bem com relação à saúde. Tornaram-se assim, colaboradoras dos médicos que lhes passavam os ensinamentos e elas repassavam para as filhas, detalhes como:

[...] não tomar banhos com água fria, se abster de bebidas frias, geladas, excitantes ou alcoólicas, como sorvetes, café, chá ou licores: elas evitarão com todo cuidado cheiros fortes que algumas vezes se acham espalhados na atmosfera: poder-se-ia citar um cem número de casos de moças incomodadas grandemente, por terem a imprudência de habitar em quartos pintados de novo, e dormir onde há rosas, jasmims, e outras flores de cheiro ativo. É prudente que não se sentem sobre corpos frios e úmidos: os panos empregados em receber os sangues das regras, à medida que se escapa das partes genitais, deverão ser sempre bem secos, e aquecidos brandamente, antes de serem empregados (RHODEN, 2001, p. 133).

Contudo, as maiores exigências dos médicos do século XIX eram mesmo com relação à educação dada pelos pais às filhas. Para que a moça fosse educada sem fugir às condutas prescritas, as mães não deveriam proibi-las de uma educação intelectual mais aprimorada. Não deixá-las estudar demais, dedicarem-se muito às leituras, o que nos dizeres médicos, poderia gastar muita energia, que tinha que ser guardada para ser empregadas no amadurecimento do órgão reprodutor. O que poderia causar a demora no aparecimento da primeira menstruação, nesse caso, o esforço mental poderia ser um problema para a moça que entrava na puberdade.³⁰

²⁹ Os médicos se preocupavam com o período da menstruação, que não poderia ser tardio ou cedo demais, para que não ocorresse nenhum problema com o sistema reprodutivo das moças. Por isso, elas deveriam seguir as regras da higiene médica, visando uma boa conformação dos órgãos genitais. Ou seja, a sexualidade feminina estava sempre ligada à reprodução. RHODEN, 2001, p. 130.

³⁰ Diziam os médicos: “(...) A espécie de império, que exercem na sociedade, exige que elas não sejam ignorantes; porém não lhes é devido o mesmo grau de instrução dos homens, cujos destinos partilham e

Em um outro momento da vida da mulher, aquele que anuncia a chegada da menopausa, vemos o que era dito, segundo o saber médico, sobre essa fase denominada pelos médicos de “idade crítica”, porque a preocupação deles era com o desaparecimento da capacidade reprodutiva, na vida da mulher.³¹ É perceptível que houve uma construção feita pela medicina sobre a puberdade que afirmava ser o momento em que a mulher se tornaria bela, enquanto na menopausa, aconteceria o contrário, a mulher perderia todos os atributos belos que teria conseguido com a puberdade.

A menopausa seria então o inverso da puberdade, onde “[...] os ovários se atrofiam, diminuindo em todos os seus diâmetros e apresentando o seu invólucro enrugado. O útero parece passar a um estado de vida vegetativa, assim como as mamas” (RHODEN, 2001, p. 135).

A “idade crítica”, como dizia os médicos, era colocada por eles como um momento de decadência da vida da mulher, um período onde terminava a missão que a natureza encarregava à mulher: a de gerar vidas. Pois,

[...] a idade crítica muito a propósito denominada inferno das mulheres, fazendo-as passar de uma estação de gozos, e de alegria a uma época de terríveis padecimentos, as submerge por todo o resto de sua vida em um vasto golfo de penalidades e aflições. Todas as suas belezas desaparecem como por encanto; a nitidez de sua lisa pele foge; seu formoso, e imberbe rosto cobre-se de alguns pelos no mento, e lábios; a grande abundancia de tecido celular subcutâneo some-se; os seus músculos murcham; e suas arredondadas formas tornam-se rugosas, e ásperas (RHODEN, 2001, p. 135).

Na menopausa, a mulher parecia estar num estado de decrepitude, decaindo. Os médicos, em suas teses que tratavam dessa fase da vida feminina, falavam sobre esse momento como sendo de tristeza para a mulher, onde a mulher ficava abatida, lânguida, os tecidos e a pele, ficavam flácidos, perdendo suas formas graciosas; a voz tinha alterações, os olhos perdiam sua vivacidade, os cabelos a espessura, a língua tornava-se

embelezam. O estudo moderado das artes de recreação é o único que lhes convém; porém somente como meio de adoçar as tristezas, suavizar o aborrecimento da solidão, lançar sobre o curso de sua vida doces e agradáveis distrações, de variar enfim os prazeres distraíndo-os em seus trabalhos (...)” RHODEN, 2001, p. 134)

³¹ Mesmo assim, foram produzidos poucos trabalhos acerca do tema da menopausa durante o século XIX, aparecendo mais trabalhos sobre esse tema, já no final do século. O que pode estar relacionado à valorização feminina, quase que exclusivamente, no período reprodutivo. RHODEN, 2001, p. 134-135.

seca, os seios moles, enfim, “[...] todo esse corpo cai numa espécie de deterioração, marchando a largos passos para a velhice” (RHODEN, 2001, p. 136).

Nesse período, segundo a medicina, a digestão tornava-se lenta, o apetite diminuía, a mulher urinava em abundancia, sentia frios súbitos e espontâneos, tinha secreção abundante da saliva, diminuição da transpiração cutânea, constipação do ventre, etc. Somado a essas características físicas, o moral feminino, pelos dizeres médicos, sofria mudanças também:

[...] A mulher torna-se morosa, inquieta, taciturna, muito sensível; o prazer lhe é indiferente, agasta-se com seus filhos e marido sem causa alguma; o repouso tem para ela mais encanto, do que o exercício; sua vista torna-se muito sensível, e é a este aumento de suscetibilidade dos nervos óticos (...) (RHODEN, 2001, p. 136).

Haveria uma “perturbação” das funções femininas, na menopausa: perda dos vários atrativos que uma mulher tinha e de suas capacidades. O discurso médico era bastante radical, quando se tratava de falar sobre essa fase. Assim, dizia que a mulher na menopausa já teria cumprido seu destino, sua missão sobre a terra, a idade dos prazeres terminava, sendo substituída por uma felicidade tranquila, sem paixões. A mulher na menopausa, era agora uma “divindade secundária”, sem adoradores, pois “[...] A verdadeira e santa amizade preenche o lugar desses loucos amores de sua mocidade, os prazeres domésticos e a felicidade de ver seus filhos possuindo uma educação religiosa, moral e intelectual, completam toda sua dita” (RHODEN, 2001, p. 136).

Na tese do ano de 1878, de José Teixeira de Coelho, redefine algumas posições acerca do papel da mulher na sociedade, inovando, para a época, ao colocar que a mulher não seria mais considerada simples instrumento de procriação, ocupando, segundo o médico, um lugar mais “honroso” dentro da sociedade, ajudando o homem no seu engrandecimento.³²

Porém, o “novo” lugar, que as mulheres ocupam naquele momento, estava relacionado a mais uma obrigação que era a de também educar os filhos e se responsabilizar pela transformação deles em indivíduos saudáveis e bons cidadãos para

³² Porém, vemos que a mulher continuou sendo coadjuvante nas relações entre ela e o homem.

a pátria.³³ Se antes, a mulher tinha como atribuição ‘dar a luz’, no final do século XIX, mais essa atribuição lhe seria dada a partir dos discursos vindos das teses médicas, o que lhes dava uma responsabilidade ainda maior quanto aos filhos.

Nas últimas décadas do século XIX, era uma preocupação do discurso médico dar à mulher um papel social que não se restringisse apenas à maternidade, à procriação, questão que pode ser observada a partir da revisão que eles fizeram, reavaliando o que suas teses tinham dito anos antes, refletindo a tendência da época de que o casamento teria como consequência a redefinição do valor atribuído à mulher. Embora essa revisão continuasse levando a mulher a viver somente as funções de mãe e esposa, dentro da vida familiar.

1.3. Controlando o corpo feminino, controlando a natalidade

Levar a mulher a contribuir cada vez mais em relação à família, seria necessário para que o casamento gerasse crianças saudáveis, que resultariam em cidadãos úteis à nação. Por isso, os médicos afirmavam que somente o casamento saudável e ordenado poderia organizar a sociedade, pondo fim a qualquer risco acerca da reprodução da espécie que deveria ocorrer da melhor forma. Somente através dele, homens e mulheres trariam o equilíbrio das raças e o progresso da civilização.³⁴

Nesse sentido, a medicina do século XIX passou a investir no controle da natalidade, na tentativa de controlar o corpo feminino, considerando que as mulheres dessa época faziam uso de contraceptivos como camisinhas, pessários (dispositivo que cobria o colo do útero impedindo a fecundação), diafragmas, seringas e abortivos. Além dos métodos tradicionais como o coito interrompido que era recorrente.³⁵ O que os

³³ Nesse final de século houve uma valorização da mulher sem precedentes no que se refere à reprodução de uma ordem com base na família, que teve início dentro da medicina. A mulher tornou-se importante como uma reserva moral dentro da sociedade, levando em consideração que estava mais próxima do que o homem da religião, do amor, da abnegação, da dedicação aos outros. RHODEN, 2001, p. 137.

³⁴ Esse pensamento estava atrelado ao pensamento higiênico e eugênico que, nesse período, circulava pela sociedade, na preocupação de construir uma raça pura, forte, saudável, que levasse a uma nação perfeita.

³⁵ Essas práticas de contracepção foram bastante utilizadas já no século XIX pelas mulheres e eram anunciadas segundo Rhoden (2003) em jornais e revistas vendidas em lojas e farmácias e até mesmo de porta em porta. Nos Estados Unidos desse período, a prática do aborto se tornou uma questão polêmica,

médicos higienistas não viam com bons olhos, pois além dessas práticas a do aborto também passou a ser contínua para as mulheres que procuravam controlar sua natalidade.³⁶

O controle do corpo pelas mulheres, por meio da contracepção, trazia vários problemas, como a diminuição no número de filhos.³⁷ Essa queda na taxa de natalidade foi observada pela medicina como um grande problema, pois além dessa queda na natalidade, o que diminuía a quantidade de futuros cidadãos que garantissem o progresso da nação, havia também o fato de que as mulheres estavam se tornando mais emancipadas, preocupando as autoridades no assunto quanto à liberdade sexual, que surgia em decorrência do controle na reprodução feminina.

Controlar o corpo, tendo controle do número de filhos gerados, trouxe também para a mulher a possibilidade de trabalhar fora do lar, o que não agradava aos médicos. Assim, as grandes famílias iam perdendo espaço para as famílias de poucos membros.

E um dos motivos que influenciava nas mudanças ocorridas com as famílias seria a questão referente ao trabalho feminino, que basicamente diferenciava mulheres pobres das mulheres ricas, já que ambas trabalhavam por motivos diferentes: onde geralmente as mulheres mais pobres saíam de seus lares em busca de trabalho para poder colaborar financeiramente com seus maridos, isso quando os tinham; já as mulheres ricas quando iam trabalhar muitas vezes era em atividades filantrópicas, beneficentes, de caridade. As mulheres pobres, na maioria das vezes, se empregavam como domésticas ou nas fábricas de roupas, de chapéus, de sapatos, de vassouras, cestas, velas, sabão. Outras mulheres, com um pouco mais de instrução trabalhavam em funções como de professora, secretárias, enfermeiras.

A inserção das mulheres, no mercado de trabalho assalariado, ganhou força mesmo a partir da primeira guerra mundial. Para Freire (2009), no Brasil as mulheres passaram a trabalhar fora de seus lares no pós-guerra, entre os anos de 1920 e 1940, onde elas passaram a disputar o mercado de trabalho com os homens.

Principalmente a partir do impacto das campanhas feministas.

³⁶ A partir das pesquisas de Rhoden (2003), foi perceptível que a prática de abortos foi usada principalmente pelas mulheres de classes menos favorecidas, que teriam menos acesso aos contraceptivos.

³⁷ Embora Rhoden coloque que existia também como motivo para a baixa natalidade no século XIX, há a questão da difusão dos valores e atitudes com relação a uma vontade dos casais de diminuir seu número de filhos ou espaçar os nascimentos deles.

Mas, mesmo o trabalho feminino, sendo feito pelas mulheres pobres ou ricas, era considerado:

[...] tão ameaçador quanto outras atitudes emancipatórias, uma vez que deslocava os papéis conjugais destinados por Deus: a autoridade ao marido e à obediência à esposa. A “invasão” do espaço urbano através do trabalho externo assalariado não reduziu as cobranças e exigências morais dirigidas às mulheres [...] (FREIRE, 2009, p. 61).

Portanto, questão de conciliar o trabalho assalariado com o trabalho do lar, principalmente, nas classes pobres tornou-se desafiador para os intelectuais e reformadores da República, que se preocupavam com o abandono dos filhos pelas mães que trabalhavam fora do lar, pois, assim, o projeto dos papéis femininos, na família nuclear, estava sendo pulverizado.

Trabalhar fora de casa, assim como sair da vida doméstica, significava para os teóricos, médicos e economistas da época que a mulher destruiria a família, tornando os laços familiares mais frouxos, debilitando também a raça, porque os filhos iam crescer soltos, sem a vigilância das mães. Essas, por sua vez, deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, trabalhando fora de seu lar. Na época, se falava que a mulher que trabalha fora, se desinteressava pelo casamento e pela maternidade. Assim,

[...] De que modo as mulheres que passavam a trabalhar durante todo o dia, ou mesmo parcialmente, poderia se preocupar com o marido, cuidar da casa e educar os filhos? O que seria de nossas crianças, futuros cidadãos da pátria, abandonados aos anos mais importantes de formação de seu caráter? (RAGO, 1997, p. 585).

Segundo a medicina que circulava durante o século XIX, era preciso lutar contra o trabalho da mulher fora do lar, pois o trabalho seria uma ameaça à honra feminina. Operários militantes, juristas, jornalistas, diziam que a fábrica, lugar onde geralmente muitas mulheres trabalhavam entre o século XIX e início do XX, eram “antros de perdição”, “bordéis”, e as trabalhadoras vistas como pessoas passivas e indefesas. O que levava muitas vezes a mulher a crer que seu lugar era a esfera privada.³⁸

³⁸ Para justificar e manter a mulher, na esfera do lar, com a ajuda do discurso de uma “natureza feminina”, os médicos escreveram também sobre o sexo antes do casamento, condenando para as mulheres e liberando para os homens, porque segundo eles, esses últimos teriam o instinto sexual mais intenso que as mulheres, que por sua vez tinham um amor mais ideal, sentimental. Por isso, elas tinham uma relação tão profunda com a família, com os filhos.

Por isso, para os defensores das altas taxas de natalidade³⁹ era preciso combater o individualismo excessivo por meio da valorização da família, que estava acontecendo por causa do controle do corpo pelas mulheres, ameaçando a construção de uma pátria saudável, forte, higienizada. E esse combate à emancipação feminina seria feito por meio da valorização da família e da maternidade. Portanto, era necessário que fossem tomadas medidas que reforçassem o ideal de família, combatendo o aborto, o divórcio, o trabalho feminino, dando incentivos às famílias grandes e privilégios aos chefes de família. Para aumentar o combate à emancipação das mulheres, as organizações e movimentos feministas que defendiam os direitos delas foram duramente atacados.

A mulher dentro do casamento tinha uma grande missão, já que desempenharia os deveres de mãe e filha. E a medicina acreditava ainda que contribuiria muito para o “engrandecimento e a satisfação da família”, ao educar seus filhos, elevando a família a um *status* moral que uma mulher conseguiria. Pois a sociedade, segundo as teses médicas, proviria da família, que tinha, na mulher, sua fonte de harmonia. A mulher deixava de ser apenas reprodutora, acumulando mais uma função e não saiu do mundo doméstico, já que as virtudes atribuídas a ela referiam-se à vida privada do lar e da família.

Construindo a ideia de uma “natureza feminina”, os discursos médicos justificavam essa “missão” da dedicação exclusiva ao lar que as mulheres teriam e baseando-se, na questão física ou biológica da mulher, na sua capacidade de gestar, parir, amamentar e menstruar. Desse modo, decorreria daí as justificativas para que o corpo feminino fosse relacionado diretamente à maternidade e ao instinto maternal.⁴⁰ Dessa forma, buscava-se com essa justificativa reafirmar a relação mulher, à maternidade, enquanto uma identidade fixa, eterna. O amor incondicional da mãe pelos filhos seria natural e negava-se à cultura como mediadora dessa construção identitária para as mulheres.

Na construção da natureza feminina pesquisada por Meloni (2002) foi perceptível à influência de teses médicas européias sobre essa construção, que tinham

³⁹ Na França do século XIX, a política familialista e natalista converteu-se no remédio que permitiu mudar clima moral do país, marcado pela união livre, abandono da família, divórcio, egoísmo conjugal, aborto, leviandade sexual e deboche. RHODEN, 2003, p. 34.

⁴⁰ Embora possamos afirmar que segundo alguns estudos sobre a maternidade, como o de Badinter (1985), que questões biológicas ou físicas presentes nos corpos das mulheres podem não ter o mesmo significado em outras culturas, revelando-se então como construções sociais que dependem do contexto em que estão inseridas. MELONI, 2002, p. 31-32.

servido de base para os estudantes brasileiros do curso de medicina concluir suas teses. Os médicos brasileiros procuravam entender o aspecto biológico do corpo feminino para saber suas especificidades. O corpo feminino ficaria sob a tutela da medicina, enquanto saber, e seus cuidados ficariam subordinados ao controle do profissional da medicina.

A mulher era diagnosticada pelos médicos como possuidora de um corpo natural, essencialmente maternal, reprodutivo e sua sexualidade deveria estar relacionada a essas características. Aquelas que se desviassem dessa norma eram nomeadas de “degeneradas”, “desnaturadas”, pois a natureza feminina tinha que ser procriadora e maternal. Nesse caso, a sexualidade feminina também tinha que estar de acordo com os discursos médicos que afirmavam que ela era procriadora por excelência. A mulher teria uma “essência” fisiológica relacionada aos seus sentimentos, comportamentos e atitudes.

Na construção da mulher ideal, higiênica, a mulher passou por um período de crítica, sendo reduzida ao confinamento doméstico, portanto educá-las era um passo primordial, o que resultaria na própria educação de seus filhos e, conseqüentemente, na concretização do projeto idealizado pela campanha higienista. Seguindo a orientação desse projeto de uma educação voltada para a mulher, os médicos explicavam o motivo pelo qual elas tinham que ser educadas, dizendo que as mesmas não tinham desenvolvido sua capacidade cerebral por ter se servido pouco dele e ainda afirmava: “A educação das mulheres é necessária, a mulher precisa ser educada para poder educar os filhos [...]” (MELONI, 2008, p. 35).

Educando⁴¹ as mulheres, nascia a mãe higiênica, colonizada pelo saber médico. A mãe higiênica deveria ter todo um cuidado com os filhos, amamentando-os, numa relação amorosa com seu bebê. A amamentação foi uma das maneiras que os médicos encontraram para preparar, educar a mulher para se tornar uma boa mãe. Por isso, os médicos condenavam a prática do aleitamento materno mercenário⁴², afirmando que era

⁴¹ Para educar as mulheres, o ensino da educação física atuaria também na sua saúde corporal, proporcionando corpos sadios que gerariam crianças sadias. O desenvolvimento de uma sociedade sadia dependeria do desenvolvimento físico, intelectual, espiritual das mulheres. Ver MELONI, 2002, op. cit., p. 36.

⁴² O aleitamento mercenário acontecia quando as mães deixavam seus filhos para ser amamentados por nutrizas, fossem elas amas de leite ou escravas. Isso era criticado pelos médicos do século XIX porque se tornava uma maneira pela qual eles conseguiam penetrar no interior familiar, redefinindo os papéis de cada pessoa. RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar**. A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

um mal a ser combatido, pois as mulheres não deveriam fugir de sua vocação natural, de cuidar de amamentar seus filhos.

A “nova mãe” passava através desses discursos a desempenhar um papel fundamental no nascimento da família nuclear moderna. Segundo esses discursos, essa mãe moderna tinha que ser:

[...] vigilante, atenta, soberana, no seu espaço de atuação, ela se torna a responsável pela saúde das crianças e do marido, pela felicidade da família e pela higiene do lar, (...). A casa é considerada como o lugar privilegiado onde se forma o caráter das crianças, onde se adquirem os traços que definirão a conduta da nova força de trabalho do país. Daí a enorme responsabilidade moral atribuída à mulher para o engrandecimento da nação (RAGO, 1985, p. 80).

O discurso médico, além das teses para explicar e divulgar a necessidade da mulher no lar, buscava também respaldo também dessa ideia de uma nova mulher moderna na concepção do filósofo Jean Jacques Rousseau⁴³, que afirmava que a mulher não poderia se desviar do seu caminho já traçado pela natureza, a família e a maternidade. Nesse aspecto, a maternidade era vista enquanto sacerdócio, sendo a boa mãe, a que cuidava de seus filhos, que os aleitava considerada uma santa, totalmente dessexualizada, pura.⁴⁴ Essa aproximação da mulher-mãe a uma santa serviu para dirigir mais ainda as mulheres ao lar e à procriação.

Essa dessexualização⁴⁵, vivida pelas mulheres-mães, ficava clara no cotidiano das mulheres, quando os médicos, no período em que elas estavam gestantes, restringia ao máximo suas relações sexuais, a fim de evitar abortos e outros problemas que poderiam acontecer, durante a gestação. Por que “A mulher grávida é o santuário que abriga o germe do futuro cidadão. Todo o contato impuro lhe será profanação” (COSTA, 1979, p. 262).

⁴³Jean-Jacques Rousseau, foi um importante filósofo, teórico político, escritor e compositor. Autodidata suíço do século XVIII é considerado um dos principais filósofos do Iluminismo e um precursor do romantismo. Segundo Rousseau, o corpo e a alma femininos são governados pelo sexo. Ver RHODEN, 2001, op. cit., p. 29.

⁴⁴ Segundo Margareth Rago, o discurso religioso que relacionava as mães às santas também construía o seu contraponto, a figura da prostituta, que era sensual, pecadora, a Eva, que era a perdição do homem. Ver RAGO, 1985, op. cit., p. 82.

⁴⁵A dessexualização [...] se dá pelo deslocamento do investimento libidinal que originalmente incidia sobre o objeto sexual, passando agora a incidir sobre um objeto não sexual. CF. <http://www.psicolatina.org/09/vicissitudes.html>, acessado em 24/02/2014.

Quando amamentava, a mulher-mãe passava por questões que a dessexualizavam, como a questão das relações sexuais que deveriam ser evitadas, sempre que fosse possível, para que não acontecesse outra concepção. E outra gestação, poderia trazer problemas para a amamentação, seria inconveniente, diziam os médicos. Assim, a amamentação colocou a sexualidade da mulher a serviço da família. A sexualidade feminina, a partir do momento da amamentação, teria rédeas curtas, período em que seu trânsito seria o mínimo possível, além do que tinha dentro do lar.

E quando não amamentava, a mulher era responsabilizada pelos médicos em dissolver a família, provocando o afrouxamento dos laços familiares, laços entre pais e filhos, esposo e esposa e entre os irmãos; enquanto isso, a mulher que amamentava estreitava esses laços e trazia a alegria ao lar. Através do ato de amamentar depositava-se, na mulher, a responsabilidade da unidade familiar. A mãe que amamentava tinha, portanto, a grande função de ser o esteio da família.

Para Costa (1979), amamentar o filho seria tanto uma maneira de proteção que a mãe daria ao filho como também poderia ser um regulador da vida da mulher-mãe, que deveria estar ocupada, não ociosa. A amamentação do filho seria então uma maneira de prendê-la dentro de casa, não podendo fazer concorrência para os homens que se ocupavam com a vida pública.

Amamentar tinha assim um objetivo disciplinar na vida das mulheres-mães, pois o ato da amamentação era uma utilização higiênica que a mulher fazia do seu tempo livre dentro de casa. Ficando também livre dos “perigos do ócio e dos passatempos nefastos à moral e aos bons costumes familiares”, tudo isso pelo medo que se tinha das mulheres ficarem entusiasmadas com a independência feminina que, neste momento, se emancipava do patriarcado colonial.

Um dos motivos para a cobrança da disciplina era o grande medo da autonomia feminina, sendo uma questão que preocupava demais a sociedade, já que com ela, a mulher poderia ultrapassar o limite da segurança social, indo de encontro com os limites impostos pelos higienistas a essa independência. Ser independente não significava uma coisa muito boa para a sociedade que pregava os ideais da higiene, porque o melhor seria que o espaço das mulheres fosse o lar, sem extravasar as fronteiras de casa, sendo a mulher-mãe imaginada pela normatização social. Alguns motivos, colocados pelos médicos higienistas, mostram o que se pensava sobre as mulheres que conseguissem autonomia.

Emancipada intelectual e profissionalmente, a mulher comprometia o pacto “machista” firmado entre a higiene e o homem (...). A mulher que trabalhava punha em risco os termos do acordo. Tornava-se economicamente liberada do marido e intelectualmente equiparada ao homem. Sobre ela o “machista” não tinha o mesmo poder e a mesma ascendência. Automaticamente, a crença e as condições materiais para continuar exercendo sua “superioridade natural” ficariam abaladas. Sem a “inferioridade da mulher” o machismo perderia parte de seu sentido (COSTA, 1979, p. 260-261).

Fora do lar, a mulher quebrava ainda a coesão familiar, afrouxando os laços familiares, ou melhor, os laços que prendem os pais aos filhos, os filhos aos pais, esposo à esposa. Nesse sentido, o aleitamento materno estreitava os laços da família e trazia alegria ao lar.

E, a partir dos discursos médicos do século XIX, as mulheres passariam a estar sempre ligadas aos temas, à sexualidade, à reprodução, e à maternidade, como se estivessem presas às funções sexuais e reprodutivas. Um exemplo disso é que se em um casamento não fosse gerado os filhos, o problema seria uma falha reprodutiva feminina e dificilmente masculina. O que era uma indicação de que teria ocorrido alguma perturbação da mulher, como por exemplo, desejo sexual exagerado fora dos limites convencionais, ou a não aceitação do casamento e da maternidade pela mulher.⁴⁶

Portanto, era responsabilidade da mulher a unidade familiar. A vida sexual feminina deveria ter comprometimento para que não andasse sem regras pela sociedade. E, para manter este compromisso social, era preciso que ela soubesse unir com perfeição o sexo, a estabilidade conjugal e a responsabilidade com os filhos, requisitos básicos para uma vida familiar harmoniosa.

⁴⁶ Essas perturbações eram entendidas como um problema, um tipo de doença da mulher, porque não era visto como um modelo de comportamento característico dela, podendo ser sintomas da fuga do destino natural das mulheres, ser mãe. Ver RHODEN, op. cit., p. 113.

1.4. A medicina e a “nova ginecologia”: preocupando-se com o corpo feminino, no início do século XX

Um das preocupações da medicina, no debate acerca do corpo feminino no século XX, era com relação à menstruação. Segundo a pesquisadora Freitas⁴⁷(2005), manter a mulher menstruando seria algo primordial, nesse período, pois “[...] a todo custo, o sangramento deveria ser mantido e a menopausa retardada, tanto que as cirurgias, então chamadas “mutiladoras”, passaram a ser evitadas e até mesmo órgãos seriamente lesionados (como úteros, ovários) deveriam ser poupados” (FREITAS, 2005, p.128). A manutenção do sangramento estaria relacionada à influência da menstruação sobre o psiquismo feminino. Segundo o Dr. Monjardino, professor de Medicina Operatória da Faculdade de Medicina de Lisboa, as mulheres após a realização da cirurgia, quando tomavam consciência da sua assexualidade, poderiam ser acometidas por abalos de ordem psíquica. Logo, viam a necessidade de resguardar os órgãos genitais femininos responsáveis pela reprodução.⁴⁸ Essa perspectiva era denominada pelos médicos de conservacionista⁴⁹, já que a manutenção da menstruação ou, no mínimo, de um sangramento irrisório, deveria ser a meta dos especialistas, porque “as regras”⁵⁰ eram interpretadas como a tônica da vida das mulheres.

Nesse debate, para manter a menstruação, outros órgãos femininos deveriam ser poupados para que não levassem ao final do período fértil da mulher, especialmente o útero e os ovários. Por isso, as cirurgias, envolvendo esses órgãos, deveriam ser muito bem pensadas, para que não finalizassem a vida produtiva da mulher muito cedo. Os

⁴⁷ A historiadora Patrícia de Freitas em sua pesquisa de Doutorado faz uma análise com relação à revista brasileira, Revista de Ginecologia e d’ Obstetricia, que enfocava o corpo feminino nas fases em que a mulher está no período reprodutivo, como é caso do período menstrual e da menopausa, porém faz um apanhado de como essas questões referentes ao corpo feminino também estavam acontecendo fora do Brasil.

⁴⁸ Por mais que existissem os médicos que fossem contra a conservação dos órgãos reprodutores femininos, como útero e ovário, a maioria deles acreditava que seria melhor para as mulheres mantê-los. Ver FREITAS, op. Cit., p. 128.

⁴⁹ O método conservacionista era o oposto do método cirúrgico, que geralmente mutilava as mulheres da segunda metade do século XIX. Nesse sentido, o método que conservava ao máximo os órgãos femininos ganhou preferência dentro da prática médica a partir do começo do século XX. Ver FREITAS, op. cit., p. 128.

⁵⁰ As “regras” para o corpo feminino significava dizer que ela tem sua menstruação dentro do padrão normal, ou seja, quando seus órgãos, útero e ovários estão aptos, prontos para reproduzir, o que mostra que a mulher está no período fértil de sua vida, podendo se tornar mãe. Ver FREITAS, op. cit., p. 1-2.

médicos brasileiros influenciados pelos europeus debatiam acaloradamente o tema das cirurgias, como a histerectomia (retirada de útero) e a ovariectomia (retirada dos ovários). O que mostra a percepção dos médicos em relação à importância dos órgãos de reprodução femininos, no decorrer do século XX.

A remoção dos ovários, além de afetar o delicado tema da sexualidade feminina, gerava repercussão social. Assim, afetaria a mulher e a sociedade, pois macularia a sua função primeira: de ser mãe, de procriar, de perpetuar a espécie. Essa remoção chocava-se com o discurso dominante, que reservava às mulheres a particularidade da maternidade, do privado. Ao mesmo tempo, abria uma nova questão: se a sexualidade feminina era conferida pelo útero e pelos ovários, imaginava-se que a retirada destes órgãos significava a perda da feminilidade. Então, primava-se pela manutenção dos órgãos genitais da mulher, os quais lhe imprimiriam as características do seu sexo, sendo encarregados de fazê-la menstruar, ovular e parir. Evitar-se-ia com isso uma menopausa brusca e os órgãos conservados garantiriam à menopausa uma chegada gradual e menos incômoda.

Os médicos deixavam claro que as intervenções por motivos menores deveriam ser repensadas, alegando os danos futuros que deixariam as mulheres ainda em pior estado. Eles se referiam principalmente às perturbações de caráter nervoso que poderiam até mesmo levar a loucura. O organismo não estaria preparado para a chegada de uma menopausa precoce e muito menos repentina. Segundo os médicos, as mulheres que passavam pela cirurgia, que eram “mutiladas”, “castradas”, sofreriam as perturbações de vários tipos, sendo uma delas a ansiedade, a insônia, as dores, dentre outros sintomas que demonstravam não ser uma boa opção a cirurgia de retirada de órgãos ser antecipada para a mulher, já que lhe traria muitos problemas. Com isso, podemos perceber como era visto o período da menstruação e o da menopausa na sua relação com o corpo feminino, no início do século XX.

O período da menstruação da mulher deveria ser o mais longo possível, por isso tantos médicos evitavam o quanto podiam a retirada do útero e dos ovários, órgãos responsáveis pela reprodução, a maternidade, para que a menopausa demorasse a chegar, sendo a menopausa uma época observada como improdutiva, considerando a impossibilidade de ser fecundado, ou seja, a impossibilidade de se tornar mãe. Sendo que ainda tinha outra questão que era um grave problema para o corpo feminino, na menopausa, que era “[...] Em relação ao ato sexual e à libido, havia sido registradas

atrofias nos órgãos genitais e retração do orifício vulvar, nas mulheres operadas” (FREITAS, 2005, p. 136).

O médico se interessava pela preservação do indivíduo, da família, da espécie, defesa que não estaria apenas ligada à prática conservadora, mas que também atenderia a todas as recomendações da puericultura. A medicina seria responsável pela vigilância do corpo feminino, seria sabedor de sua função social, acompanharia a mulher desde antes da concepção, preocupando-se com todas as causas da esterilidade, como era o caso da retirada de seus órgãos. Seria dever médico proteger a mulher, norteá-la tanto com relação aos cuidados com seu corpo, diga-se com seus órgãos, principalmente útero e ovários e, no momento em que se tornasse mãe, de norteá-la também nos cuidados para com o recém-nascido, inculcando-lhes, no espírito, a necessidade de fazer de seu filho uma criança robusta, sadia e útil a si e à sociedade. Além disso, pela sua natureza, as mulheres precisavam sangrar mensalmente.

A inquietação com a conservação-cuidado que todo ginecologista deveria ter - deveria ir além da manutenção da função secretora dos ovários. O esmero maior recairia sobre a manutenção da mais nobre função feminina, ou seja, a menstruação, a qual daria à mulher a noção de vida sexual. Imaginar, sentir a falta do sangramento significaria para ela pensar na sua insuficiência para a concepção e para a maternidade (FREITAS, 2005, p. 148).

Uma grande preocupação dos médicos era com relação à reação das mulheres, quando elas perdessem “as regras”, como seriam suas vidas? Por que, segundo a ótica médica do início do século XX, as mulheres que não menstruassem numa idade ainda não considerada própria para a menopausa, seriam pessoas improdutivas, já que não poderiam mais viver a maternidade e também outros prazeres ligados ao sexo. As mulheres seriam criaturas abnegadas, heróicas, meigas, delicadas, honestas e suas vidas se resumiriam ao amor, por isso, sem a forte ligação que teriam com a maternidade, como colocavam os médicos, poderiam adoecer e não ver mais nenhum sentido para dedicarem sua existência.

Nesse sentido, era que a chegada da menopausa deveria demorar o máximo possível, porque sua chegada, num momento em que a mulher não tivesse provado do “instinto materno” e dos prazeres sexuais, poderia causar grandes transtornos. Segundo o Doutor Monjardino, “[...] pela sua natureza, as mulheres precisavam sangrar mensalmente, sentir pelo menos um pequeno fio de sangue ilusório (FREITAS, 2005, p.

149). E esse “sangue ilusório”, que queria dizer que a mulher ainda menstruava, simbolizava mesmo como colocado pelo médico, uma ilusão, que a maternidade tão sonhada um dia poderia acontecer. Embora, segundo o Doutor Monjardino, também existiam mulheres que aceitavam e até pediam que fossem retirados útero e ovários para que assim não procriassem, ou seja, nem todas as mulheres desejavam se tornar mães, colocando em questão se o “instinto materno” ou a “natureza feminina” realmente existiriam.

Para manter a menstruação, mesmo quando a menopausa estava se aproximando, os médicos brasileiros se baseavam em seus colegas estrangeiros, como o médico citado por Freitas (2005), Doutor Duehrssen, de Berlim, que no início da década de 1920, fala em uma Conferência, como seria benéfica para a vida das mulheres a manutenção de seus órgãos reprodutivos funcionando, mesmo que para isso fossem retirados os órgãos lesionados, limpos com a retirada da lesão e sendo recolocados novamente no corpo da mulher. Embora fosse retirado da mulher que estaria vivenciando o começo da menopausa, ou outro órgão, por motivo de doença, a manutenção deles seria vital para uma vivência sadia e feliz da mulher, até rejuvenescendo-a, o que pode ser observado na fala do médico:

[...] como pude observar também nestes últimos vinte e cinco anos em vários casos que essas operadas rejuvenesceram visivelmente transformando-se de indivíduos cansados da vida, anêmicos e magros, em mulheres de aspecto são, vigorosas e alegres que conservaram sua mocidade por um espaço de tempo extraordinariamente longo (FREITAS, 2005, p. 141).

Freitas coloca também que os médicos justificavam a intervenção no corpo feminino, nas idades entre os 40 e 50 anos, através das cirurgias de transplantes de órgãos, retirados de mulheres sãs, sem nenhuma lesão, mostrando a necessidade de que existia para as mulheres que para os médicos já não poderiam viver as alegrias da juventude, e por esse motivo repor órgãos se tornava tão importante para suas vidas, por que:

[...] perto da menopausa deseja o afastamento de uma esterilidade resultado apenas duma fraqueza senil das funções ou também quando ela deseja apenas uma operação de rejuvenescimento. (FREITAS, 2005, p. 142).

Outra forma de melhorar a qualidade de vida das mulheres que estavam chegando à menopausa seria também a reposição hormonal⁵¹. Através dela, a medicina do início do século XX garantia uma longevidade da vida reprodutiva da mulher, questão que parecia tão importante tanto para a vida das mulheres, como para os médicos, que seriam os criadores dessa nova maneira de prolongar a “vida útil” feminina. A reposição hormonal, enquanto uma possibilidade para aumentar a utilidade dos órgãos femininos relativos à reprodução, ocorreu após as descobertas, na área da endocrinologia⁵², por volta do início do século XX.

A descoberta da estrutura química dos hormônios, a partir de 1934 pela ciência, encontrou, aproximadamente, 30 substâncias produzidas pelo corpo humano, o que possibilitou produzir hormônios em laboratório. Foi a partir das primeiras décadas do século XX que foram apresentadas à medicina preparações à base de hormônios. Os achados hormonais, assim como o isolamento destas substâncias, foram desenvolvidos ainda em 1923. Os preparados comerciais à base de estrógeno passaram a ser vendidos três anos depois.

A correlação entre a administração de estrógenos e a prevenção do climatério surgiu a partir dos estudos de Robert A. Wilson. A ideia desta prescrição foi de autoria de Gest e Spielman, em 1932. Porém, a terapia de reposição dos hormônios começou a ser utilizada, no Ocidente, na década de 1960, sendo que um dos principais precursores desse estudo foi o Doutor Robert Wilson que, na década de 60, juntamente com sua esposa, a Doutora Thelma Wilson, escreveram um artigo que previa a eliminação da menopausa. E no ano de 1966, o mesmo Doutor Wilson lançou um livro dirigido ao público leigo; nessa obra o médico prescrevia em seu texto a terapia de reposição hormonal, como um dos maiores achados da medicina voltado às mulheres. A reposição hormonal foi vista como uma verdadeira “pílula da juventude”.

Segundo Freitas (2005), algumas mudanças aconteceriam com a especialidade ginecológica a partir dos anos 30, no Brasil. Nessa década, a ginecologia brasileira foi renovada, através das novidades, no campo médico, vindas do exterior, principalmente

⁵¹A Terapia de Reposição Hormonal segundo Freitas é o tratamento mais comum administrado às mulheres na menopausa. Sua composição seria extraída da urina de éguas prenhes. O composto básico é extraído da urina de éguas prenhes. Cada mulher responde ao medicamento de uma forma muito particular e o mesmo acontece com os efeitos colaterais. Ver FREITAS, op. cit., p. 4.

⁵²A endocrinologia é um ramo da medicina que estuda as alterações das glândulas endócrinas, ou de secreção interna, que fabricam e lançam na corrente circulatória várias substâncias. Ver Freitas, 2005, p. 142.

da Alemanha, tendo se inspirada pelos novos conhecimentos de fisiologia⁵³. A ginecologia social, nesse sentido, levaria em consideração as modalidades mórbidas ginecológicas que dependeriam das condições sociais da mulher. Esta discussão estaria fundamentada em outras ciências como a medicina social, já mencionada, a medicina clínica, a endocrinologia, a política, a psicologia, a psiquiatria, a profilaxia e, ainda, a eugenia.

Essa “nova ginecologia” foi incorporada pelos médicos, nas primeiras décadas do século XX e, teve grande valor, durante a Era Vargas, quando foi possível perceber uma importância redobrada no que diz respeito à maternidade, tendo como base o respaldo da ginecologia e da obstetrícia.

Mas, em meados de 1940, começou a se diferenciar daquela ginecologia que predominava inicialmente, no século XX. Nesse caso, nos referimos à tradição da cirurgia. Na década de 1940, estavam acontecendo “[...] problemas clínicos de ordem fisiológica, endócrina e psicológica em contraste com os problemas de caráter cirúrgico, que dominava a velha clínica ginecológica” (FREITAS, 2005, p. 196). Para Freitas, naquele momento, a antiga prática cirúrgica dava lugar:

[...] a modernos especialistas com nova formação e melhor orientados para interpretar os complexos sintomáticos de localização genital, vão se tornando cada vez mais parcimoniosos e reservados nas indicações cirúrgicas, apegados às novas idéias do fator emocional como causa de disfunções e distúrbios da esfera genital (FREITAS, 2005, p. 196).

E em meados do século XX, novamente a ginecologia incorporou mudanças na sua prática, buscando na psiquiatria novas estratégias de controle e regulamentação feminina. Baseados nos estudos do médico Sigmund Freud, a medicina passou a trazer para sua prática questões que envolviam a psicologia. Essas questões colocavam a ligação entre cérebro e útero e os ginecologistas passaram a tentar entender não só o corpo da mulher, mas também sua mente, relacionando ambos. Nesse sentido, as mulheres que não conseguiam enquadrar-se, no modelo feminino ideal, poderia estar com problemas físicos, psicológicos e endócrinos, por conta dos hormônios. Assim, embora estivessem acontecendo mudanças relativas à visão médica sobre o corpo

⁵³ A fisiologia é a ciência que das funções orgânicas pelas quais a vida se manifesta. Cf. <http://www.dicio.com.br/fisiologia/>, acessado em 10/09/2013.

feminino, ainda era forte a busca pela mulher tradicional, que almejasse para sua vida somente casar e ter filhos. Por isso:

[...] Aquelas que fugiam do modelo tradicional de esposa e mãe resignadas não se enquadrariam num tipo dito como normal, podendo, dentre outras coisas, comprometer o futuro da nação. Atingir a maturidade feminina significava aceitar, de forma pacífica e resignada, o casamento, os filhos e toda gama de problemas deles advindos. Para isso, as mulheres necessitariam do auxílio do ginecologista, do psiquiatra, do obstetra, os quais aceitaram assumir a responsabilidade da saúde mental de seus pacientes [...] (FREITAS, 2005, p. 214).

Portanto, a “ciência da mulher” por mais que tenha passado por transformações em sua prática médica, continuava colocando para as mulheres a maternidade, a dedicação ao marido e ao lar, estereotipando as mulheres que não aceitassem essa identidade de mulher casadoura, prendada, que tinha como sonho o casamento idealizado. Através de seu discurso, a ginecologia, agora somada a outras especialidades médicas, continuava, no século XX, a construir a “mulher ideal”, aquela que seguia as normas e padrões esperados pela sociedade.

Entrando pelo século XX, percebemos uma continuidade dos discursos que ligavam a mulher ao casamento e à maternidade, no século XIX. Embora com uma diferença: nas primeiras décadas do século XX, essa relação foi sendo justificada através da ideia de que somente num lar harmônico e saudável poderia existir uma família higienizada e nela uma mãe educada, preparada cientificamente para os cuidados com os filhos e com a valorização da infância, questão cara no Brasil dessa época.

Para ajudar nessa valorização materna e das crianças, a medicina foi a grande colaboradora. Porém, para entendermos essa atuação dos médicos, devemos perceber como isso estava relacionado ao momento político do Brasil, naquele momento, pois estes profissionais foram legitimados como reformadores da nação. O país, na primeira metade do século XX, tinha passado por transformações e acontecimentos que culminaram com a Proclamação da República. Nesse contexto, era responsabilidade da mulher a função de guardiã da florescente nação, porque, simbolicamente, o país renasceu. Para a população feminina, seus ovários e útero, passaram a representar a esperança de que, dentro dos preceitos higiênicos e eugênicos, seria possível produzir

uma nova raça distinta daquela que fazia lembrar o passado monárquico e escravocrata, mais apta para povoar a imensa terra, forte para trabalhar e dignificar o país. Para ajudar ao povoamento, as mulheres deveriam produzir “o capital” mais valioso do país: o fruto humano. Os médicos acreditavam que a medicina social, por intermédio da aplicação efetiva da eugenia, seria o instrumento mais capacitado para que se alcançasse o revigoramento da população.

O melhoramento da população ou o aprimoramento da raça poderia se tornar realidade desde que uma série de medidas fossem tomadas medidas eficazes, o que significava uma maior atuação dos médicos no interior das famílias, ditando ordens, impondo padrões de comportamento, categorizando o são e o patológico. Os ovários e útero seriam fundamentais à mulher, pois esses órgãos em funcionamento representavam a forma mais pertinente do seu patriotismo.

A valorização das mulheres, enquanto mães, significava valorizar as crianças provenientes dessa maternidade. Por isso, cuidar das futuras mães e depois das crianças na sua infância, significava antes de tudo um grande investimento na construção do futuro da nação brasileira. Para tanto, foram criadas medidas de proteção à gestação e ao parto, investindo-se também na educação das mulheres, para que elas aprendessem a criar seus filhos de maneira higiênica.

Nesse período, no país, ganhou força, a partir do ano de 1910, o movimento sanitaria, que transformou o “problema da infância” como uma questão primordial a ser solucionada, através da assistência materno-infantil, já que as crianças eram vistas como o futuro do Brasil. Seguindo esse projeto, para resolver o “problema da infância”, houve o investimento, na maternidade, a mãe rompia então a esfera doméstica para se ocupar de sua “missão patriótica e função pública”.

[...] Ser mãe não significaria apenas garantir filhos ao marido, mas cidadãos à pátria. Entre outros agentes que participaram desse processo, os médicos tiveram seu papel consolidado através da enunciação de um discurso que condenava o exercício tradicional da maternidade, redefinindo-a em novas bases. Signo máximo da modernidade e ferramenta propulsora privilegiada no processo de transformação social em curso, a ciência foi acionada na conformação do modelo de maternidade científica (FREIRE, 2009, p. 21).

Através do desenvolvimento e da aplicação dos conhecimentos da higiene e da eugenia⁵⁴, dando fundamento ao nascimento da puericultura, enquanto campo de atuação médica, legitimando a maternidade científica, modelo de maternidade que se opunha do empírico, guiado pelo instinto. Seguir esse novo tipo de maternidade era também seguir a modernidade. E assim, geralmente as mulheres das classes média e alta, tentavam se transformar na “nova mulher”, a mulher guiada pela cientificidade. Para essa mulher moderna, cobrava-se heroísmo, força, determinação, características de que a pátria brasileira precisava, mas por outro lado, ainda se entendia a mulher, mesmo a moderna, como uma pessoa frágil, dócil, vaidosa. Nos discursos do início do século XX, conviviam esses dois polos que caracterizavam a mulher, ora como racional, aproximada ao masculino, ora indefesa, frágil, como eram observadas, tradicionalmente, as mulheres. Ambos se complementavam, complementação que se constituía através do casamento.

A medicina continuava intervindo na construção do corpo feminino, colocando-o exclusivamente voltado para a maternidade, é o que Freitas (2005) verifica em sua tese acerca da representação da menopausa, no começo do século XX. Segundo sua pesquisa, a partir do final do século XIX e começo do XX, foram criadas seis faculdades, na área médica, dentre as quais a Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em 1889, e a Escola de Obstetrícia de São Paulo, em 1905. O que nos mostra o quanto era necessário formar mais e mais especialistas que pudessem pesquisar sobre o corpo da mulher, questão que parecia imprescindível, naquele momento. Acreditava-se que a medicina social, por intermédio da aplicação efetiva da eugenia, seria o instrumento mais capacitado para alcançar o revigoramento da população.

O melhoramento da população ou o aprimoramento da raça poderiam tornar-se realidade desde que uma série de medidas fossem tomadas, medidas eficazes - o que significava uma maior atuação dos médicos no interior das famílias, ditando ordens, impondo padrões de comportamento, categorizando o são e o patológico. O essencial, neste momento, era observar como a mulher, dentro desse contexto, aparecia como peça fundamental, seus órgãos de reprodução funcionando era a representação mais pertinente do seu patriotismo.

⁵⁴ A eugenia pode ser conceituada como um movimento científico e social para o aperfeiçoamento genético da espécie humana. FREIRE, Marta de Luna. **Mulheres, mães e médicos**. Discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

As mulheres precisavam dos cuidados médicos e de que se preparassem para se tornar mães, por que se temia que a corrupção das mulheres européias pudesse chegar até às brasileiras, cabendo aos médicos gerir suas vidas, protegendo-as, construindo asilos, maternidades, refúgios, visto que:

[...] a falta de zelo com os filhos e a família, a não amamentação das crianças, as diversas formas de loucura, o aborto e o infanticídio, o adultério, a prostituição, a vida desregrada, são demonstrações de que a mulher, quando pouco cuidada, pode sucumbir à sua fragilidade. (FREITAS, 2005, p. 85).

Essa era a maneira da mulher ser reconduzida ao lar, à sua função primeira de mãe e cumpriria a sua missão patriótica sem ameaçar o aprimoramento da raça. Observando os discursos que a Revista de Ginecologia e d' Obstetrícia⁵⁵ afirmavam sobre o corpo feminino, Freitas coloca que essas revistas foram criadas com a intenção de pensá-las como um espaço privilegiado de discussão do saber que existe e está ao redor de um grupo distinto, nesse espaço de saber. Os artigos de ambas as revistas que circulavam pelo Brasil mostravam a repercussão do que estava acontecendo com relação às pesquisas e ao conhecimento produzido sobre o corpo feminino fora do país, na Europa e Estados Unidos, e foram recepcionados pelos médicos brasileiros, que visivelmente estavam sempre se atualizando, ficando a par desse debate.

Ainda segundo a autora, os primeiros colaboradores da Revista faziam parte de uma geração de médicos que viu os seus mestres lutarem pelo reconhecimento da profissão, que remodelaram o ensino de medicina. Eles procuravam solucionar temas como nacionalidade, patriotismo, civilidade, pois a medicina era pensada como um conhecimento colocado em prol do Estado, do bem comum da nação. Para muitos, o Brasil era um imenso território que precisava ser povoado. As mulheres possuíam um

⁵⁵ A Revista de Ginecologia e d'Obstetrícia teve seu primeiro número publicado em agosto de 1907 e desde o início intitulou-se como o primeiro periódico do gênero, o que, nesse sentido, preencheria uma lacuna na literatura médica do país, pois “[...] não há em todo Brasil, ao que conste, qualquer jornal médico destinado exclusivamente às questões de obstetrícia e ginecologia”. E os textos foram escritos, em geral, por homens brancos, médicos, de classes abastadas, sem querer ignorar a presença das médicas. É preciso lembrar que, neste caso, quando poucas mulheres escrevem, o sexo individual tem uma importância relativa. Ver FREITAS, op. cit., p. 90.

papel fundamental, pois de seus ventres desabrocham crianças. A medicina seria responsável por atuar em prol do crescimento e desenvolvimento do país.

[...] a medicina social desvenda os mistérios da geração humana, cuja fonte, o ventre materno, merece a guarda de sua sabedoria porque a vida dos povos depende, acima de tudo, do farto robusto viveiro de seus cidadãos. Dos três fatos econômicos de uma nação – a terra, o capital e o braço – este predomina; o solo mais fértil, o sub-solo mais rico, nada valem sem o indivíduo que o explore. A maternidade é o patriotismo das mulheres, disse-o Alexandre Dumas em uma peça teatral; é condenada a nação cujas mulheres têm medo de ser mães, afirmou Roosevelt em uma apóstrofe política. Os povos extinguem-se pelo excesso de egoísmo, o afrouxamento dos laços sociais, a dissolução familiar, a indiferença patriótica, tudo conseqüência da esterilidade que é o suicídio de uma raça (FREITAS, 2005, p. 87).

Com os anos 60, a pílula da contracepção chegava ao Brasil e com ele o planejamento familiar, ajudando as famílias a organizarem suas vidas, um discurso que fazia circular a ideia de independência feminina, quanto ao seu corpo. Nesse período, os artigos médicos e seus estudos giravam em torno do desenvolvimento de um anticoncepcional, adequado por via oral e mostravam-se otimistas de que, em um futuro próximo, encontrariam os formulados específicos para a fabricação da pílula. Assim, muitas mulheres seriam beneficiadas com um anticoncepcional eficaz, de baixo custo e de administração oral. Essa fórmula traria um “[...] benefício universal, criando uma era sem precedentes na qual homens e mulheres de todos os lugares poderão planejar o seu futuro familiar, seguros do conhecimento de que seus filhos possam ser providos com o essencial de uma vida saudável e feliz” (FREITAS, 2005, p. 110).

Porém, percebemos também a circulação de outros discursos, que buscavam, na maternidade, a manutenção da mulher, enquanto construtora de um país saudável, mostrando continuidades com relação aos lugares sociais reservados às mulheres, onde embora muitas transformações já tivessem ocorrido, no Brasil, principalmente, no campo feminino. Existia sim a busca pela concepção, mas sem esquecer não deixar cair a taxa de natalidade, como nos mostra o artigo de autoria de Eduardo Martins Passos, em 1972, que era intitulado, “O elemento humano como fator básico do progresso de uma nação”. No artigo, o autor não se mostrava favorável à ideia de contracepção, a não ser para outros países, diferentes do Brasil. Segundo Freitas, para Eduardo Martins, o povo brasileiro teria a sorte de ser um povo fértil, por isso era necessário oferecer-lhes,

“acompanhamento obstétrico e cultura para a vida, para a luta e para a defesa de um ideal”, o que seria uma forma de alcançar uma pátria forte, unida e progressista.

Eduardo Martins colocava que, para o Brasil se desenvolver, deveria aproveitar a fertilidade de seu povo, aproveitando, na obtenção de elementos fortes e sadios, elevação do nível de cultura, senão possível, pelo menos a exterminação do analfabetismo; planos de defesa da nossa integridade territorial. O médico defendia a manutenção das taxas de natalidade do país e para isso existia a necessidade de atendimento médico e do fator educacional que daria impulso, desenvolvendo e salvaguardando a segurança do país. Essas ideias começaram a circular principalmente após a Primeira Guerra Mundial, quando alguns países da Europa e até o Brasil adotou uma política, zelando pela taxa de natalidade.

Dessa maneira, é perceptível que mesmo após as mudanças ocorridas com as novas questões colocadas principalmente para o universo feminino, tornar-se mãe, estar dentro do lar, cuidando bem de seus filhos, dando-lhes uma vida saudável, pois a mulher era responsável por construir uma nação saudável por meio de seu ventre, da maternidade, do casamento. Porém, não dependia somente da mulher para que o futuro da nação fosse o melhor, dependia também dos médicos, que trabalhariam para o melhoramento da raça, que só seria possível se medidas profiláticas, eugênicas fossem devidamente tomadas.

Diante disso, podemos afirmar que o modelo familiar desejado pelo discurso médico, discurso que transpassou o século XIX e adentrou o século XX, baseava-se, portanto, na família burguesa, onde reinava “a autoridade do marido, a subordinação das mulheres, a dependência dos filhos” (ROUDINESCO, 2003, p. 38). Onde a mulher deveria ser entes de tudo, mãe, numa sociedade onde a função materna não poderia se separar da mulher.

Porém, para tornar-se mãe, a mulher teria que agir dentro do padrão feminino ideal, ser uma mulher bem comportada, enquanto jovem, para que um dia conseguisse conquistar um pretendente que logo seria seu esposo. Nesse sentido, a mulher que não conseguisse conquistar um homem para ser seu esposo, “definharia”, pois não haveria mais sentido em sua vida, já que o sentido estava em se tornar uma mulher casada, para dedicar-se ao lar, esposo e gerar filhos.

Esses discursos que circularam acerca do corpo feminino o construíram, enquanto um corpo voltado para a valorização da reprodução, da maternidade, porém,

outros discursos, seguindo no sentido de normatizar as mulheres, incidiriam sobre elas, enfatizando através de vários tipos de aconselhamentos para que elas conseguissem subjetivá-las, tornando-se mães dedicadas, boas esposas e donas-de-casa zelosas, durante a segunda metade do século XX. Aconselhamentos como os das colunas femininas da revista “O cruzeiro”, discursos que construíram a figura da mulher ideal, a mulher casada, dedicada ao lar e à família, que farão parte do nosso próximo capítulo.

“DA MULHER PARA A MULHER”: AS COLUNAS FEMININAS E A PRESCRIÇÃO DA MULHER IDEAL PARA O CASAMENTO

[...] Desejamos que nossas leitoras colaborem conosco, como é tão usual em certas revistas francesas e americanas, que habitualmente manuseamos. [...] Assim é que tencionamos de hoje em diante, reproduzir sempre uma carta de interesse geral [...] Que poderá ser uma carta de interesse geral? Uma pessoa que deu uma orientação à vida e que se deu bem; uma esposa que suporta a sua cruz com coragem e resignação poderá servir de exemplo dignificante [...]⁵⁶

2.1. As colunas femininas e a arte de prescrever subjetividades

Afirmativas como esta acima da epígrafe fizeram parte das colunas femininas⁵⁷ das revistas, durante bastante tempo. Algumas das colunas em questão fizeram parte da revista “O cruzeiro”, são artefatos culturais que circularam, no Brasil, durante os anos de 1950 e 1960, prescrevendo identidades para as mulheres que deveriam, segundo esses artefatos, idealizar para suas vidas um lar feliz, com esposo e filhos, e que, para tanto, tinham que subjetivar os aconselhamentos feitos pelas colunas femininas da revista e do jornal em questão⁵⁸. Os aconselhamentos prescritos por esses artefatos

⁵⁶ O Cruzeiro, 27 de novembro de 1957.

⁵⁷ Ao colocar “Colunas femininas”, no plural, me refiro às colunas femininas da revista “O cruzeiro” as quais utilizei nesse capítulo. A revista “O cruzeiro” circulou por todo o Brasil a partir do ano de 1928 e tinha algumas colunas femininas como “Da mulher para a mulher”, escrita pela articulista Maria Teresa, uma espécie de consultório sentimental; “Elegância e beleza”, assinada por Elza Marzullo, que dava dicas para que as mulheres se tornassem mais atraentes e “Lar doce lar”, assinada por Helena Sangerardi e Teresa de Paula Penna, que indicava as melhores receitas e a melhor maneira de resolver os problemas domésticos.

⁵⁸ Podemos afirmar que, geralmente, as colunas femininas eram escritas por mulheres, suas articulistas, colaboradoras, responsáveis por passar os valores ditados pela sociedade para as leitoras de tais artefatos. Então, na tentativa de mapear um pouco a vida dessas articulistas da revista “O cruzeiro”, encontramos alguns dados que nos mostram quem eram as mulheres que faziam essas colunas femininas. Acerca de

culturais que construíram da mulher ideal, nos anos 50 e 60, são produtos dos discursos sobre o corpo feminino que tiveram seu auge, no século XIX, mas que perpassado por outros discursos, como, por exemplo, o da religião, da psicologia, resultou em novos discursos ou conselhos como esses feitos para as mulheres, através das colunas femininas, a exemplo da revista “O cruzeiro”, um dos artefatos responsáveis pela construção do perfil da mulher ideal, no século XX.

A revista “O cruzeiro”, também chamada, na época de seu lançamento, em 5 de Dezembro de 1928, no Rio de Janeiro, de “A revista contemporânea dos arranha-céus”, foi uma produção do empresário Assis Chateaubriand, que demonstrava em seu slogan ser símbolo do moderno, na época, sendo um dos mais importantes meios de comunicação de meados do século XX no Brasil (BLUMBERG, 2013). Com “O cruzeiro”, nascia um periódico que pretendia revolucionar a maneira de fazer revista no

Maria Teresa, responsável pela coluna “Da mulher para a mulher”, o que podemos colocar é que esse nome, provavelmente, foi um pseudônimo criado por Accioly Neto, ex-diretor da revista “O cruzeiro”, quando a coluna estreou e que Amélia Whitaker, Dona Lili, esposa de Leão Gondim, primo de Assis Chateaubriand e detentor de 75% das ações da Empresa gráfica “O cruzeiro” e educada conforme os padrões da igreja católica, colaborou com a coluna, aumentou seu caráter moralizante. Ela chegou à conclusão de que as respostas da coluna deveriam ser mais “educativas” e menos “sentimentalistas”. A coluna passou a ser feita então por Helena Rego Costa, mulher do redator que fazia a área de música, Jose Ribamar Rego Costa. Helena Rego Costa trabalhou sob a supervisão de Dona Lili. BLUMBERG, Natália Simanke. **Da mulher para a mulher**. O papel feminino na revista O cruzeiro. Monografia de conclusão de curso de Comunicação Social. Monografia de conclusão de curso em Comunicação Social-Jornalismo. 115 p. 2013. p. 42. Elza Marzullo, que fazia a seção “Elegância e Beleza”, diferente de outros espaços dedicados ao feminino que eram escritos por pseudônimos, Marzullo existiu e foi uma colaboradora de “O Cruzeiro”, sendo que tinha realmente a profissão de jornalista. Tanto que Marzullo fez parte da Academia Brasileira de Moda, ocupando a cadeira número 2. Seu nome aparecia na assinatura da seção Elegância e Beleza e no índice da revista como umas das colaboradoras, não aparecendo sua assinatura em nenhuma outra seção da revista. Simpósio Nacional de História VIEIRA, XVII, 2013, Natal, Anais do XVII Simpósio Nacional de História. Rio Grande do Norte, UFRN, 2013.

<http://www.zuzuangel.com.br/html/instituto.html>, acessado em 10/11/2013.

http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/st_12.html, acessado em 10/11/2013.

Helena Sangirardi, uma das colunistas que fez a coluna “Lar doce lar”, era especialista em Economia doméstica e foi autora consagrada de livros de cozinha na década de 50, e escrevia para *O Cruzeiro*, receitas que eram sua especialidade, porém, assinava também colunas de culinária em jornais e revistas e no rádio. Seu livro já esgotado *A alegria de cozinhar* chegou a vender mais de 250 mil cópias. Essa obra, segundo as palavras da própria autora, “reaparece renovada” em *A nova alegria de cozinhar*, do ano de 1988, livro que foi considerado um dos mais importantes livros de culinária do século XX. Ver DEMETERCO, Solange Menezes da Silva. **Sabor e saber**: livros de cozinha, arte culinária e hábitos alimentares. Curitiba: 1902-1950. Tese de Doutorado em História. Curitiba: UFPR. 2003. p. 117.

<http://garfadasonline.blogspot.com.br/2013/01/a-alegria-de-cozinhar.html>, acessado em 10/11/2013.

E Thereza de Paula Penna, que também escreveu para a coluna “Lar doce lar” em “O cruzeiro”, era irmã de Alceu Penna, desenhista e figurinista, que desenhou por bastante tempo para a coluna “As garotas”, as pin-ups, bonequinhas desenhadas por Alceu que simbolizavam as moças de sua época, os anos dourados, mulheres que a revista tentavam representar.

<http://www.jornalbb.com.mitologica.info/news/alceupenna.html>, acessado em 10/11/2013.

<http://www.idademaior.com.br/vida-memoria-3-janeiro-1.html>, acessado em 10/11/2013.

país. Em torno de metade de suas páginas eram dedicadas assuntos relativos ao imaginário feminino, não compondo somente um perfil feminino, porém, vários perfis. Dessa maneira, a revista “O Cruzeiro”, enquanto veículo de comunicação, chegou com o propósito de provocar mudanças, a exemplo de sua parte gráfica que adotou técnicas pouco conhecidas no país, especialmente a rotogravura⁵⁹ e no jornalismo implementou a reportagem.⁶⁰

Segundo Serpa (2003), a revista “O cruzeiro” usou toda essa técnica a serviço da construção da “nova mulher”, pois mostrava imagens relacionadas às mudanças de um país...

[...] que despia suas mulheres das saias longas e as urbanizava com biquínis, *blush* e pó-de-arroz, ou seja, que buscava moldar o comportamento feminino com novas formas de vestir e de se mostrar para a sociedade. Essa imagem que incluía a utilização da maquiagem e de produtos femininos de beleza como símbolo de moderno e novo ilustravam as capas desde a primeira edição. Apresentava-se, então, não apenas a primeira revista moderna do país, mas um novo meio de retratar o universo feminino (SERPA, 2003, p. 12).

Porém, Serpa também coloca que embora a revista se afirmasse como “moderna” e construtora da “nova mulher”, não mostrou sequer a posição feminina acerca do voto, nos anos 30, que gerou polêmicas, no período, deixando transparecer seu posicionamento, quanto ao papel das mulheres, pelo qual elas seriam incapazes de lidar com questões políticas, devendo se dedicar somente à maternidade; aos cuidados da casa, do esposo e do embelezamento, pois não haveria como conciliar tantas coisas com a política. A revista “O cruzeiro” teria dessa forma, discursos ambíguos, quando se

⁵⁹ A impressão através da rotogravura é também chamada de processo de baixo relevo, porque a imagem na matriz é em baixo relevo. O sistema de rotogravura é indicado para impressão de grandes tiragens, que ocorre de maneira veloz, com a vantagem de se obter impressos de qualidade, que sai já em forma de cadernos dobrados prontos para o acabamento final, ou dependendo do produto, poderá ainda ser grampeado e refilado. Cf. em <http://grafica.abril.com.br/rotogravura.php>, acessado em 10/12/2013.

⁶⁰ Serpa coloca que a revista “O Cruzeiro”, durante nos seus mais de 40 anos de publicação tiveram tiragens que eram surpreendentes para o Brasil de outrora, 750.000 exemplares por edição semanal em meados da década de 1950, época em que a população brasileira não ultrapassava os 50 milhões de habitantes. Sendo “O cruzeiro” a revista que divulgou as mulheres brasileiras das camadas mais privilegiadas da sociedade, priorizando temas como comportamento, moda, política. Financiada por Getúlio Vargas, quando ainda Ministro da Fazenda do governo de Washington Luiz, com claras pretensões de fazer do Brasil um país moderno. A revista fazia a propaganda de uma modernidade nacional imposta, apoiada claramente por Vargas, que logo se tornaria presidente e se utilizaria intensamente da propaganda. Portanto, a revista contribuiu para a afirmação da política modernista e nacionalista de Getúlio Vargas. SERPA, Leoni Teresinha Vieira. **A máscara da modernidade: a mulher na revista “O Cruzeiro” (1928-1945)** – Dissertação (mestrado) - Universidade de Passo Fundo, 2003.

tratava das representações que faziam acerca do feminino, que ora deveria seguir a modernidade, ora seguir a tradição em seus comportamentos. E sua ambiguidade discursiva irá perpassar toda trajetória de exemplares produzidos, ao longo do século XX, como veremos nas colunas femininas aqui analisadas.

Suas colunas tinham como objetivo aconselhar ou prescrever para as mulheres o desenvolvimento dos chamados “dotes ou dons femininos”, entendidos enquanto algo natural, inerente a elas. Geralmente, essas colunas enfatizavam para suas leitoras atributos como o de ser mãe, esposa, dona-de-casa, definindo-as por características como a pureza, doçura, resignação, tudo isso somado a uma vida mais reservada ao privado, a casa e ao lar. Essas identidades construídas seriam ideal socialmente para as mulheres. Por outro lado, para os homens, atribuía-se o espírito aventureiro, o trabalho fora de casa, a vida pública e todas as características que lhe seguiam, como a boemia, as farras, os namoros e as relações fora do casamento.

Nessas colunas, era visível a intenção de suas articulistas em educar as leitoras, preparando-as para o bem casar-se, cuidar de um lar, dos filhos, do esposo, enfim, ter todos os atributos ditos característicos das mulheres. As colunas voltadas para o público feminino tinham como objetivo tirar dúvidas sobre o comportamento das mulheres em seus relacionamentos com os homens⁶¹, e em relação às atitudes ideais acerca de situações como namoro, casamento, família, filhos, entre outras questões.

Assim, a partir dos conselhos e ensinamentos acerca das maneiras de mulheres e homens se comportarem diante de suas relações, configuravam-se construções sociais e culturais das relações de gênero. Tais discursos, enfatizando os valores morais e os bons costumes para as moças fizeram parte de uma rede de enunciados que tinham a intenção de orientar as condutas femininas, construindo modelos, dentre os quais o de que para as moças era necessário “[...] o casamento feliz coroado pela maternidade e um lar impecável” (BASSANEZI, 2012, p. 481).

Este trabalho de “orientação educacional” da revista funcionava para produzir modelos de comportamento e fazer desenhos das relações de gênero. Neste sentido, a prescrição deveria fazer funcionar as práticas de subjetivação nos sujeitos consumidores das revistas que as faziam disseminar no social.

⁶¹ Sendo que algumas vezes as articulistas também davam conselhos ao público masculino, quando esse tinha alguma dúvida relativa aos namoros, casamentos, noivados, enfim, em suas relações com as mulheres.

2.2. Preparando as mulheres para ser moças “casadouras”⁶² nos anos 50 e 60

Construir padrões de comportamento, principalmente os femininos, compatíveis com as exigências sociais do momento foi muito importante para a sociedade que viveu os anos de 1950 e 60, período em que ainda esperava-se das mulheres determinados comportamentos, dentre eles o da “moça de família”⁶³, modelo vigente nessa época. Embora nos anos 50 e 60, no Brasil, estivesse acontecendo uma série de transformações proporcionadas dentre outras coisas pelo desenvolvimento econômico, trazendo um processo de crescimento urbano, industrial, aumento de possibilidades no campo de trabalho e também escolar para a população em geral como da feminina, as discriminações de gênero eram manifestadas com intensidade, sendo um exemplo disso, a questão do trabalho feminino que continuava sendo considerado inferior ao trabalho masculino.⁶⁴ Trabalho que era vivenciado e exercido diferentemente pelas mulheres pobres e ricas. Pois, para as pobres trabalhar significava ganhar seu sustento e de seus filhos, era uma necessidade, obrigação para a sobrevivência de seus familiares, enquanto que, para as ricas, que geralmente quando saíam de seus lares para fazer algum trabalho, em sua maioria, significava ajudar aos grupos mais carentes, como a colaboração em causas beneficentes ou de filantropia, o que para as mulheres das classes altas simbolizava também “nobreza de espírito”⁶⁵.

E para que as mulheres dos Anos Dourados⁶⁶ desde jovens pudessem aprender a ser moças bem comportadas, agindo conforme as regras sociais da época, deveriam aprender com os conselhos das suas mães e, além disso, aprender também com os

⁶² Chamavam-se moças “casadouras” nos anos 50 e 60 o tipo de moça ideal para se casar, ou seja, as “moças de família”, que estavam na idade entendida como certa para se casar, com no máximo vinte anos. BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

⁶³ Para ser considerada uma “moça de família”, ela deveria se portar corretamente, para não ficar mal falada, tendo gestos contidos, respeitando seus pais, se preparando adequadamente para casar-se e conservando sua inocência sexual, não tendo intimidade física com os rapazes. BASSANEZI, 2010, p. 610.

⁶⁴ BASSANEZI, Carla. **Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal** (1945-1964). Cadernos Pagu, nº 1, 1993.

⁶⁵ Ver FREIRE, op. cit., p. 54-75.

⁶⁶ Os Anos Dourados aconteceram entre as décadas de 1950 e 1960, sendo um período, no qual o Brasil viveu um momento de ascensão da classe média, de crescimento urbano e industrial sem precedentes, ocorridos logo depois da Segunda Guerra Mundial. Nessa época, a representação dominante relativa às mulheres era a da mulher ideal, definida a partir dos papéis femininos tradicionais, com ocupações domésticas, o cuidado com o lar, marido e os filhos, características que eram entendidas como fazendo parte da “natureza feminina”. BASSANEZI, 2010, p. 608-609.

aconselhamentos feitos pelas colunas que dedicavam boa parte de sua escrita para as mulheres, mesmo as já casadas, e para as moças, que pretendiam se casar, portanto, seguir regras de conduta, era necessário. As moças que queriam se preparar para se casar tinham condutas a seguir, sabendo assim como se comportar, mesmo antes do seu casamento. Mas já na década de 50, algumas moças brasileiras pareciam não ter subjetivado as normas que deveriam seguir, por isso, Maria Teresa, a articulista da coluna feminina de “O cruzeiro”, chama a atenção:

Somos de opinião que os pais devem proporcionar às filhas ambiente social. É interessante que desde cedo a moça tenha convívio com outras moças e com vários rapazes. Dêsse jeito dificilmente ela virá a ter problemas sentimentais da natureza do de nossa leitora Aurora Boreal, de São Paulo. Essa moça foi criada sem amigos e sem amigas. Já depois de moça feita, sentiu a falta e quis tê-los. Mas ficou sempre uma desajustada. Diz que hoje tem bastante experiência da vida. Entretanto, faz-nos perguntas dessa natureza: “Até onde são permitidos os carinhos? Deve-se convidar o rapaz para entrar logo em casa? O que devo fazer para prender um rapaz decente? [...]”⁶⁷

Como ressalta a articulista, as filhas deveriam ter boas influências, boas amizades, seguindo as normas e as regras de conduta que as disciplinavam para que fossem futuramente boas donas-de-casa, esposas e mães. E para que elas um dia fossem consideradas boas esposas, a educação recebida desde cedo contribuía bastante. E, em grande medida, a família era responsável por dar boa educação às filhas, principalmente, era uma tarefa que cabia às mães, que muitas vezes agindo juntamente com as escolas domésticas, cursos normais, entre outros meios de educar as moças, tentavam educá-las e conseguir conquistar um casamento e mantê-lo bem durante toda a sua vida, mostrando sua boa educação, seus dotes domésticos, culinários, cuidados com o lar, o esposo e os filhos, sendo também uma mãe exemplar. As publicações periódicas em revistas e jornais voltadas para o público feminino contribuía para a educação das moças, na preparação para a conquista de um bom casamento⁶⁸.

⁶⁷ “O cruzeiro”, 27 de novembro de 1954.

⁶⁸ Além das revistas e jornais, as mães, também foram responsáveis por preparar as moças em mulheres ideais a partir das escolas e cursos por trazerem e introduzirem na vida delas a disciplina e os bons hábitos que fariam parte de suas vidas ao conseguirem seus almejados matrimônios, o que segundo se dizia nos anos 50 “era o sonho de qualquer moça, o casamento”. BASSANEZI, 2010, p. 609.

As temáticas que construía a imagem da boa moça, a exemplo dos assuntos discutidos pela revista, estavam relacionadas ao casamento, à maternidade, ao lar e à vida doméstica. Havia periódicos que investiam em colunas que poderiam ser voltadas, exclusivamente, para as mulheres, como também havia outras que por não ser, exclusivamente, dedicadas a esse público, poderiam tratar desses temas. Sendo assim, seguir como exemplo tais prescrições, significava dar um passo à frente na conquista dos rapazes: seus futuros esposos. Neste sentido, a produtividade da prescrição da revista funcionava para alertar quais eram os comportamentos de uma “moça direita”, aquela que teria como “prêmio”, o casamento; e aquelas que praticavam comportamentos considerados reprovados socialmente e, portanto, indignas de conquistarem o lugar naturalmente atribuído às mulheres, ao lar e a condição de esposa, mãe e avó.

Quando as moças não seguiam as regras e a disciplina, ao invés de serem vistas como “moças de família”, eram observadas como “moças levianas⁶⁹” e assim não poderiam almejar um bom futuro, conquista considerada de uma mulher bem comportada desde a sua solteirice até o momento em que se tornava uma mulher casada, para isso, era preciso agir conforme o padrão de mulher, cobrada pelas prescrições sociais que circulavam à época.

Como coloca Bassanezi (2010) ao falar sobre as diferenças existentes entre as moças solteiras bem comportadas, e as consideradas “levianas”: “Às primeiras, a moral dominante garantia o respeito social, a possibilidade de um casamento-modelo e de uma vida de rainha do lar - tudo o que seria negado às levianas (BASSANEZI, 2010, p.510)”. Nos anos 50, e em boa parte dos anos 60, as revistas femininas, a exemplo da revista “O cruzeiro”, divulgaram esse modelo feminino, o de que uma mulher só seria considerada bem sucedida socialmente se conseguisse a conquista de um bom casamento, já que casar-se simbolizava o único destino reservado a elas e sem esta experiência a mulher tornava-se uma figura frustrada, porque seria, no casamento ela realizaria seu “destino”, que era o de se tornar uma boa esposa, e o de se tornar mãe, “destino” para o qual toda mulher teria nascido, e precisaria cumprir para que pudesse alcançar a felicidade.

⁶⁹“Moças levianas” eram o avesso das moças de família, pois não se comportavam conforme as normas seguidas por essas últimas, não sendo consideradas “moças para casar”, mas somente para servir de diversão para os rapazes. BASSANEZI, 2010, p. 610.

Dessa forma, os artefatos dessa época prescreviam regras para as moças que queriam arranjar casamento. E por isso é que na revista “O cruzeiro” do ano de 1954 a articulista Maria Teresa mostra como as moças que se consideram casadouras têm que se comportar com relação aos seus namoros, afirmando:

Tôda moça que tem obrigação de comportar-se bem já por uma questão de dignidade pessoal, respeito próprio, já em satisfação à sociedade. Há muitas moças, entretanto, que acreditam que, ser popular, é ter muitos namorados. E então nem gostam dos rapazes; namoram-nos apenas para fazer cartaz. Hoje é um, amanhã é outro e depois ainda mudarão. Às vezes estão acompanhadas por um, mas já olham para outro como possível candidato. O que acontece é que o namorado atual, percebendo a leviandade da moça, procura tirar o melhor proveito da situação. O outro que vai namorá-la em seguida, já tendo ouvido dos amigos referência pouco recomendáveis, quando se candidata já é com planos previamente concebidos... e planos que não são bons.⁷⁰

O tema da “leviandade” das moças, enquanto problema a ser superado através dos conselhos dados pelas articulistas das colunas, nas revistas ou jornais dos anos 50 e 60, foi um assunto constante nas colunas reservadas ao público feminino dos anos dourados. Nelas, as moças eram sempre orientadas a agir de maneira adequada a uma moça “bem comportada”, que pretendia conquistar um rapaz para se casar. Essa era a norma mais adotada para uma “moça de família” seguir, a da mulher “séria” que só poderia se relacionar com o rapaz que futuramente se tornaria seu marido, mas sem muitas intimidades no namoro, sem muitos avanços nos carinhos. Esse seria o namoro adequado que a sociedade esperava da moça que pretendia se casar, como foi afirmado pela articulista.

Nesse caso, as moças “namoradeiras” eram vistas com maus olhos, pois o fato de namorar mais de um rapaz as tornava, aos olhos da sociedade, uma “garota fácil”. Para os rapazes, namorar mais de uma moça de uma só vez, era natural, pois segundo os conselhos das articulistas, os rapazes normalmente querem tirar proveito das moças que lhes dão liberdades, ou seja, das levianas, e depois não as querem para casar, preferindo as moças comportadas para constituir família. Eles eram incentivados a ter várias relações sexuais, que não só eram permitidas. Assim, “[...] As levianas eram aquelas com quem os rapazes namoram, mas não casam” (BASSANEZI, 2010, p. 512). O que

⁷⁰ Revista O cruzeiro, de 04 de dezembro de 1954.

era colocado pelas articulistas através de seus conselhos, mostrava o efeito do que foi construído pelo discurso médico, no século XIX, acerca do corpo feminino, discurso que reelaborado e atravessado por tantos outros discursos, como o da religião, no século XX, cobrou das mulheres que não usassem seus corpos para outro fim que não fosse o de procriar, usá-lo dessa maneira era ser uma “moça honrada”, já que estaria se resguardando e ao seu corpo, para a maternidade, para o matrimônio. Enquanto que usar o corpo para realizar seus desejos, suas vontades seria coisa de “mulher leviana”.

E geralmente os rapazes ao repudiarem determinadas moças, afirmavam que elas não eram moças sérias para com eles casarem-se. Eles tinham em seu repertório de justificativas a promiscuidade delas, apelidando-as de “garota fácil”, “vassourinha” ou “maçaneta”, sendo essas palavras alusões que indicam que eram moças namoradeiras, que passavam de mão em mão e ainda defloradas.

As moças consideradas “emancipadas”⁷¹, segundo a revista também eram mal vistas pelos rapazes e assim também repudiadas por eles, por que as emancipadas pareciam perigosas, sendo um tipo de mulher leviana, pois poderiam não se prender a certas normas de conduta para o feminino, fugindo ao padrão de “moça casadoura” dos anos 50 e 60. Os comportamentos das moças consideradas liberais não eram vistos com bons olhos pela moral social da época, como explica Bassanezi⁷², que pregava para as boas moças, “um bom caminho”, caso mantivessem o modelo de comportamento da moça “casadoura”, bem comportada; teriam pela frente um bom caminho, isso significando um bom casamento, a conquista de um bom marido, um homem que iria respeitá-la, durante toda a vida. E os atributos de uma moça de família era entre outras coisas, o recato, a docilidade, a boa moral, a contenção sexual, a virgindade. Enquanto que a virilidade masculina era medida em relação às várias experiências vividas por eles, através dos estímulos que recebiam desde muito cedo.

Dessa maneira, os códigos morais, presentes nos discursos de artefatos como a revista “O cruzeiro” que circulou pelo Brasil, nos anos 50 e 60. Tiveram o objetivo de construir, para as mulheres da época, o modelo dominante de família, que seguia as regras rígidas para o comportamento feminino e o oposto para o masculino, que tudo

⁷¹ “Moças emancipadas” eram geralmente aquelas que nos anos 50 e 60 já trabalhavam fora do lar, em empregos como os de secretária ou de professora. Como ainda era bastante forte a representação da mulher, enquanto rainha do lar, muitas vezes elas eram consideradas também moças levianas, por não seguirem o padrão feminino, vigente à época... BASSANEZI, 2010, p. 622.

⁷¹ Ver BASSANEZI, op. cit., p. 624.

⁷² Ver BASSANEZI, op. cit., p. 610-613.

podia, numa relação desigual com as mulheres, condenando todas as vivências, que sugeriam a liberdade feminina como no caso de sentir prazer na experiência da sua vida sexual.

A exigência desses códigos morais vigiava os corpos também através da moda, das formas de se vestir, de se comportar. Essa vigilância sobre a moda feminina era uma maneira de disciplinar os corpos e os comportamentos das moças. Porque para elas, a moda era uma forma de evidenciar seus corpos através das roupas, principalmente, nos anos 50 e 60⁷³. Nesse período, o modismo era imitar as estrelas do cinema *hollywoodiano*, onde o corpo das atrizes tornou-se modelos de beleza almejados pelas jovens de todo o mundo. As estrelas de Hollywood⁷⁴ faziam “caras e bocas”, usavam maquiagens extravagantes, vestiam roupas decotadas o que não era muito bem visto pela sociedade que pregava valores tradicionais, os quais deveriam ser seguidos pelas moças “bem comportadas” do Brasil.

Uma questão que preocupava as famílias mais tradicionais era que, na década de 60, as mulheres passaram a usar roupas ditas masculinas, como a calça jeans e outras peças não muito aceitas socialmente pelos setores mais conservadores da sociedade a exemplo da mini saia, vestidos curtos e os biquínis, já citados. Por isso, os setores mais tradicionais da sociedade acreditavam que tais roupas usadas pelas mulheres colaboravam para que houvesse o desmoronamento dos valores tradicionais referentes às famílias e, principalmente, às mulheres, observadas como responsáveis pela segurança familiar. Seria também os anos 60 a época em que a moda se expressou de maneira democrática, pois segundo Preto (2010) um grande marco para a moda nesse momento foi ela não ser mais ditada pelos grandes mestres da alta costura, o que anteriormente significava estar desatualizada, dando então uma certa liberdade nos modos de vestir das pessoas e, no caso, das mulheres. Essa mudança se deve ao fato de,

⁷³ Na década de 50, a revista “O cruzeiro” já mostrava as moças vestidas de biquínis nas praias brasileiras. Os trajes como o biquíni, criado em 1946, popularizado na década de 60; a mini saia, criada em 1965, revolucionou a moda feminina. Porém, o biquíni da década de 50 era muito mais comportado que o da década de 60, tanto que no ano de 1969 o Papa Paulo VI alertava sobre a falta de pudor das moças que usavam biquínis, o que um jornalista colocou numa nota no jornal O Estado. VIEIRA, Rejane Esther. **Desnudamento feminino como transformação nos costumes e na moda (1960-1970)**. Monografia de conclusão de curso em História. UFSC, Santa Catarina. 2003.

⁷⁴ No período que sucede a Segunda Grande Guerra, o Brasil viveu um período de americanização. As atrizes Grace Kelly e Elizabeth Taylor, com seus vestidos de cintura fina, saias rodadas e anáguas, foram os ícones da época. Os penteados eram fixados com laquê, formando um coque no alto da nuca. As jovens usavam também o “rabo-de-cavalo”, que era os cabelos presos. **Mulheres em revista**. O jornalismo feminino no Brasil. Secretaria Especial de Comunicação Social. Rio de Janeiro – O Cruzeiro – A maior e melhor revista da América Latina. Junho de 2002.

além de voltada para a camada média da sociedade, a moda passou a ser para os jovens, o grupo no qual as indústrias passaram a investir.⁷⁵

Os novos modos de se vestir na década de 60 foram na perspectiva de Vieira, alvo das redes de telecomunicações que no rádio e na recém chegada TV, fizeram parte do cotidiano de muitas famílias. A moda partia de grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro para outros recantos do Brasil.

Todas essas transformações nos corpos e nas maneiras de se vestir passaram a assustar, pois as mulheres estavam se masculinizando, usando calças, provocando os homens através de seus corpos vestidos nas mini saias, nos biquínis, indo contra o que a sociedade exigia para as moças ditas “de família”, por isso para que elas não fugissem ao padrão moral da sociedade é que as revistas enfatizavam de todas as formas a maneira correta de as moças se comportarem junto aos rapazes, contendo os namoros e mantendo-se distante das “modas provocativas”, para que elas não ficassem mal faladas:

Nem sempre a popularidade é uma boa recomendação para a moça [...] nem sempre o rapaz se diverte com a moça de maneira recomendável para ela. Depende muito da moça a maneira como é tratada pelos rapazes. Se dá preferência a modas e modos provocantes, perde o direito de queixar-se se o rapaz quiser avançar o sinal. O estímulo quem deu foi ela. [...] chamar a atenção dos rapazes (com gestos estudados e sensuais) é depreciativo para a moça.⁷⁶

Na prescrição acima, identificada na revista, a normatização da “mulher direita”, ocorria pela sua seriedade na relação com o rapaz. Neste sentido, ser popular, usar

⁷⁵ Preto afirma que com o surgimento da adolescência, essa nova faixa etária, que não é mais criança nem adulto, “[...] traz idéias mais emancipadas e contestadoras do que em épocas anteriores. O adolescente rejeitava a estrutura de vida dos pais e era contra a sociedade de consumo iniciada na década anterior. O novo pensamento jovem é mudar o mundo. A moda, agora mais ligada ao jovem, ficou mais dinâmica e democrática e a alta costura entrou em declínio, em função do seu alto custo e a diminuição da clientela. Além disso, a indústria têxtil desenvolveu máquinas mais sofisticadas para aperfeiçoar a produção, o que exigiu dos estilistas uma adequação à nova moda. Assim, as roupas passaram a ser produzidas em série, favorecendo o desenvolvimento do *prêt-à-porter*, ou “pronto para usar, vestir”, que “coincide com a emergência de uma sociedade cada vez mais voltada para o presente euforizada pelo novo e pelo consumo”. Estilistas como Yves Saint Laurent, assistente de Christian Dior, na década de 50, e que em 1961 abriu sua *Maisonem* Paris. Suas roupas eram basicamente destinadas às jovens, meninas moças, com vestidos trapézio, casaquitos estruturados e saias evasê. No mesmo ano, partiu para o universo do *prêt-à-porter*, devido ao momento de declínio da alta costura. Por esse motivo, Saint Laurent se caracterizou por ter trabalhado em dois pólos da moda, pois foi um dos últimos a trabalhar com alta costura e o pioneiro do *prêt-à-porter*. PRETO, Luiza Cechinel. **Moda brasileira nos anos 60**: Alceu Penna e a revista O cruzeiro. Monografia de conclusão do curso em Design de Moda e Tecnologia pela Universidade Feevale, Novo Hamburgo. 72 p. 2010.

⁷⁶ Revista O cruzeiro, 24 de maio de 1958.

determinadas modas provocantes, ou usar gestos sensuais, estaria a mulher, nessa relação de gênero, sendo vulgar, o que seria depreciativo para sua identidade e provocaria a falta de respeito por parte do homem. Esta leitura da revista está associada à ideia de que a mulher para casar-se deveria preservar sua identidade como honrada, “mulher direita”, ou seja, o comportamento da mulher é quem definiria sua identidade na relação com o masculino. Logo, a prescrição da revista foi no sentido de produzir subjetividades pelo processo de normatização do que é ser “mulher direita” e que merece “chegar a ser dona do lar”.

A partir do discurso produzido pela revista, identifica-se como a vida de determinada moça deveria ser bem estudada, caso contrário, o rapaz poderia se decepcionar bastante, futuramente, com sua esposa, que segundo a rigidez das regras da época, afirmada pela revista, sugeria que a moça que tinha tido muitos namorados, conhecido muitos rapazes, não teria condições, quando se tornasse esposa, de manter-se conforme as regras exigidas pelos padrões sociais para as mulheres compromissadas, o de manter a ordem da casa, ser uma esposa exemplar, uma mãe dedicada, enfim, uma “senhora de respeito quando fosse dona do seu lar”.

Por isso, algumas colunas escritas para as moças, a exemplo da revista “O cruzeiro” prescrevia um pouco de liberdade, mas uma “liberdade controlada”, porque liberdade demais poderia ser perigoso para o futuro da moça, que poderia não conseguir conquistar um bom pretendente, se tivesse uma vida muito liberta, e era nesse sentido que na revista “O cruzeiro de Fevereiro de 1956”, Maria Teresa alertava sobre esse assunto, dizendo:

Nem será interessante que lhe permitam completa liberdade, para que se distraía, nem que a prendam dentro de casa – para que não seja como “as outras”. (...) Muito bem que não lhe concedam excesso de liberdade: mas ao menos que lhe dêem liberdade relativa, que a assistam, que lhe proporcionem ambiente alegre, que a acompanhem a lugares onde possa conviver com rapazes porque é no meio de gente nova, da sua idade, que a moça se sente feliz. É nesse ambiente que ela poderá escolher prazerosamente, sem quaisquer constrangimentos, o rapaz com quem casará – por amor, e não apenas para fugir de restrições em que foi criada como acontece, tantas vezes.⁷⁷

⁷⁷Revista O cruzeiro, 04 de fevereiro de 1956.

As moças consideradas “levianas”, pelo discurso da revista, nos anos 50 e em boa parte dos 60, dificilmente seriam levadas a sério para manter relacionamentos estáveis, como namoro, noivado e casamento. Logo, uma moça “séria” não poderia ter muita liberdade, mas uma liberdade “vigiada”, o tipo de liberdade que proporcionaria para elas conhecer o rapaz que a levaria ao altar, muita liberdade poderia torná-la uma moça “mal falada”, o que não seria bom para sua reputação de “moça de família”. Por isso, as famílias das moças, diga-se as mães principalmente, tinham o grande dever de conduzi-las a “bom caminho”, preservando sua reputação, sua moral e dignidade, o que significa dizer ordenar seus hábitos e costumes, as roupas, os passeios, enfim, regrando sempre suas “liberdades”.

Quando as moças seguiam o modelo “comportado”, previsto para elas, poderiam alcançar o sonho de muitas delas naquela época: o casamento. Geralmente eram os rapazes que escolhiam as moças com as quais queriam casar “[...] e, com certeza, procuravam para esposa uma pessoa com recato, docilidade, pureza, que não lhes trouxesse problemas – especialmente contestando o poder masculino – e que se enquadrasse perfeitamente aos padrões da boa moral” (BASSANEZI, 2010, 512-513). Por isso é que as mães das moças temiam pelas filhas, para que elas não “caíssem na boca do povo”, terminando sem conseguir um bom casamento e assim ficassem sem um marido para dar-lhes estabilidade de sentimentos e também financeira. Nisso era o que acreditavam as moças solteiras e suas famílias.

2.3. A boa esposa é dedicada e não desagrada o marido... O “chefe da casa” e a “rainha do lar”

A construção da “rainha do lar”, da mulher que seria uma boa esposa passava pelos discursos que normatizavam a vida das mulheres. As moças eram preparadas através dos discursos que circulavam pela sociedade, a exemplo da revista “O cruzeiro” e através dos discursos como das revistas, jornais e suas colunas tentavam normatizá-las, construindo para elas o modelo de mulher bem sucedida para a época, que era a

mulher casada, na qual mostrava ser competente por ter alcançado a realização enquanto mulher, ou seja, o casamento. Pois, “[...] Culturalmente, o casamento era representado como a única fonte de sobrevivência para as mulheres [...]”⁷⁸.

Assim, a construção da “moça casadoura”, ou seja, sua preparação para o casamento, a maternidade e o lar, significava também a construção de uma boa esposa, que cuidaria do seu marido, do lar e dos filhos. E para mostrar como é que deviam se portar as mulheres após o casamento e qual o seu lugar nele, é que a articulista Maria Teresa, deu a dica em sua coluna feminina do perfil da esposa ideal, sob o título de “A personalidade da espôsa”:

Muitas espôsas entendem que, para serem perfeitas têm que se anular em face dos interesses da família. Explicando melhor - têm que renunciar ao mundo para melhor servir. Parece-nos completamente errada essa maneira de pensar. Para servir bem é preciso ter muita personalidade. É preciso estar inteirada do que se passa no mundo para que possa dar aos filhos melhor criação dentro da época em que eles terão que viver. No lar, a mulher não é uma simples servente, mas uma colaboradora espontânea cujo interesse capital deve estar sempre dirigido, em união com o marido, o que melhor fôr possível em benefício da família, que, juntos constituíram. A cada um, é verdade, cabe uma função distinta. É a própria natureza, porém, que os habilita, de acordo com suas aptidões e tendências particulares às suas tarefas específicas. Socialmente falando, a função da mulher se centraliza no lar. [...]”⁷⁹.

Mesmo que de maneira sutil, Maria Teresa mostra uma pequena transformação quanto à participação da mulher no lar, segundo ela, as esposas seriam “colaboradoras espontâneas” e não “simples serventes”, por isso as esposas não deveriam se anular, afirmação que de alguma forma quebra nesse momento um pouco do modelo feminino aconselhado pela coluna feminina “Da mulher para a mulher”. Porém, a própria Maria Teresa afirma que cada um, homem e mulher, teria seus lugares específicos dentro do lar, “funções distintas”, que a “natureza” dá a cada um como habilidades.

Seguindo essas “habilidades”, a casa, o cuidado com o lar, era o lugar da mulher e, nesse caso específico, da esposa, a articulista afirma que cabia a ela servir e embora

⁷⁸ MAIA, Claudia de Jesus. Viver para si? **O celibato feminino como ato político**. Revista Labrys Estudos Feministas. Brasília: UNB, Jul/dez/2007, p. 1-19.

⁷⁹ Revista O cruzeiro, de 04 de Dezembro de 1954.

coloque que isso aconteceria juntamente com o marido, diz que cada cônjuge tem seu papel a realizar e o papel feminino estaria reservado ao espaço doméstico. A cozinha seria o lugar próprio para as esposas, sendo que esse lugar teria sido “naturalmente” destinado a elas. Enquanto que para o marido estaria reservada a vida pública, o trabalho fora do lar, a rua, lugar que o valorizava socialmente, o que não acontecia com o espaço e os serviços domésticos realizados pela mulher.

Quanto ao esposo, Bassanezi afirma que ele, diferentemente da mulher, estava habilitado para o trabalho fora do lar, na rua, na vida pública. O sustento do lar era com o marido, o “chefe da casa”, que saía para trabalhar fora de casa. Pois, “aos pais de família cabe sustentá-la com seu trabalho, enquanto que as esposas devem se ocupar das tarefas domésticas, dos cuidados com os filhos e da atenção ao marido” (BASSANEZI, 1993, p. 113).

Cuidar bem do marido era um atributo importantíssimo para a mulher casada, pois uma boa esposa seria também uma boa mãe e dona de casa, atributos que constituíam uma boa esposa. Por isso, na coluna “Da mulher para a mulher”, com o título de “Espôsas mal-humoradas”, de 09 de outubro de 1954, Maria Teresa mostra como o marido deveria ser recebido por sua esposa:

Nada pior para um homem que chega em casa esgotado do trabalho do que encontrar uma esposa mal humorada. O lar, para o marido, é um lugar de refrigério, desde que esse lar ofereça um ambiente de paz e harmonia. Tendo que se desdobrar em mil ocupações de responsabilidade que a vida atual exige de todo homem, normalmente ambicioso, que quer dar à família uma situação decente, o marido aspira pelo fim do dia, quando a esposa e os filhos o receberão de braços abertos num ambiente onde ele será um “rei”, a quem todos servirão com prazer, onde ficará à vontade, calçado com confortáveis chinelos e livre dos incômodos colarinhos. Aspira por uma comidinha diferente, da que engoliu às pressas do restaurante da cidade. Se, porém, ao chegar em casa ninguém o recebe com demonstrações de carinho; se a sua chegada, para sua esposa, é um acontecimento indiferente e às vezes mesmo até incômodo, se não encontra o aconchego por que aspirou durante todo o dia, então esse lar já não representará muito para ele depois de um certo tempo. Infelizmente muitas esposas não compreendem o valor do lar, para o marido, pelo prisma dele. Isso talvez por comodidade, porque para que seja proporcionado ao homem aquele ambiente ideal a que acima nos referimos, é necessário muita dedicação por parte da esposa e essa dedicação exige, algumas vezes sacrifícios. Então, egoisticamente, ela prefere não se colocar jamais no lugar do marido, para ver o que ele espera da família, e o que ela,

espôsa, teria de fazer para compreender àquele ideal justamente desejado por ele.⁸⁰

Em outro momento da coluna “Da mulher para a mulher”, observamos ambiguidade do discurso de Maria Teresa, que num conselho anterior dizia que a esposa é uma “colaboradora” e que não devia “se anular” pela família, no outro aconselhamento mostra de maneira bastante conservadora como a “boa esposa” não poderia ser acomodada e tinha que perceber quais as necessidades que seu esposo tinha ao chegar cansado em seu lar. Nesse outro momento, a articulista coloca de forma bem enfática que para ser a esposa ideal, a mulher precisaria entender quais as aspirações de seu marido, valorizando-o com seus cuidados, afinal, uma de suas obrigações era dar o descanso merecido ao “rei” da casa.

Em seu conselho, Maria Teresa deixou bem nítida a divisão de papéis colocados para homens e mulheres nos anos 50, os homens tinham como dever “prover a subsistência material da família”⁸¹. E sendo assim, ele deveria ser recebido com muita “pompa e circunstância” por seus familiares, esposa e filhos, pois o homem era que vivia a vida pública, na rua, com todas as atribuições diárias para ganhar o “pão de cada dia” trazendo para seu lar mais conforto e segurança. Isso dava ao esposo trabalhador, o bom provedor, autoridade que deveria ser demonstrada pela esposa quando ocorresse sua chegada em casa.

Era visível a desigualdade nas relações entre marido e mulher, pois embora ambos trabalhassem, tendo suas obrigações, havia, nesse caso, uma separação injusta entre os direitos deles. Enquanto ao homem cabia as atribuições então citadas, à mulher se desdobrava fazendo tarefas “como cozinhar, lavar, passar, cuidar dos filhos, limpar a casa. A boa esposa seria capaz de “adivinhar os pensamentos do marido; receber o marido com atenção todo dia quando ele chegasse em casa [...]”⁸², ou seja, à mulher casada cabia o serviço doméstico, completamente desvalorizado, onde ao final do dia, mesmo que bastante cansada, tinha que se mostrar o mais receptiva possível ao marido, que chegando do seu expediente exaustivo fora do lar encontrava em casa na sua esposa seu “refrigério”, num ambiente harmônico, calmo, organizado. Ainda que em nenhum

⁸⁰ Revista O cruzeiro, de 09 de Outubro de 1954.

⁸¹ Ver COSTA, 1979, p. 240.

⁸² Ver BASSANEZI, op. cit., p. 628.

momento passasse pela cabeça dele que sua esposa também tenha tido um dia cansativo, exaustivo.

Cabia à esposa também ser paciente com seu marido, que fosse humorada com ele, pois a mulher teria como dote também a paciência, naturalmente, feminina, que servia para conquistar cada vez mais seu esposo e conseguir a manutenção do seu matrimônio. Para manter seu casamento e a felicidade conjugal, a conduta da esposa tinha que manter-se em harmonia sua relação com seu esposo e como lar. O homem deveria ser o centro das atenções de sua esposa, ele estando bem, o casamento estaria seguro, harmônico e feliz.

Assim, dependia muito da mulher as chances do seu casamento dar certo. E quando o esposo estava bem tratado pela esposa, paciente e cuidadosa, tudo estava bem, esse era o lar e a família ideal. A paciência era uma virtude que esposa devia ter. E a isso que a coluna “Da mulher para a mulher” se dedicou no dia 21 de maio de 1960:

Diz uma pessoa estudiosa dos problemas domésticos que, embora o marido pareça muito difícil em relação às divergências conjugais, isto é simples aparência. O homem, pela sua natureza, é mais explosivo. Quando sente que a paciência lhe falta, braveja, estronjeia – e a onda passa. Com a mulher, porém, é diferente. Ela é mais “miudinha”. É mais rancorosa. Não perde a oportunidade para uma desforra. E pode assim infernar a vida do marido que irá procurar consolação fora de casa, resultando daí mais um pretexto que ela terá para acusá-lo.⁸³

O homem, segundo Maria Teresa, enquanto uma pessoa explosiva tinha que encontrar na mulher uma pessoa calma, pois seus momentos de impaciência, ela usaria da compreensão. A articulista explicando sempre as diferenças entre homens e mulheres a partir da “natureza”, colocando os homens como pessoas que tinham naturalmente um temperamento arredo, que por isso tinha que por para fora sua ira, revolta, se caso estivesse com algum problema. E para que o casamento desse certo, o esposo deveria encontrar na esposa uma mulher que mostrasse justamente uma personalidade oposta a dele.

A boa esposa tinha que estar preparada, munida de paciência, resignada, sensível aos problemas trazidos para casa por seu marido, caso contrário, se a esposa tivesse o mesmo temperamento dele, seu casamento corria o grande risco de naufragar. Inclusive

⁸³Revista O cruzeiro, de 21 de maio de 1960.

corria o risco de seu esposo se chatear e ir procurar outra mulher fora do lar, por isso ela tinha mesmo era que ser uma ótima esposa. E se um casamento se acabava significava que a esposa não tinha cumprido fielmente seu “papel natural”, o de suportar tudo pelo bem de sua família, pois “se a mulher cumprir “bem suas funções” – “um conjunto de deveres que colaborem para o bem estar do marido e de sua pequena comunidade” – sem questionamentos ou queixas, a “harmonia familiar” estará assegurada.⁸⁴

O homem era representado como o centro, pelo qual a mulher, ou a esposa, lhe deviam sentir-se bem e aconchegado na família. As colunas apresentavam os discursos numa direção só, afirmando que, para que o casamento desse certo teria que existir a resignação e a dedicação total da mulher ao lar, porque para a “felicidade matrimonial”, e o “bem estar dos filhos, mas especialmente do marido, o ponto de referência seria a “felicidade no lar”.

Contribuindo o máximo possível para que a “felicidade no lar” acontecesse, a dona de casa se dedicava a muitas obrigações, sendo que nas colunas direcionadas para ela, tinha destaque um lugar que parece ter sido criado desde sempre para as mulheres: a cozinha. Havia nessas colunas várias dicas que pretendiam colaborar no cotidiano das mulheres casadas e também variados tipos de receitas que seriam preparadas exclusivamente pelas mulheres. A coluna “Lar doce lar”, da revista “O cruzeiro”, por exemplo, escrita em certo período por Helena Sangerardi, e num outro momento da coluna por Thereza de Paula Penna, as quais escreveram sobre os “probleminhas domésticos”, que aconteciam no dia a dia e afligia as donas de casa, principalmente, o cuidado, na alimentação familiar. O ponto alto dessa coluna era mesmo a parte dedicada à culinária, onde eram apresentadas receitas consideradas deliciosas, pelas quais as mulheres deveriam agradar a família, em especial, o marido.

Como no caso das dicas dadas pela articulista da coluna “Lar doce lar”, ao falar sobre o chuchu, que segundo ela, era “um excelente legume para fazer um prato completo ou acompanhar carnes e aves”:

Contém ferro e vitaminas este legume, fruto de uma planta trepadeira, do mesmo gênero de abóboras e pepinos. O chuchu é originário do México e das Antilhas, e sua cultura foi muito difundida nos países de

⁸⁴ Ver BASSANEZI, 1993, p. 129.

clima quente. O cuidado que êle exige é quase nenhum. Existem várias formas de preparar chuchu e a cultura muito fêz para melhorá-lo. Sua carne é branca, firme, aquosa e de perfume e sabor quase nulos. Daí sua enorme divulgação como “massa neutra” nas fábricas de doces em conserva. Quando descascar chuchus para qualquer uso, passe-os primeiro por água fervente para evitar as lixas e manchas que o líquido do chuchu deixa nas mãos de quem o descasca. Sua preparação é fácil e diversas são as maneiras de prepará-lo⁸⁵.

Dentre as obrigações das donas de casa, elas tinham que estar a par do valor nutricional dos alimentos que iam preparar. Cuidar da família era cuidar da sua saúde também, por isso a dona-de-casa tinha por obrigação estar atenta ao preparo dos alimentos que eram colocados na mesa para a alimentação. De acordo com Demeterco (1998), após a Segunda Guerra Mundial, seria obrigação das mulheres que tinham saído de seus lares para trabalhar, retornar ao ambiente privado. “[...] Este lugar era o espaço do lar, onde a mulher retomaria sua função de mantenedora da paz doméstica, a partir da tríade: mãe-esposa-dona de casa [...]” (DEMETERCO, 2003, p.154). Assim, elas deveriam voltar para suas casas e principalmente para suas cozinhas, deveriam então “voltar para o seu lugar”. Trabalhar no lar, nos anos dourados, significava afeto, dedicação e sublimação feminina em prol do bem-estar da família. Sendo na cozinha que se desenrolaria o “teatro da arte culinária”, e neste teatro a mulher seria sua principal artista, preparando as grandes atrações, a comida, que demonstrava sua arte culinária. A cozinha era vista como abrigo da vida em família⁸⁶. E com as novidades para o lar, os novos produtos:

[...] Relacionados com o doméstico, com o cotidiano ligado à tarefa de cozinhar, [...] esses equipamentos tornaram-se familiares às donas-de-casa. Inovações tecnológicas de todos os tipos, e em particular aquelas relacionadas à cozinha e à tarefa de cozinhar também tiveram um papel preponderante na mudança de mentalidade com relação à cozinha. Muito contribuíram para isso as estratégias desenvolvidas pelas indústrias alimentícias e de eletrodomésticos, como a

⁸⁵ Revista O cruzeiro, de 21 de maio de 1960.

⁸⁶ Demeterco coloca ainda que, nas décadas de 30 e 40, foram importantes em termos de difusão de equipamentos, armários, utensílios e eletrodomésticos diversos, que vêm fazer parte das modificações por que passa a cozinha, na primeira metade do século XX; sempre em busca de mais conforto, maior racionalidade e praticidade. Eletrodomésticos - como liquidificadores e batedeiras tornaram-se sonhos de consumo entre as camadas privilegiadas da população brasileira. Ver DEMETERCO, op. cit., p. 58

divulgação de receitas, que incentivavam as consumidoras a adquirir o equipamento (DEMETERCO, 2003, p. 154).

Esses equipamentos domésticos viriam para ajudar as mulheres, mas antes elas tinham o dever de saber cozinhar, mesmo sem essas inovações domésticas, questão imprescindível para as donas de casas ou que ainda fossem se tornar senhoras de seus lares. Saber preparar as refeições, na metade do século XX, simbolizava que a mulher daria conta de seu lar, como uma boa esposa, prendada. Segundo Demeterco, algumas mulheres tinham seus livros de culinária que passavam de geração em geração, de mãe para filha, o que mostrava como ser boa cozinheira era importante para as mulheres que queriam se casar.

E isso era ajudado pelos discursos emitidos pelas colunas, como a “Lar doce lar”, que buscavam dar esse ensinamento às mulheres que assim melhorariam a vida de seu marido e filhos. Seu esposo conseguiria dessa forma se sentir mais à vontade ainda ao chegar em casa e encontrar um almoço e um jantar o mais saudável possível. Por esse motivo, Thereza Penna, dava a dica do peixe para que não faltasse uma boa alimentação nos lares:

Cada dia mais se reconhece a importância do peixe em nossa alimentação. Suas qualidades nutritivas são iguais às da carne, sua digestão é mais fácil e é carne de fácil assimilação, muito nutritiva e que não engorda. Contém grandes quantidades de sais minerais e proteínas, vitaminas A, D, e E, fósforo, cálcio, etc. Em mãos hábeis pode se converter em um prato saborosíssimo⁸⁷.

Até na ceia de Natal, as mulheres deveriam estar a par de como preparar um cardápio natalino bom para a família, unindo uma refeição agradável com todas as iguarias próprias para essa época, claro que buscando sempre o saber científico, como o da nutrição dos ingredientes que estão indo à mesa, à praticidade necessária à vida da mulher moderna. Fazia parte das prendas domésticas femininas saber o prato ideal a ser apreciado por seus familiares, o que demonstrava zelo para com marido e filhos.

Esse zelo da dona de casa, na sua prática de cozinhar, de preparar pratos, cuidando da alimentação da família, Michel de Certeau (2011) percebe enquanto uma prática cultural, envolvendo uma série de operações muitas vezes complexas, variando

⁸⁷ Revista O cruzeiro, de 14 de junho de 1958.

de prato para prato sua complexidade, porque a dificuldade em preparar um alimento, um determinado prato pode variar em relação a outro, tendo níveis de exigência diferentes. Por isso, para Certeau, o ato de cozinhar seria composto de táticas, técnicas, que dependem da necessidade de preparo desse prato. Assim, o ato de cozinhar traria em si uma ritualização, uma simbologia que teria significados diversos dentro de cada sociedade, na forma como se prepara o alimento.

A maneira como se prepara cada alimento, dependendo de para quem vai ser preparado, demonstra também que tipo de sentimento estará presente naquela iguaria, que poderá de um sentimento fraternal, entre irmãos, a um sentimento maternal, como o de sua mãe para com seu bebê, podendo ser demonstrado um amor carnal, amor que tenta “devorar o outro” como afirma Certeau. Como afirma Lévi-Strauss apud Certeau (2011), remetendo a um mito africano, cozinhar poderia se assemelhar, “a fazer amor”, sobre o qual “as pedras da lareira seriam as nádegas, o caldeirão a vagina, a colher grande de mexer, o pênis” (CERTEAU, 2011, p. 265). Logo, a mesa seria um lugar de prazeroso, onde através das táticas femininas, de suas astúcias, seria possível para as mulheres demonstrarem seus afetos, suas emoções.

Por isso, as dicas práticas eram dadas para que a dona-de-casa desempenhasse bem seu papel, sem correr risco de errar e desagradar ninguém. E para colaborar com essa dona-de-casa que almejava ser realmente a “rainha do lar” é que a articulista Thereza de Paula Penna deu a dica para o cardápio do período natalino, no ano de 1959, uma boa alimentação, mas deixar de lado a sabedoria da mulher moderna:

Quase tanto como Papai Noel e árvores de Natal, as nozes, passas, amêndoas e castanhas fazem parte das tradições de festas. Usadas nas ceias, jantares e intervalos, estas saborosas frutas resistem as contra-indicações de nutricionistas. Usadas ao natural ou preparadas como parte integrante de sobremesas ricas e festivas, trazem ainda a vantagem de ser pratos preparados com antecedência. Assim as donas-de-casa reservam a si mesmas um dia de festa mais descansado⁸⁸.

Havia a interligação entre os papéis de esposa e dona de casa. Para ser uma boa esposa, era preciso ser também uma boa dona-de-casa. Era preciso que a mulher casada desempenhasse muito bem seu papel de “rainha do lar”. E para ser uma verdadeira “rainha”, no lar, a mulher deveria conseguir abarcar uma gama de obrigações, que iam

⁸⁸ Revista O cruzeiro, de 26 de dezembro de 1959.

desde as prendas domésticas propriamente ditas, a exemplo das obrigações culinárias, a limpeza da casa, até os deveres que tinham com questões como a de economizar tudo, principalmente, para valorizar o que o esposo ganhava trabalhando.

A esposa “moderna” tinha que estar atenta às dicas dadas pelas articulistas para que elas poupassem os ganhos que seus maridos conseguiam conquistar trabalhando com tanto sacrifício. Para termos uma ideia da importância da esposa ser uma “boa administradora” desses ganhos de seu esposo, podemos colocar que, na época, anos 50 e 60, uma máxima que existia, afirmava que “a mulher faz o marido”, ou seja, o peso da manutenção da felicidade conjugal dependia quase que totalmente da mulher, porque seguindo essa máxima, o marido se comporta de acordo com o tipo de esposa que teria. Logo, se a mulher realizasse bem suas funções, colaborando com o gasto útil do que seu esposo ganhava, ajudaria também no bem estar do marido e da família em geral.

A esposa ideal, nesse caso, era a que não fazia questionamentos, queixas, e assim não haveria motivos para ocorrer desarmonia em sua família. Portanto, para mulher ser feliz em seu casamento tinha que ser conformada, ordeira, paciente e que se sacrificasse por todos em casa, principalmente por marido e filhos. Por outro lado, se formos observar o lado masculino, nessa história, veremos que para os homens não era exigido nada que lembrasse esse conformismo, tão exigido para as mulheres.

E seguindo essa ideia de que se a mulher era uma boa esposa seu marido também seria um bom esposo, as colunas femininas investiam na construção da esposa ideal, sempre reiterando essa postura em seus discursos. Essas colunas afirmavam, praticamente, em coro que a felicidade conjugal, ambição de tantas mulheres, estava sempre ao alcance de suas mãos, se elas, obviamente, fizessem por onde. Sendo assim as colunas eram conselheiras persuasivas, que girando sempre em torno do mesmo discurso da superioridade masculina em detrimento do feminino, tentava construir mulheres perfeitas para a vida doméstica, apelando para o discurso de que a vida da mulher deveria ser naturalmente voltada para o lar, conseguindo manter as relações de gênero da época sempre nos moldes tradicionais.

Outra questão que mostrava se as mulheres eram boas esposas e donas-de-casa era a da economia doméstica, sobre as quais, as verdadeiras “rainhas do lar” tinham que apresentar-se, se aptas, a organizar os gastos da sua casa, para que não ocorresse desperdício o que levaria o marido a ter mais gastos. A esposa deveria mostrar que sabia administrar bem as finanças domésticas. Essa atitude era uma forma de recompensar o

marido ao valorizar o seu dinheiro, já que ela era considerada a “administradora do lar”, pois o dinheiro ganho por ele, mesmo que sendo entregue nas mãos dela, continuava sendo do marido. Isso era uma questão de respeito que a mulher deveria ter para com o mesmo, organizando os gastos domésticos para que não passassem do limite, evitando também que acontecessem discussões em casa. Além do mais, esta prática no lar era uma recompensa que a esposa deveria dar, já que ela era dependia, financeiramente, dele.

Para os homens, era muito importante que escolhessem bem com qual moça iria se casar, porque em função disso, teria ou não uma família bem estruturada. E como a responsabilidade com o gasto do salário do marido era da mulher, ela tinha a grande obrigação de fazer próspera sua família, ajudando a poupar para que os gastos do lar não fossem exorbitantes, trazendo sucesso para seu esposo e conseqüentemente para sua família. Isso era muito importante para os homens e por esse motivo eles escreviam para a revista “O cruzeiro”, deixando clara a importância da questão que relaciona a boa esposa à prosperidade do marido e família e com a qual a articulista concorda:

[...] A mulher que se casa e que tem verdadeira noção de seu dever, procura administrar da melhor maneira as finanças de seu marido. Torna-se sua confidente. O marido sabe que tem em casa alguém que o espera e com quem pode trocar impressões. Já ouvimos de um marido feliz a frase de que não poderia viver sem seu “Ministro da Fazenda e Negócios Interiores”, referindo-se à esposa. É evidente que uma família numerosa requer do marido um esforço tremendo para manter-lhe as necessidades. Esforço que também é exigido da mulher, embora noutros ramos de atividade, principalmente quando se considerar as dificuldades com que se depara a todos os momentos, hoje em dia uma dona de casa⁸⁹.

A dona-de-casa ideal era a que reunia em seu perfil qualidades como a de ser boa esposa, cuidando bem do lar, que significava cuidar também da economia dele, do dinheiro colocado em casa pelo esposo. A obrigação que a esposa tinha de trazer prosperidade ao marido e à família mostrava o quanto ela era uma mulher prendada e trabalhadeira; a mulher perfeita com a qual qualquer homem poderia se casar, seria a mulher que não desperdiçava o salário do marido, conseguindo acumular algum patrimônio, construindo desse jeito um homem de sucesso. Nessa relação de gênero que

⁸⁹ Revista O cruzeiro, de 08 de janeiro de 1955.

aqui se coloca, percebemos como o papel da mulher-esposa ou a “administradora do lar” ficava numa situação inferior, em segundo plano, com relação ao do seu marido-esposo, responsável por trazer o dinheiro para casa, dinheiro que deveria ter muito valor para sua família, que nesse caso era representado pela esposa. Portanto, “A sociedade conjugal pressupunha uma hierarquia, respaldada pela legislação, em que o marido era o chefe, detentor de poder sobre a esposa e os filhos, [...]. Logo abaixo vinha a autoridade da esposa”⁹⁰.

2.4. “A mulher que se cuida e se embeleza faz seu homem feliz”: as relações de gênero e o cuidado que a mulher deve ter com o seu corpo

Cuidar de sua aparência, da beleza, da saúde, também era uma das questões as quais as colunas femininas se dedicavam; os discursos das colunas que falavam sobre embelezamento feminino continuavam indo no mesmo sentido que as que tratavam de dar conselhos sobre, e em particular sobre o casamento. Mas é claro que, nessas colunas que aconselhavam os cuidados das mulheres com seu corpo e saúde encontrava-se também a ideia de que as mulheres em geral tinham que estar belas e com saúde para seus namorados, noivos, maridos, afinal era para eles que elas tinham que se embelezar e não por qualquer outro motivo. Segundo as articulistas das colunas sobre beleza feminina, as mulheres casadas deveriam lembrar que já tinham conquistado seus esposos e, portanto, deveriam saber como mantê-los presos.

O marido enquanto homem mais importante de sua vida era em quem a esposa deveria primeiramente pensar, mas as outras mulheres, ou seja, solteiras, com namorado ou noivas tinham que também pensar nos seus pares, pois eles seriam os “homens de suas vidas”⁹¹.

⁹⁰Ver BASSANEZI, op. cit., p. 426.

⁹¹ Nas colunas que tratavam de dar dicas sobre como cuidar da beleza feminina, percebemos o quanto a mulher casada era culpabilizada se por acaso seu esposo arranjasse outra mulher fora de casa. As articulistas colocavam praticamente justificando pelo temperamento masculino e o provável “desleixo” feminino com a aparência a responsabilidade do homem ter procurado uma relação extra conjugal, era

As colunas sobre beleza eram praticamente um guia para as mulheres seguirem, mantendo o tratamento das várias partes do seu corpo, como a pele, os olhos, o nariz, a boca, as mãos, os pés. Todas essas partes do corpo feminino deveriam estar em conformidade com o todo, tendo sempre equilíbrio entre elas. E para tanto tinha também as dicas sobre dietas para manter a saúde e a beleza, dicas para uma melhor maneira de se vestir, andar, falar e noções de comportamento em geral.

Elza Marzullo, na revista “O cruzeiro”, por exemplo, deu muitas dicas e conselhos sobre elegância e beleza, numa coluna que tinha exatamente por título “Elegância e beleza”, entre os anos 50 e 60. Ela, enquanto articulista dessa seção, mostrava sempre estar a par das novidades referentes às questões médicas e científicas relacionadas à saúde e à beleza feminina. Isso porque percebemos em praticamente todas as suas dicas que o público feminino se baseia num saber especializado da época. Vejamos o que ela disse acerca da questão que fala sobre peso e altura, em “equilíbrio estético”:

Cada um de nós é um todo formado de partes que deve guardar entre si determinadas proporções, para que o conjunto seja agradável. Beleza é proporção, é harmonia, e se existe um desequilíbrio entre altura e peso, tudo deve ser tentado para conseguir o equilíbrio estético que é a primeira garantia da graça feminina. (...) guiando-se pelo quadro fornecido, bastará tomar como regra o seguinte; para 1,62m de altura, peso de 57 quilos; 1,60m, peso 56 quilos; 1,58m, peso 54 quilos; 1,56m, peso 53 quilos; 1,54m, peso 52 quilos. Com essa espécie de tabela lhe será fácil verificar as suas deficiências ou excesso de peso, e procurar o melhor meio para a correção do excesso ou da deficiência (...) ⁹².

Manter a boa aparência era essencial para as mulheres em geral, por isso Marzullo enfatiza que a estatura feminina deveria estar de acordo com seu peso. Uma mulher desproporcional seria uma mulher que não se cuidava, pois quanto à altura não podia fazer nada, diferentemente do item referente ao peso. Poderia emagrecer, para que seu corpo ficasse na medida certa. Baseada nos conhecimentos científicos, a articulista sabia a relação e a altura e peso, para poder indicar com exatidão o peso e a altura, das

como se o descuido da mulher, quanto a sua aparência, levasse o homem a trair a esposa. Ver BASSANEZI, op. cit., p. 124.

⁹² Revista O cruzeiro, de 19 de dezembro de 1953.

mulheres ideias. Caso fosse uma mulher desleixada, que não se cuidasse, não arranjaría marido, por sua própria culpa.

Muitos conselhos que apareciam nas colunas femininas dedicavam-se aos cuidados com os cabelos. Parece que essa área do corpo feminino sempre causou preocupação entre elas. Existia a preocupação se os cabelos femininos estavam secos, quebradiços, opacos, com caspa, enfim, todos os problemas que afligiam os cabelos femininos. E quando o cabelo se mostrava com algum desses problemas entrava em cena os conselhos e dicas da articulista, mostrando qual o melhor caminho a seguir para tê-los bonitos e sedutores. Esses cuidados muitas vezes poderiam ser feitos na própria casa da mulher que necessitasse de cuidados capilares. Os ingredientes eram na maioria das vezes, os caseiros, nos quais as mulheres poderiam tirar da própria cozinha.⁹³ Nesse sentido era que Elza Marzullo falava sobre os “amigos e inimigos dos cabelos” dizendo que:

Quando o cabelo se mostra quebradiço, opaco, sêco, é o momento de proporcionar-lhe substâncias graxas da mesma natureza das que o alimentam e formam a camada protetora. Estas substâncias se encontram nos óleos vegetais especialmente fabricados, de modo a serem facilmente absorvidas⁹⁴.

Os cabelos eram realmente uma grande preocupação entre as mulheres, por isso quase sempre nas colunas apareciam fórmulas e formas de cuidar dos cabelos. Assim como existiam ingredientes caseiros e até estranhos para melhorar o estado deles, existiam as dicas básicas de cuidados capilares como lavar com determinado tipo de água, quente ou fria, o uso de escovas específicas para não aumentar a oleosidade do couro cabeludo, os cuidados com problemas como a caspa, os cortes ideais para manter os cabelos saudáveis.

E esses cuidados tomavam por base sempre os conhecimentos especializados, mesmo que a fórmula fosse a mais simples, como na luta contra a queda de cabelo. Problema que os especialistas já tinham pesquisado e chegado a uma conclusão: “Mais um congresso em que especialistas de vários países concluem que na luta contra a queda

⁹³E os ingredientes poderiam às vezes ser bastante estranhos, como “ovos de esturjão, da truta e até da formiga e da borboleta”, que, segundo a articulista, surtia bons efeitos. Marzullo, Elza. “Amigos e inimigos dos cabelos III”, de 13 de julho de 1963.

⁹⁴Revista o cruzeiro, de 13 de julho de 1963.

excessiva do cabelo, só existe, de positivo, um remédio: a higiene” (MARZULLO, 1960, p. 105).

A higiene era um ponto bastante enfatizado por Elza Marzullo, o banho diário também era como uma maneira de cuidar da aparência, mas sem deixar de lado o saber científico. Pois com o tema: “O valor do banho diário”, Marzullo mostrou que não passava a dica sem saber quais os cuidados deveriam ser tomados para que o banho conseguisse ser visto como “um banho de beleza”:

O banho diário tem o valor de um tratamento de beleza. Uma fricção diária com água morna, um bom sabonete e uma boa escova, faz alguma coisa além de uma boa limpeza. Ativa a circulação da pele, vitalizando-a e facilitando a eliminação de toxinas, assim como ajuda a pele como órgão que é, regulador da temperatura. Quando você está muito cansada, o banho restaura as energias e acalma a tensão nervosa. [...] Se você lavar o rosto e passar um creme de beleza antes do banho, o efeito será maior, porque a combinação do creme com o vapor da água de colônia ajuda a expelir os cravos, dá mais suavidade e colorido ao seu rosto⁹⁵.

Com relação às roupas, também era comum acontecerem as dicas. Estar vestida com sobriedade era o ideal para qualquer mulher. Muito mais para as mocinhas que tinham que seguir todas as regras de comportamento, levando-se em consideração que seria de seu interesse a conquista de um namorado, ela deveria sair de casa preparada com uma boa aparência e vestida adequadamente para que as pessoas percebessem que tipo de mulher ela era, decente, de boa família, o que mostrava pela sua roupa e por sua maquiagem, pó, batom, rímel e base.

Para as moças consideradas de família, eram indicadas as cores mais discretas. Assim conseguiam ser respeitadas por todos, como colocava Marzullo: “A encantadora e correta aparência da mocinha que obtém seu primeiro emprego é de capital importância para conquistar o respeito e a simpatia dos colegas e superiores” (MARZULLO, 1959, p.109). Além da maquiagem com tons delicados e discretos, a roupa não poderia ser extravagante, decotada, transparente, mas ao contrário: deveria ser o mais simples e discreta possível, sendo uma maneira da moça ser considerada uma mulher “séria”, respeitável, sobretudo se iria trabalhar. Roupas provocantes poderiam deixá-la exposta demais, assim como as artistas de Hollywood, chamando a atenção da

⁹⁵ Revista O cruzeiro, de 19 de dezembro de 1953.

forma como qualquer moça “séria” não poderia querer. Pois, para a moça que se dizia “séria” não era bom chamar a atenção dessa maneira, mas sim através de suas atitudes bem regradas e de um bom comportamento, que a levaria a ser enxergada em seu local de trabalho como uma moça que sabia chamar a atenção da melhor forma possível, através da discrição.

Havia também as dicas para evitar as varizes das pernas. As pernas bonitas e sem varizes eram o sonho de toda mulher, principalmente a casada, que em geral já tinha passado por uma gravidez, motivo pelo qual era comum se desenvolver esses problemas nas pernas femininas. Embora essa afirmação tenha sido combatida por Elza Marzullo: “Não é verdade que a maternidade deixa sempre algum sinal de sofrimento venoso nas pernas; se o organismo é preparado a enfrentar a gestação, isso não se dá (MARZULLO, 1960, p. 97). A maternidade, defendida por Elza Marzullo, já que entendida como um “dom natural” da mulher, não poderia trazer consequências más para o corpo feminino, pois segundo a articulista, o corpo da mulher seria próprio para a gestação, então por que esse momento da maternidade traria algum malefício à mulher?

A defesa da maternidade estava em conformidade com as regras sociais da época, onde se tornar mãe era observado como uma questão “divina”, o que se confirmava com a biologia do corpo da mulher, seu útero, órgão que dava a ela a possibilidade de gerar a vida. Sendo assim, para a mulher “[...] a maternidade seria a realização máxima da vida.”⁹⁶

Os discursos indicados para as mulheres que vinham das colunas dando dicas de beleza tinham a intenção não só de embelezá-las, mas também de prepará-las para serem futuras e boas esposas, que sabendo como agradar seus esposos através dos cuidados com a aparência, poderiam manter bem o matrimônio, não deixando sua relação com o marido cair na tristeza de um lar desfeito.

⁹⁶ FERREIRA, Juliana Taís. “**Espelho das Mães**”. A Representação Feminina na Publicidade Destinada à Infância nas Páginas da Revista *O Cruzeiro*: 1929-1964. Monografia de conclusão do curso de História da UFPR. 62pgs. 2006, p. 50.

2.5. Toda mulher deve ser mãe! A construção da maternidade nas colunas femininas.

A maternidade foi mais um dos temas bastante frequentes nas colunas femininas. Nelas, a condição de mãe foi construída com a identidade feminina que levava a mulher ao seu mais alto grau de realização pessoal. Tornar-se mãe, aparecia nessas colunas, simbolizando o auge da vida de uma mulher, auge que só alcançado com a vinda dos filhos, e o exercício da maternidade.

Segundo Bassanezi (2012), havia uma expectativa muito grande sobre a chegada de um filho nos lares até meados dos anos 60, porque a chegada dele confirmava o sucesso daquele matrimônio. Esperava-se que após a chegada do bebê, o casal se unisse ainda mais, fortalecendo dessa maneira o matrimônio. A esposa estaria nesse sentido cumprindo “seu destino natural”, gerando filhos, construindo uma família, fazendo sua obrigação, enquanto esposa. A chamada “vocação natural” de cuidar dos filhos, ser carinhosa, zelosa e cuidadosa com eles, era uma questão bastante enfatizada, nas colunas femininas, que reforçavam essa construção de mulher-mãe ideal dizendo que as mulheres poderiam somente sentir a plenitude na sua vida, tornando-se mães.⁹⁷

Porém, tentando desmistificar essa construção da mulher-mãe Badinter (1985), historicizou o conceito de amor materno, mostrando como ocorreu essa construção, deixando claro que tornar-se mãe não pode ser tomada como uma questão que está inscrita na natureza feminina. A construção da mulher-mãe foi criada enquanto uma condição inerente à mulher, porém a autora afirma que tal construção nada mais   do que um mito:

Não encontramos nenhuma conduta universal e necessária da mãe. Ao contrário, constatamos a extrema variabilidade de seus sentimentos, segundo sua cultura, ambições e frustrações. Como, então, não chegar   conclusão, mesmo que ela pareça cruel, de que o amor materno é

⁹⁷ A construção da mulher-mãe faz parte de toda uma ideia de nação com ordem e progresso que responsabilizando- as e encarregando-as da formação moral das novas gerações, inculcando-lhes virtudes cívicas. Essa construção nos remete aos anos 20 e 30 do século XX, mas que se estende até boa parte do restante do século, como as décadas de 50 e 60. BASSANEZI, Carla. A era dos modelos rígidos. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. Contexto. 2012.

apenas um sentimento e, como tal, essencialmente contingente? Esse sentimento pode existir ou não existir; ser e desaparecer. Mostrar-se forte ou frágil. Preferir um filho ou entregar-se a todos. Tudo depende da mãe, de sua história e da História. Não, não há uma lei universal nessa matéria, que escapa ao determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres. É adicional⁹⁸.

Essa construção idealizada para o feminino que tornou a mulher mãe, criticado por Badinter, foi mais uma das construções feitas pela coluna feminina da revista “O cruzeiro”. Nela, os conselhos que foram dados às mulheres enfatizavam sempre que a boa esposa para isso tinha que se tornar uma boa mãe também. E sendo uma boa mãe, a mulher alcançaria o auge de sua vida, pois a maternidade era vista como uma vocação feminina e nada poderia mudar esse destino biológico da mulher, por isso no momento em que ela tornava-se mãe, tinha que deixar de lado muitas questões de sua vida, dedicando boa parte de seu tempo ao(s) filho(s).

A seção “Da mulher para a mulher” da revista “O cruzeiro” nos anos 50 e 60 deu muitos conselhos às mulheres casadas⁹⁹, com relação aos cuidados que uma boa mãe deveria ter com seus filhos.¹⁰⁰ Para que as mulheres, entendidas pelos discursos emitidos pelas colunas femininas, como mães em potencial, recebessem bem os conselhos dados pela coluna feminina era necessário que primeiramente compreendessem bem a grandeza de seu papel enquanto mãe. E por isso a articulista Maria Teresa afirma, explicando sempre a maternidade, enquanto uma questão intrínseca à mulher:

[...] A maternidade é uma função especificamente feminina; suas marcas se gravam ao mesmo tempo no espírito e no físico da mulher.

⁹⁸ BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

¹⁰⁰ O século XX foi visto como “século das crianças”, pela historiadora Juliana Taís Ferreira, em sua monografia de conclusão de curso, a partir das propagandas observadas nas revistas, em especial “O cruzeiro”, as quais continham sempre muitas informações médicas, pediátricas, e também muitas propagandas específicas para as crianças, como a alimentação, cuidados com a higiene, saúde, enfim, cuidados que demandavam que as mães estivessem atentas às necessidades dos seus filhos, mostrando-se boas mães. Com a Puericultura, construíram-se discursos para legitimar seu saber acerca do cuidado com as crianças, embora seu discurso continue construindo a mulher a partir do conhecimento acerca de seu corpo, como é o caso da relação útero/maternidade. E, segundo ela, por isso, uma demanda maior nesse período de aconselhamentos dedicados às mães, cobrando mais e mais cuidados com os filhos. FERREIRA, 2006, p. 44.

É na maternidade que a mulher descobre suas reservas de espírito. É no processo de criação e de educação de um filho que a mulher tem oportunidade de observar os prodígios de amor de que é capaz. Enquanto outras tarefas podem fazê-la sentir sua fraqueza, a da maternidade dá-lhe oportunidade de revelar-se a si mesma, às vezes maior do que jamais poderia supor. Na administração de uma casa e também na criação dos filhos, a mulher pode empregar com resultados os mais belos recursos pessoais¹⁰¹.

Os conselhos relativos à maternidade dados pela revista “O cruzeiro” em sua coluna “Da mulher para a mulher”, em geral, eram especialmente para as mulheres casadas, mas como havia o consenso de que toda mulher, nesse caso, dos anos 50 e 60, seria mãe em potencial, esses conselhos serviam para as solteiras e também, já que elas, seguindo esse consenso, iriam se casar e, conseqüentemente, ter filhos também. Aparecendo, ainda, em alguns momentos da revista, alguns conselhos para as mulheres, mães desquitadas. Podemos perceber através do discurso de Maria Teresa que o corpo da mulher, ao se modificar com a maternidade, estaria mostrando sua “verdadeira natureza”, sua “essência” de mãe. O corpo da mulher, corpo construído historicamente para ser o núcleo central da maternidade, que teria o dom da procriação e que se modificaria conforme as mudanças corporais maternas fossem acontecendo, justificava seu “único destino”, que era o de tornar-se mãe.

E para Badinter, essa construção da mãe ideal ganhou mais ênfase a partir do discurso da psicologia de que a “verdadeira mãe” seria aquela que se adaptaria às necessidades do filho com delicadeza e sensibilidade. O que mostra como outros saberes, como a psicologia, foram atravessando o saber médico que construiu o corpo feminino a partir do final do século XIX, o reelaborando e criando a identidade materna para as mulheres no século XX. A religião, nesse sentido, seria mais um saber que atravessou a chamada “ciência da mulher”, o saber sobre o corpo feminino, desconstruindo o saber médico e o refazendo a partir de outros enfoques. Assim, num misto desses discursos, psicológico, religioso, médico, encontramos a afirmação de que a “verdadeira mãe” teria a capacidade de aceitar o sofrimento, que seria compensado pelas “alegrias da maternidade”. O amor da mãe por seu filho seria então muito maior do que por si mesma, o que foi entendido como sabedoria da natureza, colocá-la como o “único ser capaz de dar a luz”. A dedicação da mãe a seu filho, excluindo da sua vida

¹⁰¹ Revista O cruzeiro, de 04 de dezembro de 1954.

qualquer outro interesse, mostraria a grande capacidade de doação de uma “mãe devotada”.¹⁰²

Assim, entendido pelas mães qual era seu papel, o de ser uma “mãe devotada”, como a psicologia afirmava, restava a elas saber desempenhá-lo. Saber “ser mãe”. E para se tornar uma boa mãe, era preciso que a mulher soubesse tomar as atitudes devidas com relação aos cuidados com os filhos. Um dos cuidados que aparecem na coluna feminina da revista “O cruzeiro” era a orientação que a mãe deveria dar a sua filha, quando mocinha, para que ela não trilhasse um mal caminho por falta de conselhos maternos. Uma boa mãe tinha que estar sempre atenta às necessidades de seus filhos, porque fazia parte do “cardápio de suas obrigações maternas”. E existia uma grande preocupação e cuidados com a relação que deveria existir entre mães e filhas:

[...] pouco se diz da mãe que orienta mal a filha. Quando os pais são bem casados, a filha em geral encontra ambiente adequado para que sua adolescência desabroche num clima apropriado. Mas quando o pai e a mãe vivem brigando, será obrigação de um ou de outro (de preferência da mãe que tem mais convivência com a filha) compensar com uma assistência mais assídua e mais acurada os inconvenientes que aquêl estado de desentendimento entre os pais proporciona à formação da filha. Infelizmente, porém, há muita mãe que, longe de se fazer amiga da filha, torna-se-lhe quase um algoz (...) (BADINTER, 1985, p. 307).

Os aconselhamentos das mães para com as filhas era uma constante da coluna de Maria Teresa. E ela deixava claro que muitas mães não estavam desempenhando suas obrigações com as filhas, o que poderia resultar num namoro, noivado ou casamentos desastrosos, pois sem os bons conselhos de uma mãe, a filha poderia ficar meio perdida. Por isso a mãe estar presente era imprescindível para que a filha conseguisse discernir o certo e o errado. Sem deixar que as brigas e discussões acontecidas entre marido e mulher atrapalhassem os momentos que mãe e filha deveriam vivenciar juntas.

Algumas mães, segundo as colunas femininas, deixavam a filha solta demais, sem lhes dar os devidos conselhos sobre a vida. Enquanto outras poderiam ser zelosas demais e assim sufocar os filhos e filhas. Equilíbrio era necessário nessa relação entre mães e filhas para que a filha não fizesse escolhas erradas. Assim como as mães

¹⁰² Ver BADINTER, op. cit., p. 307.

deveriam ter tempo para aconselhar suas filhas, também deveriam saber que ter filhos era uma dádiva, um complemento de sua felicidade conjugal.

Portanto, para as mulheres casadas, segundo o que era colocado pela articulista da coluna feminina “Da mulher para a mulher”, por estarem completas e felizes, pela família que tinham, com esposo e filhos, não era permitido nenhuma reclamação, e se elas reclamassem, estariam tentando ir contra a natureza feminina, questão que trazia muitos problemas no lar. O casamento, como era colocado pelas articulistas, somente, estaria completo, se tivesse além de um esposo feliz, bem cuidado por sua esposa, também os filhos. A ausência da felicidade na vida dos membros da família apontaria para um matrimônio incompleto. Nesse sentido, é que Maria Teresa, ao receber em sua seção de cartas a reclamação de uma leitora alega que:

Uma mulher que se eleja ao auge se considerar infeliz possuindo filhos, um lar que ela mesma diz não haver motivos para reclamações, uma mulher que chega ao cumulo de maldizer as panelas e as fraldinhas dos inocentes de sua própria carne, não deveria ter nascido mulher¹⁰³.

A mulher, enquanto mãe, não podia fazer reclamação de sua vida doméstica e, principalmente, não reclamar dos filhos. Esses significavam a plenitude feminina, pois tornar-se mãe era o símbolo maior da realização da mulher, e sua justificativa ia muitas vezes além da questão biológica, indo também para a questão religiosa, o que dava uma força maior a construção que afirmava, e ainda afirma que a função principal da mulher era procriar, e sem isso não haveria sentido sua existência.

Sendo assim, reclamar de sua “natureza” era ir contra os “desígnios naturais” de seu corpo e dos ensinamentos religiosos. E para que não acontecesse esse tipo de coisa a articulista Maria Teresa argumenta através da religião o papel tradicional de que as mulheres deveriam cumprir sem reclamar. Pois reclamar era mesmo que renegar a obra divina que tinha lhe dado o dom de poder gerar filhos. Sendo radical: “(...) Infeliz seria você, se lhe fosse negada a virtude de ser mãe. (...)” (Maria Teresa, 1963, p. 104).

A crítica de Maria Teresa com relação a algum tipo de reclamação feita por uma leitora nos mostra o quanto o modelo feminino materno tinha força nos anos 60. A representação da mulher-mãe e da família ideal, segundo Bassanezi, permanecia forte,

¹⁰³ Revista O cruzeiro, de 20 de julho de 1963.

tendo o pai a responsabilidade por trazer para casa o sustento, enquanto que a mãe sabia que “pertencia aos filhos” e ao lar e dessa maneira não tinha o direito de escolha ou de transferir suas obrigações para uma empregada doméstica, babá, alguém que tomasse conta dos afazeres domésticos¹⁰⁴. Para não ser observada como uma mulher irresponsável e sem amor pelos filhos, a única alternativa que tinha era ela mesma realizar todas essas tarefas geralmente designadas para as mulheres, principalmente no que se referia ao cuidado com os filhos. Fazendo sua parte a esposa, dona de casa e mãe, estaria seguindo seu destino, sendo a mulher ideal.

Para as mães desquitadas além da preocupação natural com os filhos, havia outros tipos, pois pelo fato dela estar separada além de ser vista como “uma mulher qualquer”, ficava com ela toda a responsabilidade com relação aos filhos. Resultava desse conflito uma gama de sentimentos que pesavam juntamente com as outras tantas atribuições femininas. Exemplo disso é que a leitora Maria de Lurdes, demonstrando muito receio acerca da criação e educação dos filhos, estando desquitada, desabafa: “Tento ser para eles pai e mãe. Mas é uma tarefa quase impossível e tenho medo do fracasso. Como conseguir que mais tarde eles tenham um lar feliz, firme, se o lar deles é tão falho?” (Maria Teresa, 1963, p. 90).

As mulheres desquitadas, durante os anos 50 e boa parte dos anos 60, segundo Bassanezi, sofriam muito preconceito, eram desrespeitadas, sendo vistas pela sociedade como mulheres que influenciariam mal outras mulheres. As mulheres que estivessem separadas de seus esposos não deveriam ter outros relacionamentos; eles tinham que ser evitados para que elas não perdessem a guarda de seus filhos. Por isso, o controle social recaía com bastante força sobre as mulheres, enquanto que para os homens desquitados isso seria completamente diferente, pelo fato de que não era imoral ter outra mulher após se separar de sua primeira esposa.

Gomes (2012), em sua pesquisa acerca das relações de gênero e desquite em Sobral nos anos 1960 e 70, verificou que as mulheres que se desquitavam, durante a década de 60, eram muitas vezes observadas como transgressoras, o que trazia consequências desagradáveis, tanto para elas próprias como para seus filhos, pois elas

¹⁰⁴ Embora existissem mulheres que, na segunda metade do século XX, já utilizassem as “facilidades da vida moderna”, como a água encanada, fogão à gás (embora o à lenha continuasse muito popular), e aparelhos elétricos como o ferro de passar e a geladeira (que fez desaparecer nas ruas os carregadores de gelo). Donas de casa com mais recursos podiam contar também com aspirador de pó, batedeira, enceradeira, e, tempos mais tarde, máquina de lavar roupa. BASSANEZI, 2012, p. 500.

seriam apontadas na rua como “a desquitada” e seus filhos como “os filhos da desquitada” ou “os filhos (as) sem pai”. A historiadora percebeu que havia um grande medo da decadência do modelo familiar dominante, que era o formado pela mulher, esposo e filhos, onde a esposa deveria ser totalmente dedicada ao lar, aceitando a todas as atitudes do seu marido, mesmo que fossem atitudes que não a fizessem feliz.

Gomes coloca também que nos artigos dos jornais pesquisados, as mulheres eram alertadas a se manterem em seus lares, dando prioridade as suas vidas de esposas, mães e donas de casa, aconselhamentos que enfatizavam a vida em família, acima de qualquer coisa. Isso, porque as mulheres estavam cada vez mais “fugindo do lar” e em busca de trabalho para contribuir no sustento da família, ou simplesmente com o objetivo de acumular bens. Por isso, os artigos deixavam claro que para conseguir uma vida conjugal e familiar, elas tinham sempre de mostrar-se voltadas aos interesses do casamento e em nenhuma hipótese deveriam se comportar de forma a reduzir suas oportunidades de ser uma boa esposa e cumprir sua “sagrada missão de mãe”. Dessa maneira, apesar da crescente dessacralização do sexual, a procriação e a educação dos filhos deveriam continuar a ser prioritárias, pois os projetos pessoais ou profissionais não se poderiam estar acima da função natural de ser mãe.

Portanto, com tantas exigências na vida das mulheres, quando elas se tornavam esposas e mãe e depois se desquitavam se sentiam sobrecarregadas, sabendo como a sociedade cobraria delas uma conduta exemplar para uma boa criação de seus filhos. E como a leitora que desabafou com a articulista da coluna “Da mulher para a mulher”, as próprias mulheres desquitadas se cobravam, pensando não ser capazes de dar aos filhos sem a presença do pai, uma boa educação, atenção suficiente, enfim, todas as necessidades que uma família necessitaria. Pela maneira como a articulista falou dos desabafos feitos na sua coluna, é visível a ideia de que se o casamento não foi construído solidamente, provavelmente foi porque a esposa não cuidou suficientemente dele, do esposo e daí o resultado seria problemas como o da leitora Maria de Lurdes. Então, entendemos o motivo das mulheres desquitadas terem tantos medos acerca de suas novas vidas e dos cuidados com os filhos, uma grande responsabilidade para elas,

num momento em que o masculino era tão valorizado, enquanto o provedor familiar, em detrimento da mulher.¹⁰⁵

Os discursos feitos pelas colunas femininas, nos anos 50 e 60, fossem eles relacionados à construção da boa dona de casa, da boa esposa, da mãe exemplar, confluíam para que as mulheres da época subjetivassem tais identidades femininas em busca de uma identidade que englobava todas essas mulheres, formando uma só mulher: a mulher ideal.

Tornar-se a mulher ideal significava estar de acordo as regras sociais e culturais colocadas para elas, enquanto regras a ser cumpridas, normas a seguir. E, se as mulheres se opusessem a essa prescrição, não seriam bem vistas socialmente, seriam desvalorizadas, consideradas “levianas”. Por isso, subjetivar tais construções era a opção mais adequada para as mulheres, sendo então boas esposas, donas de casas, mães, estariam fazendo a melhor opção, considerando o que a sociedade esperava delas, torná-las mulheres ideais.

De acordo com esse modelo ideal de mulher, a mulher casadoura, que continuava tão forte, na segunda metade do século XX. As mulheres que estivessem à margem desse modelo, imposto por essa norma social, seriam estigmatizadas, estereotipadas, como veremos, no capítulo seguinte.

¹⁰⁵ O que de certa forma se justifica pela construção social e cultural machista que foi ensinada às mulheres desde crianças de que somente os homens poderiam manter um lar, com relação não só ao aspecto econômico, mas também em relação à educação e à manutenção da união familiar como um todo. Ao falar sobre os desabafos feitos, a articulista da coluna “Da mulher para mulher” deixou claro sua posição, quanto aos problemas enfrentados pelas mulheres ao colocar: “No fundo o dilema é um só: o casamento assentado em bases pouco (ou quase nada) sólidas ou consumado num clima de romantismo, posteriormente destruído ao contato com a realidade. Daí resultam as questões de Nina e Maria de Lurdes, às voltas com as “férias separadas” e “a educação dos filhos.” Pela maneira como a articulista fala dos desabafos feitos, na sua coluna, é visível a ideia de que se o casamento não foi construído solidamente, provavelmente foi porque a esposa não cuidou suficiente dele e daí o resultado são os problemas como o da leitora Maria de Lurdes. Então, entendemos o motivo das mulheres desquitadas terem tantos medos acerca de suas novas vidas e dos cuidados com os filhos, já que a elas era atribuída uma grande responsabilidade, num momento em que o masculino era tão valorizado, enquanto o provedor familiar, em detrimento da mulher.

A PRODUTIVIDADE NOS CORDEIS SOBRE A MULHER SOLTEIRA: EFEITOS DOS SABERES MÉDICOS

Da Bahia para o Sul, pouca gente saberá o que é vitalina e o que é caritó. Caritó é a pequena prateleira no alto da parede, ou nicho nas casas de taipa, onde as mulheres escondem fora do alcance das crianças, o carretel de linha, o pente, o pedaço de fumo, o cachimbo. Vitalina, conforme a popularizou a cantiga, é a solteirona, a môçavelha que se enfeita - bota pó e tira pó - mas não encontra marido. E assim, a vitalina que ficou no caritó é como quem diz que ficou na prateleira, sem uso, esquecida, guardada intacta. (QUEIROZ, 1959, p.130)

3.1. A solteirona e o caritó: “a mulher que ficou na prateleira”...

Nas colunas femininas da revista “O cruzeiro” das décadas de 1950 e 60, observamos a construção de um perfil de mulher, o da “mulher ideal”, ou seja, a mulher casadoura, que deveria possuir todos os atributos para se tornar a boa esposa, a dona de casa perfeita e a mãe ideal. Porém, Rachel de Queiroz¹⁰⁶ também em “O cruzeiro” mostrou outro perfil de mulher que não era a mulher ideal, mas uma mulher que fugiu a esse padrão exigido, socialmente, que era o da mulher solteira.¹⁰⁷ Foi sobre essa mulher, a solteira, que Rachel de Queiroz falava em sua página dedicada a escrever sobre

¹⁰⁶ A escritora Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza, Ceará em 1910. Foi jornalista, romancista, cronista, tradutora, teatróloga e colaboradora de revistas, dentre elas “O cruzeiro” durante anos, na qual escreveu crônicas para a coluna “Última página”. Cf. http://www.e-biografias.net/rachel_queiroz/, acessado em 20 de fevereiro de 2014.

¹⁰⁷ Ambos os perfis de mulheres foram produto dos discursos médicos que circularam a partir do século XIX e que foram reinventados, reelaborados, atravessando outros discursos do século XX, a exemplo do discurso religioso, construindo a figura da mulher ideal e também a da mulher “coroa”, a solteirona, sendo essa, o avesso da mulher idealizada.

assuntos variados em “O cruzeiro” e que em 19 de setembro de 1959, ela se debruçou para mostrar quem eram as mulheres que a sociedade chamava de “vitalina”, e porque a elas destinava-se o “caritó”. Rachel de Queiroz nos chama a atenção para a figura da mulher que ficou solteira ainda no final da década de 50. E que, segundo ela, não seriam as mesmas “solteironas” de outras épocas, porque:

[...] As cidades grandes já hoje quase desconhecem essa relíquia da civilização cristã, que é a solteirona, a donzela profissional. Porque, se hoje como sempre, continuam a existir as mulheres que não casam, elas agora vão para toda a parte, menos para o caritó. Para as repartições e os escritórios e os balcões de loja, para as bancas de professora, [...] De qualquer forma, elas já não se sentem nem são consideradas um refúgio, uma excecência, aquelas a quem ninguém quis e que não têm um lugar seu em parte nenhuma (QUEIROZ, 1959, p. 130).

Segundo Rachel de Queiroz, no final dos anos 50, a mulher solteira apareceu como uma identidade feminina, sobre a qual a autora quis chamar a atenção, identidade de que a literatura de cordel também fala, embora de maneira bem mais “drástica” na década de 70. Porque ao falar sobre a solteira, ele aponta logo a difícil relação dela com o casamento ainda não conquistado dizendo que: “[...] Toda coroa é tola, burra e sem fé. Só pensa em casamento, mas só leva pontapé [...]” (BATISTA, 1976, p. 1)

Através das afirmativas feitas por Rachel de Queiroz e pelo cordelista Abraão Batista, observamos que as mulheres solteiras apareceram como outra identidade possível desde o final dos anos 50, a da mulher que deixou de ser a “relíquia da civilização cristã”, como dizia Raquel, nos mostrando que as identidades femininas estavam mesmo passando por mudanças.

O que Rachel e o poeta cordelista perceberam foram as transformações vivenciadas pelas mulheres “modernas”, naquele momento, ao final dos anos 50, discurso que nos anos 70, como vimos na fala do cordelista tornou-se mais “agressivo”. Pois, nos dizeres da poesia de cordel, essa outra identidade feminina, a da solteirona, era bastante problemática, já que ela “só pensa em casamento”, mas não o consegue.

Mas, para entendermos melhor porque falou-se das mulheres solteiras de forma tão negativa, principalmente no cordel, veremos quais foram as mudanças que estavam acontecendo influenciando as mutações identitárias, contribuindo para que se produzisse tal discurso negativo acerca delas. O que as mulheres de maneira geral estavam

vivenciando nos anos anteriores a década de 70 para que elas deixassem de ser uma “excremência” e se tornassem mulheres “tolas, burras e sem fé”, sempre à procura de casamento, segundo o cordelista?

3.2. As “moças de antigamente” e as “moças de hoje em dia”: a modernidade e as mulheres no século XX

Tratando sobre as mudanças relativas às práticas das mulheres do início do século XX, o cordel “O namoro dum cego com uma melindrosa da atualidade”, João Martins de Athayde¹⁰⁸, cordelista paraibano, conta a história de um velho cego e rico chamado Mirranha que queria se casar e pensou que a moça ou a “melindrosa da atualidade” seria a sua salvação para sair da solidão. Como era cego tinha que apalpar as coisas para reconhecê-las e assim fazia também com as moças. Para começar o namoro, mandou-lhe uma carta e depois do pai dela consentir, foi visitá-la em sua casa... e assim segue a poesia desse namoro...

Havia um cego ricaço
numa vila do sertão
desde o dia em que nasceu
vivia na escuridão
era amarelo e pançudo
porém conhecia tudo
quando apalpava na mão
[...]
Um dia Mirranha teve
uma notícia risonha
de uma moça vitalina
chamada dona Totonha
filha dum proprietário
um velho muito usurário
por apelido Gorgonha
[...]

¹⁰⁸ João Martins de Athayde nasceu em Cachoeira de Cebolas, povoado de Ingá do Bacamarte, Paraíba. Segundo ele próprio em 23 de junho de 1880. Migrou para Pernambuco, radicando-se no Recife, falecendo em Limoeiro, Pernambuco em 1959. Cf. em http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoaoMartins/joaoMartinsdeAtaide_biografia.html, acessado em 08/04/2014.

A moça ainda achava-se
na época da mocidade
porém mesmo sendo nova
já com 30 anos de idade
só vivia a imaginar
porém tinha de casar
medonha necessidade
(ATHAYDE, 192- , p. 2-4-10)

Percebemos as diferenças nas relações de gênero, mostradas no cordel e nele como o discurso médico ainda fazia sentido mesmo, na segunda metade do século XX, porque essas relações aparecem bastante demarcadas, desigualmente. Nesse cordel, em especial, o homem que aparece embora cego e velho, como era o caso de Mirranha, se apresenta como um bom partido, sua idade não seria problema para arranjar uma esposa, enquanto que a mulher, com 30 anos já estava “passada da idade”, era uma vitalina, precisava se casar, tanto para resolver suas “vontades sexuais reprimidas”¹⁰⁹ e não era mais observada socialmente como um “bom partido”, já que a mulher estava culturalmente ligada ao seu ciclo reprodutivo, ou seja, nessa idade seria difícil conquistar um marido e também gerar filhos, se tornar mãe, pois a maternidade era o motivo principal para que uma mulher se casasse.

Ultrapassando o tempo de conquistar o homem ideal, numa idade bem anterior aos 30 anos, sua vida estaria realizada, o que não era o caso da moça em questão, por isso, ela, nesse cordel, deveria aceitar de bom grado o cego como pretendente e ficar feliz, ele estaria dando a oportunidade à moça de se tornar uma mulher casada, maior sonho das moças que ansiavam pelo matrimônio.

Porém, essa moça não “tão tradicional” como esperava o cego Mirranha, o que de certa forma o assustou, pois trazia em si elementos modernos, como seu cabelo cortado, sua maquiagem, coisas de quem seguia a moda como a “moça melindrosa”, que vivia na “alta roda”, “signos da modernidade”.

[...]

o cego apalpou a moça
ficou um pouco amarrado

¹⁰⁹ As “vontades sexuais reprimidas” seriam, segundo o que afirma Fonseca (1989), fruto da crença nos “impulsos sexuais” que as moças solteiras teriam. Ainda segundo Fonseca, a ideia de que uma jovem não esperaria facilmente a idade de 27 ou 28 anos para satisfazer seus “instintos sexuais”. Ver FONSECA, op. cit., p. 102.

passou a mão na cabeça
viu o cabelo cortado são coisas
que nos consomem
ele disse: isto é um homem
eu estou sendo enganado?

o cego disse a seu guia
isso muito me incomoda
o guia lhe respondeu:
são cousas assim da moda
não precisa estar zangado
usa cabelo cortado
quem vive na alta roda

depois passou pelo rosto
e disse: guia, não minta
se esta moça é bonita
por que motivo se pinta?
preciso ser sabedor
se ela ama o pintor
pois está suja de tinta
(ATHAYDE, 192-, p. 2-8)

Elementos modernos como o cabelo cortado, a maquiagem que na percepção do seu pretendente a assemelhava a um homem, ele sim poderia ter cabelos curtos, o que mostra porque a dúvida do cego ao sentir o corte no cabelo da futura esposa, característica dita masculina que uma moça recatada e que pretendia se casar não deveria ter. O modelo de “moça recatada”, encontrava na educação familiar, na educação escolar rígida, formal e também do controle social, a melhor maneira de controlar os corpos das moças, preparando-as para que elas não transgredissem as regras impostas socialmente e que, no tocante as moças, eram mais exigentes, como mostrado por Cardoso (2010).

Esses “signos modernos”, também mostram as novas identidades de gênero, sentidos pelo cego Mirranha construíram o moderno como uma questão negativa que estava acontecendo na sociedade, trazendo novas práticas que desagravam as pessoas mais apegadas à tradição, pessoas que como o cego percebia a modernidade como uma mudança que traria perigo para as famílias tradicionais, as “famílias de bem”.

Então...

[...]
O cego se conformou
e escorregou mais a mão
e encontrou uma cousa
que lhe chamou atenção
disse logo: é muito feio

a senhora usar no seio
dois pacotes de algodão

A moça lhe respondeu:
quando eu era mais menina
namorava com meu primo
ia com ele a esquina
então meu primo pegava
somente por que pensava
que isto era buzina

Pois ele era chofer
e nisto se acostumou
pegava todo momento
e tanto ele pegou,
não se arrependa, me ouça
que depois de ficar moça
então meu seio murchou

aí o cego lhe disse:
e você por que deixava?
a moça lhe respondeu:
porque eu também gostava
às vezes eu não queria
porém quando ele bolia
o corpo me arrepiava

Mesmo porque no lugar
ela era difamada
certa pessoa uma noite
encontrou ela na estrada
olhando muito pra traz
abraçada com um rapaz
com a saia já rasgada

[...]

(ATHAYDE, 192-, p. 8-10)

O chofer, através do automóvel que dirigia, conseguia atrair a atenção das mulheres por onde passava, pois tinha encantos, que pareciam seguir “as trilhas do poder”, como disse Sousa (2001). O automóvel, mais um dos elementos da modernidade, significava outra forma das mulheres adentrarem o mundo das suas novas práticas cotidianas, inculcando novos hábitos de vida para os moradores das cidades, como seria o caso da moça que aparece no cordel sendo acariciada pelo namorado chofer, que segundo Sousa, seria “um novo personagem.” da modernidade.

Por ter todo esse encantamento que havia na figura do chofer, a moça melindrosa do cordel mostrava-se entregue aos seus desejos e vontades, sentindo prazer em seu namoro com o primo. A moça da qual o cordel fala, é uma mulher que sentia

prazer nos carinhos do namorado, uma questão preocupante para os mais conservadores, que a difamavam por estar sendo a questão de como a mulher se comportava com a chegada da modernidade, quando muitas delas começavam a mostrar seus desejos e vivenciá-los, experimentando novos momentos.

A demonstração dos desejos pela mulher a difamava, porque como afirmou Araújo (2011),

[...] A mulher deveria ser comedida, interdita, reservada pura e ingênua, representações produzidas para o feminino que honraria o masculino e a família. A mulher, quando solteira, ao conservar sua pureza, além de honrar o pai, estava valorizando a sua honra, configurando uma qualificação importante para ser escolhida para o casamento. (ARAÚJO, 2011, p. 42).

O corpo feminino como coloca ainda Araújo, deveria ser virgem, casto, puro, assim a mulher solteira, ao conservar sua pureza, honraria seu pai, e através dessa honra valorizada, se mostrava uma qualidade muito importante para que a mulher fosse escolhida para o casamento. Isso ocorria porque,

Nas relações de gêneros, os valores da honra masculina estavam associados à sexualidade feminina. A virgindade e a fidelidade feminina significavam, respectivamente, a valorização da honra do pai e do marido. A transgressão desses valores produziria efeitos de rebaixamento social do homem (ARAÚJO, 2011, p. 42).

Dessa forma, com o corpo feminino pedagogizado, educado para funcionar de maneira diferente dos homens, faria a mulher agir dentro dessa hierarquia que tendo a influencia dos discursos médicos do século XIX, discurso científico que elaborou essa diferenciação sexual, e que no século XX, como vimos nos trechos do cordel sobre a “melindrosa da atualidade”, a partir dos discursos da ciência médica, como era perigoso para as mulheres não se comportar de maneira normatizada, difamando, manchando sua reputação.

Enquanto que, para as mulheres, era necessário o cuidado com a educação, normatização de seu corpo, para os homens era diferente. Para eles, a virilidade se tornava uma questão muito importante, sendo assim, quanto mais tivessem relacionamentos, namoros, quanto mais se expusessem, mostrando-se um homem “namorador”, conquistador, melhor seria sua reputação. Por esse motivo, o cego,

personagem do cordel acerca da “melindrosa da atualidade”, se preocupou com a “modernidade das práticas” de sua esposa e...

[...]
Quando foi com 9 meses
Totonha estava pesada
deu a luz no outro dia
uma menina criada
porém, alguém disse ao cego:
Mirranha, eu não te nego
a coisa tá envergada
[...]
eu desconfio, Mirranha
do primo dela, um rapaz
namorado de Totonha
que acode por Tomás
por que ele marca a hora
quando você está fora
ele emboca por detrás
[...]
Totonha saiu chorando
Foi para a casa paterna
Gorgonha quando viu isso
disse: esse caso me inferna
mandou chamar o marido
pra dizer ao ouvido:
isto é da vida moderna

- meu genro, lhe disse ele
mulher de hoje é assim
quando o marido não pode
dar-lhe roupas de cetim
brilhante, jóia e dinheiro
ela vive o tempo inteiro
neste tormento sem fim
[...]
(SILVA, 192-, p. 5-16)

A preocupação do cego Mirranha com relação à sua esposa se dava por ela não se mostrar tão pedagogizada, educada, conforme os padrões exigidos socialmente para a mulher, honrando sua família e seu marido, quanto deveria fazer uma moça em sua solteirice e uma quando casada. Tantos problemas, segundo seu sogro, seriam produto da “vida moderna”, modernidade que trazia para as mulheres outras formas de comportamento, que fugiam do modelo construído para as mulheres ideais, o de mulheres fieis, maternas, esposas dedicadas.

Mas, o sogro do cego Mirranha dá a entender que seu genro deveria se conformar com a atitude de sua esposa, pois “a mulher de hoje é assim”, um “hoje” moderno, no qual as mulheres faziam suas vontades, mostravam seus desejos. Assim, a sugestão do sogro ao genro é de uma nova “prática masculina”, uma “prática de masculinidade” (ARAÚJO, 201, p.173).

Em outro cordel, “O namoro moderno”, do ano de 1957, de José Bernardo da Silva¹¹⁰, poeta cordelista de Alagoas, fala também sobre a modernidade nos namoros e de como as mulheres, naquele momento, o encaravam; fossem elas moças jovens e casaduras ou mulheres casadas, como indicava o cordelista, elas estavam se comportando de modo inconveniente. É o que vemos no cordel de José Bernardo:

Uma moça antigamente
quando queria se casar
namorava ocultamente
para seu pai não sonhar
se alguém dizia ao pai dela
a pobre desta donzela
levava a vida a chorar

porém as moças de hoje
namoram por um capricho
é na cozinha, é na sala
é na igreja, é no lixo
é no claro, é no escuro
esse namoro é seguro
só costura de rabixo.

As moças daquele tempo
não conhecia namoro
não respondiam aos pais
o que chamam desaforo
gostavam de plantação
tecer pano de algodão
viviam desse laboro

mas uma moça de hoje
quando arranja um namorado
pergunta baixinho a ele
se é solteiro ou casado
si ele diz: sou solteiro...

¹¹⁰ José Bernardo da Silva nasceu em Palmeira dos índios, Alagoas, em 1901. Radicou-se em Juazeiro do Norte, em 1926, onde instalou a tipografia São Francisco, que tornou a cidade um dos maiores pólos editoriais de cordel. Cf. em <http://cordeldesai.blogspot.com.br/2011/05/cordel-de-saia-homenageia-jose-bernardo.html>, acessado em 20/02/2014.

ela diz: me dá um cheiro
boca de cravo encarnado.

[...]

As moças de hoje em dia
estão levadas da breca
tenho visto moças em bailes
que parece uma boneca
olhando adiante e traz
se enrola com um rapaz,
dança que rasga a cueca.

As solteiras de hoje
são as mais escandalosas,
nas festas onde tiverem
querem ser as mais formosas
botam preparo nas unhas
ficam que nem umas cunhas
feitas por mãos caprichosas.

[...]

(SILVA, 1957, p.1-4)

As moças, em fins da década de 50, no que diz respeito ao namoro, segundo o cordelista, não agiam mais discretamente como no passado. Para ele há uma diferença entre as moças do passado e as que ele representava no cordel, nos anos 50. As moças “de hoje em dia” como fala o poeta “namoram por capricho” e não por querer casar, como qualquer moça séria deveria querer, ainda seriam “escandalosas”, “levadas da breca”, namorando em qualquer lugar, a exemplo dos bailes onde elas tomavam a liberdade de chamar os rapazes para dançarem o quanto quiserem e com interesse em saber se eles eram casados ou solteiros para logo começar o namoro.

Como foi mostrado no cordel acima nos discursos construídos pelos cordelistas, nos anos 50, encontramos a figura da moça solteira, enquanto a mulher que começa a ter comportamentos que não eram vistos como adequados para ela, como por exemplo, as moças “levadas da breca”¹¹¹, as “escandalosas”, também chamadas por alguns de “melindrosas”¹¹², aquelas que ‘tomavam liberdades’ com os rapazes e os assustavam

¹¹¹ Dizer que as moças são “levadas da breca”, significa dizer que a moça que é “levada”, “traquina” e “travessa”.

Cf. em <http://www.dicionarioinformal.com.br/levado%20a%20breca/>, acessado em 19/02/2014.

¹¹²Foram denominadas “melindrosas” as mulheres modernas das décadas de 1920 e 1930, que se maquiavam, usavam cabelos curtos, e que buscavam estar sintonia com o resto do mundo, ansiando por novidades. A novidade para elas estava diretamente ligada ao consumo, estando muitas vezes alheias às reivindicações dos movimentos feministas no período. Contudo, elas não deixavam de carregar consigo as conquistas dos movimentos feministas, como, por exemplo, a liberdade conferida ao corpo sem espartilhos, assim como o usufruto do direito ao voto, em 1932. MANNALA. Thais; QUELUZ. Marilda Lopes Pinheiro. **Melindrosas e garotas na constituição visual de representações de feminilidades**. In:

pelas suas novas maneiras de se comportar, descritas pelo cordel como comportamento indevido da mulher que a sociedade não aceitava.

As mulheres deveriam se comportar e aceitar seu “destino natural” de se tornar esposas, donas de casa e mães, ou seja, os cordelistas ainda defendiam os discursos moralistas que foram efeitos daqueles prescritos pelo saber médico que surgiu no século XIX. Nessa perspectiva, observamos mudanças identitárias de mulheres e homens presentes na poesia de João Martins de Athayde. Em suas rimas vimos de que maneira as mulheres foram mostradas, elas que nas décadas de 1920 e 30 foram denominadas de “melindrosas”, a mulher moderna daquela época.

Segundo SILVA (2000), havia a preocupação relacionada às moças denominadas de “melindrosas”, no início do século XX, muito mais até do que com relação às feministas porque:

[...] no caso das melindrosas a negatividade também se apóia na incorporação de elementos viris circunscritos no jogo de sedução e, para nossa surpresa, estes, [...] parecem mais objetivamente atingir as relações entre os gêneros do que os elementos apropriados pelas imagens da feminista (SILVA, 2000, p. 132).

As melindrosas eram representadas pelo cordel como mulheres perigosas, na perspectiva da sociedade de sua época, porque embora as feministas tivessem em seus corpos o lugar de reivindicação, mas era no corpo das melindrosas que isso se apresentava de maneira mais evidente. Nos seus cabelos curtos, *à la garçonne*, onde eram mostrados todos os detalhes da cabeça, confundindo a imagem feminina com a masculina, o que se mostrou como um símbolo da liberação feminina (SILVA, 2000, p. 133). Liberação que na ótica de muitas pessoas, como no caso citado do cordel da “melindrosa da atualidade”, o cego Mirranha demonstra certo espanto ao tocar no cabelo da sua pretendente e sente que ela está com os cabelos curtos, questionando se aquela pessoa era um homem.

Essas novas experiências vividas pelas mulheres, trazidas em seus corpos, rostos, gestos, e que simbolizavam a modernidade foram vistos como ameaça (SILVA, 2000, p. 35). Questões vindas com a modernidade e que foram observadas como um perigo para a sociedade mais conservadora, sobre as “mulheres de bem”, pois as

mulheres sérias não poderiam ousar, deslocar as fronteiras, mas aceitar todas as regras sociais, sem as questionar.

As mulheres¹¹³, no início do século XX, começaram, mesmo que timidamente, a fazer parte do espaço público e do novo cenário da cidade “a qual se identifica com a introdução de inovações tecnológicas, como energia elétrica, o telégrafo, o cinema, os automóveis e etc” (ROCHA, 2011, p. 2). O espaço público tornou-se cenário de novas formas de lazer e sociabilidades, porém, essa incipiente entrada das mulheres nos lugares públicos não foi bem aceita, haja vista elas dedicarem seu tempo aos passeios, às novenas, aos bailes e ao cinema, pois seu tempo era subtraído da missão de cuidar do lar, do marido e dos filhos, enfim, a mulher inserida no espaço público não era o modelo desejado de mulher para moral da época (ROCHA, 2011, p. 3).

Para Cipriano (2002), no início do século XX “[...] a figura da mulher apareceu como agenciadora do desequilíbrio entre os sexos [...]”, o que fez com que imperasse, nessa época, um grande medo da substituição de uma sociedade tradicional, baseada no poder masculino por uma outra na qual o poder estivesse com a mulher, que estava se modernizando, fugia ao seu papel social.

Analisando o discurso da justiça, no começo do século XX, Cipriano (2002), coloca que as moças modernas também chamadas de “melindrosas” foram observadas como “desobedientes”, porque agiam fora dos padrões exigidos por suas famílias, que eram tradicionais. Aparecia naquele momento, segundo a autora, a “mulher burguesa”¹¹⁴, que estava tendo um maior acesso aos espaços públicos e às novidades¹¹⁵ trazidas pela modernidade.

Nesse sentido, a mulher casada seria mais uma figura feminina que estaria fugindo ao modelo tradicional feminino. Elas não estariam cumprindo seu papel de mulher séria e casada, já que não estavam mantendo-se fiéis aos seus esposos, como é exigido pela sociedade conjugal.

¹¹³ Pelo que podemos perceber a partir das leituras feitas nessa pesquisa, a maioria das mulheres que circularam pelas ruas, pelo espaço público, no começo do século XX eram as que moravam nas cidades e em menor quantidade as da zona rural, que, na maioria das vezes, iam para a zona urbana somente para resolver alguma questão ou exclusivamente para trabalhar em serviços domésticos.

¹¹⁴ Quando a autora fala em “mulher burguesa” esclarece que se trata da mulher das classes mais abastadas. CIPRIANO, Maria do Socorro. **A adúltera no território da infidelidade**. Paraíba nas décadas 20 e 30 do século XX. Dissertação mestrado em História. Unicamp: Campinas, 190 pgs. 2002.

¹¹⁵ Dentre as novidades modernas que influenciavam a vida das mulheres estavam o cinema, as praças, os cafés, os teatros, a moda, e as novas formas de relações amorosas, de pensar o corpo e os lugares sociais. CIPRIANO, 2002, p. 44.

As casadinhas de hoje
namoram qualquer sujeito
seja branco seja preto,
e tenha ou não defeito
se o marido achar ruim
ela ri e diz assim:
morda a venta e dê um jeito.

Vi uma mulher casada
vendendo num botequim
namorou vinte vezes
o marido achou ruim
foi danado esse chafurdo
ela disse esse chifrudo,
está com ciúme de mim?...
(SILVA, 1957, p. 6)

Além da modernidade, trazer tantas mudanças com relação aos gêneros, quando as mulheres estavam se comportando diferentemente do que a sociedade tradicional esperava, que era ser pura, virgem, enquanto solteira, e materna, boa esposa, quando casada. A modernidade trazia também questões como a infidelidade feminina, o que já foi apontado no cordel acerca da “melindrosa da atualidade” e que aparece amedrontando os homens que estariam passando a temer o casamento por causa dos novos comportamentos que as mulheres estavam tendo.

O medo masculino de ser traído, no casamento, também apareceu no cordel de outra época, preocupando os homens. Isso é o que o cordelista Alceu Cabral de Vasconcelos¹¹⁶, observava no cordel do ano de 1974, “Por que faz medo casar”. Nele, vemos como as mudanças sociais e também de gênero, que estavam acontecendo no Brasil do final dos anos 60 para os anos 70, influenciaram a vida de mulheres e homens. As novas identidades que as mulheres estavam ocupando não foram bem aceitas por muitas pessoas, como podemos perceber pela fala do poeta de cordel, que coloca de maneira negativa essa nova figura de mulher. O casamento, que, tradicionalmente, nos anos 60, indicavam ser a solução para construção da família, nos anos 70 indicava medo.

Agora, caro leitor
queira bem analisar
vou descrever a verdade
não deixo nada ficar

¹¹⁶ Não foi encontrada nenhuma informação acerca do cordelista Alceu Cabral de Vasconcelos.

quero avisar logo cedo
e dizer por que faz medo
hoje o homem se casar

Por que é muito difícil
se encontrar mulher séria
pois quando uma se casa
já sabe bem da matéria
não quer deixar o passeio
bota o marido no freio
e sai vai fazer miséria

Compreende hoje a mulher
que um homem só é pouco
diz: eu vou botar um chifre
para ele ficar louco
quando o chifre vai crescendo
ela vai logo dizendo:
esse chifre fica ôco

Quando uma dessas se casa
Tem namorados cinqüenta
E todo essa freguesia
Nunca dela se ausenta
Vejam que chifre comprido
Coitado desse marido
Sai-lhe chifre até na venta
(VASCONCELOS, 1974, p.1)

É perceptível como, nos trechos dos cordéis citados, houve a construção da figura da mulher moderna representada negativamente, já que a imagem da mulher ficaria denegrida, manchada, dessa forma, trazendo certa instabilidade aos valores tradicionais da sociedade, aos valores da família, pois ela, enquanto uma mulher, “liberada sexualmente”, que “já sabe bem a matéria”, como disse o cordelista, comprometia a sua estabilidade.

Os homens estariam sentindo medo do casamento, pelos comportamentos que as mulheres estavam tendo, ao vivenciarem novas possibilidades de experiências, estariam transgredindo as regras postas social e culturalmente para elas. Em caso de infidelidade, a imagem da mulher ficaria manchada, denegrida, por causa de sua relação direta com o masculino, que seria então a “pessoa traída” por ela. O homem “traído” também teria sua honra manchada, já que ela dependia totalmente da fidelidade da mulher, assim ela

se tornaria o “chifrudo¹¹⁷” como diz o cordel, vítima de todos os “chafurdos¹¹⁸” feitos pelas pessoas.

As mulheres estariam deixando a “seriedade” que uma mulher casada tinha que ter em seu matrimônio, não sendo mais as “mulheres tradicionais” que grande parte da sociedade esperava.

3.3. Mudanças nas identidades de gênero: as mulheres solteiras nos anos 70

Na transição do final dos anos 60 para a década de 70, aconteceram mudanças significativas na sociedade brasileira, o que levou a novos comportamentos, principalmente, no que diz respeito aos gêneros. Comportamentos que geravam conflitos dentro da sociedade entre os papéis desejados para as mulheres e os que deveriam ser evitados por elas. Era um momento histórico de resistências ao processo de normatização, até então vigente.

Conquistas e discussões, que até hoje são importantes para as mulheres, nessa época, já estavam em pauta, como a questão do uso da pílula anticoncepcional, que separava procriação e sexualidade; a criação dos centros da mulher para discutir os problemas que as afligiam, um marco fundador dessa “Onda” feminista no Brasil, como as discussões para tentar liberar o aborto, dando direito à mulher de ter filhos se quisesse e quando quisesse; as lutas pela liberdade de expressão; pela participação no mercado de trabalho e o direito à educação de maneira igual a dos homens eram bandeiras que as feministas reivindicavam. Bandeiras que se confundiam com outros tipos de problemas, pois, no Brasil, se vivenciava, desde o ano de 1964, uma ditadura

¹¹⁷ “Chifrudo” seria o homem enganado por sua mulher, traído, corno, ou ainda marido de mulher adúltera.

Cf. <http://www.dicionarioinformal.com.br/chifrudo/>, acessado em 19/02/2014.

Cf. <http://www.dicio.com.br/chifrudo/>, acessado em 14/02/2014.

¹¹⁸ Segundo os dicionários, “chafurdos” seriam as intrigas, os mexericos e as fofocas feitas pelas pessoas. Através dos “chafurdos” as pessoas ficariam, também segundo o dicionário, com a reputação suja, maculada.

Cf. <http://www.dicionarioinformal.com.br/chafurdo/>, acessado em 14/02/2014.

Cf. <http://aulete.uol.com.br/chafurdo/>, acessado em 14/02/2014.

militar, o que tornava mais difícil a situação de uma forma geral (SOIHET, 2012, p. 240-243).

Somadas a tantas questões postas, ainda existiam as novidades que estavam mudando os hábitos e a maneira de agir, de se comportar e de se vestir. No mesmo período em que estava acontecendo o movimento feminista, colocando discussões que perpassavam pelo cotidiano das pessoas, mas principalmente das mulheres, estava havendo modificações nas próprias práticas delas, um bom exemplo disso foi a moda com a nova maneira das mulheres se vestirem, mostrando quais eram seus desejos, naquele momento. O que era demonstrado na relação delas com seus corpos e com a moda. Para VIEIRA (2003), “o desnudamento através da moda acaba borrando as fronteiras de gênero, pois agora, as mulheres podem igualar-se aos homens, no trabalho e na maneira de se vestir [...]” (VIEIRA, 2003, p. 10). Embora não fosse uma questão colocada pelo movimento feminista, permitiu um pouco o apagamento das fronteiras entre homens e mulheres.

Muitas mulheres, que viveram os anos 60 e 70, ousaram usando roupas que antes eram exclusivas de uso masculino, peças como as calças, os smokings, os shorts, elementos do guarda roupa dos homens que demorou a ser bem aceito pela sociedade. As mulheres, ao vestirem tais peças, simbolizavam as mudanças trazidas por essa época, usar elementos do masculino em seu dia a dia significava muitas vezes estar em conformidade com o moderno, nesse período. A ousadia era também resquício das transgressões que vinham acontecendo mesmo antes dos anos 70, um exemplo dessa transgressão era visto pelos jovens, nos anos 60 através da TV, ao assistirem os rapazes e moças da jovem guarda usando...

[...] as calças compridas enquanto Roberto Carlos pilotava carros velozes no cinema e mandava tudo para o inferno em suas canções. Ser jovem era estar na moda, e o rosto adolescente de Twiggy, do outro lado do Oceano Atlântico, criou um padrão de beleza adolescente. Mais do que isso, originou um mito de juventude longa, o qual ganharia força a partir da década seguinte com os avanços da cirurgia plástica e dos cosméticos de última geração, persistindo até a atualidade. (ANDRIGHETO, 2006, p. 33-34)

Usar roupas tidas como masculinas era observado pela sociedade como ato de rebeldia dos jovens de uma maneira geral e para as mulheres isso parecia ser mais

preocupante porque essas mudanças que estavam acontecendo com relação ao vestuário feminino significava muito mais do que uma simples roupa, significava um outro momento, ou seja, os elementos da modernidade, que se fazia presente mais uma vez, nos corpos das mulheres, como havia acontecido antes com as melindrosas, no começo do século XX. Nos anos 70, as roupas ditas masculinas, como a calça, as roupas curtas como o short e o desnudamento dos corpos com as minissaias, os biquínis e maiôs, que as mulheres estavam usando, simbolizavam as transformações nos comportamentos, reveladas pelas roupas e pelos novos modos de agir no cotidiano das mulheres, motivo pelo qual a sociedade não aceitava bem, percebendo nesses novos comportamentos a fuga do modelo de mulher idealizada, a mulher que seguia a tradição, a mulher construída para ser do lar.

Esse contexto de experimentação da modernidade vivido pelas mulheres se tornou muito relevante, considerando que, nesse período, historiadores como Silva (1999), afirmam que estava acontecendo inúmeras transformações culturais no que diz respeito aos comportamentos sociais de mulheres e homens na sociedade, modificando “[...] a crença moderna da família nuclear como a célula *mater* da sociedade [...]”, e ameaçando a estabilidade dela (SILVA, 1999, p. 148). As mulheres começavam a apresentar seus desejos, o que se constituiu em uma crise das relações de gênero, as quais estavam sendo desconstruídas, questionando os lugares prescritos por vários saberes para homens e mulheres, lugares nos quais o homem poderia ser aventureiro e considerado com um dom para o sexo, enquanto a mulher deveria ser virgem, reservada para ser casável, além de ser materna e trabalhar somente no lar.

Todas essas questões postas pelas novas maneiras dos gêneros se relacionarem, aponta para outra representação acerca das mulheres que aparecem na poesia de cordel nos anos 70, a da mulher solteira, onde sua condição da mulher “não casada” apareceu como um problema, um estigma, conforme representado no cordel de Abraão Batista¹¹⁹.

Coroa é uma mulher
quando fica no refugio,
por se achar muito alta ou
por feia, não julgo.
Só sei que uma coroa

¹¹⁹ Abraão Batista nasceu em 1935 em Juazeiro do Norte, Ceará. Bastante conhecido por suas xilogravuras, Abraão inseriu em seus cordéis temas atuais, críticas de costumes e temas cômicos, a exemplo do tema da solteirice feminina. Cf. em http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/janela_perfis.html, acessado em 20/02/2014.

não quero nem de alugo
(BATISTA, 1976, p.1)

Esta seria a representação acerca da mulher solteira a partir da perspectiva do cordelista Abraão Batista, poeta cearense, a da mulher que não se casou por algum motivo, tendo ficado feia, como ele mesmo diz, repugnante, e que só pensava em casamento. O que deixa claro que mesmo nos anos 70, havia ainda de forma muito arraigada a representação da solteirice feminina, como algo ruim e da mulher solteira como a “mulher que ficou na prateleira”, que sobrou por não ter se casado, e ficou no caritó.

Encontramos nos cordéis pesquisados, outras representações negativas acerca da mulher solteira, pela qual ela é sempre colocada como “coroa”, “vitalina”, “titia”, sempre representada, enquanto uma mulher que ficou frustrada, por que não se casou. Mas, por que as mulheres solteiras se tornaram pessoas representadas dessa maneira? Como foi construída essa representação negativa da mulher solteira? E o que as diferia, no contexto dos anos 70, das mulheres que tinham se casado?

Para a historiadora Claudia Maia (2011), a construção da mulher solteira enquanto “a solteirona” se deu ainda no século XIX, num momento em que estava acontecendo uma valorização da família que estava ligada ao projeto de modernidade burguesa. E nesse momento, a família conjugal, constituída legalmente pelo casamento civil cresceu como preocupação do Estado Republicano.

Para Maia, no início do século XX, o debate sobre a solteirice feminina, no Brasil, ganhou novos contornos e significados, quando entrou em cena o discurso médico-científico preocupado com as questões demográficas, com a vagância sexual associada às doenças venéreas, com a eugenia e com a ameaça ao casamento que ele representava.

[...] Neste sentido, a família se tornou alvo de investimentos políticos e de diversos saberes científicos, pois, como braço fundamental do Estado, ela possibilitava o controle e a disciplina na vida cotidiana dos novos cidadãos e, sobretudo, a constituição de modelos idealizados e de homens e mulheres marcados pelo gênero. A enunciação científica foi o que, de forma definitiva, produziu e reforçou o celibato estigmatizado por que o discurso da “solteirona” não é outra coisa que um discurso higiênico-moral (MAIA, 2011, p. 63).

A “solteirona”, seria então a mulher que por não seguir a sua suposta “natureza”, ou não seguiu o discurso científico e que havia passado “do ponto”, pois não tinha agido conforme as regras que as outras moças tinham seguido para conseguir um namorado, tendo noivado e casado.

Para Maia, a emergência do discurso, que estereotipou as mulheres solteiras, também estaria ligada a outros desdobramentos modernos, que vieram da Europa no século XIX, como as ideias de progresso e ilustração, que desencadeou o processo de urbanização e industrialização, que atingiu de forma diferenciada as cidades brasileiras; como também, a expansão da possibilidade de empregos remunerados e de escolarização para as mulheres; além disso, o desenvolvimento de novos saberes, como a sexologia, a psiquiatria e a institucionalização do aparato jurídico, que criaram não apenas as desigualdades entre homens e mulheres, mas também entre mulheres casadas e solteiras.

Embora saibamos que do final dos anos 60 para o início da década de 70, as questões postas eram outras, já que novos acontecimentos estavam influenciando as mudanças identitárias de homens e mulheres, como o amor livre; a nova relação com o eu, com o corpo; época de contestação à ordem estabelecida; incomodando as autoridades e a moralidade vigente; os estudantes ganharam as ruas; artistas se expressaram, na música, no teatro, no cinema; a mídia encorajou mudanças comportamentais. Nesse aspecto, as mulheres ocuparam outros lugares sociais, não se dedicando, somente, ao espaço doméstico e à família, elas também optariam ou não pelo casamento, surgindo assim as muitas mulheres que ficaram solteiras. Mulheres que seriam representadas como pessoas infelizes, frustradas, por sua condição de solteiras pelo cordelista Abraão Batista. Isso foi o que indicou sua fala ao fazer uma crítica à mulher que não seguiu os “desígnios da natureza”, na medida em que não teria cumprido sua função biológica.

E segundo ele, as mulheres que queriam se casar tinha que lutar contra o tempo, ou seja, evitar chegar aos 33 anos sem casar para não se transformar em “coroas”¹²⁰. O cordel usa como argumento para construir a identidade da “coroa” a idade e a relação com a maternidade:

¹²⁰ “Coroa”, no vocabulário do cordelista Abraão Batista significa a mulher que ficou solteira, que nunca se casou.

Dos vinte e seis aos 33
é quando recebe o diploma
justamente nos 33
esta patente ela toma
como coroa que guarda
da juventude o aroma

Aos 33 anos de idade
a mulher passa a coroa
mesmo que aos 26
ela fosse, uma, atoa...
mas, somente aos 33
ela entra na canoa

A partir dos trinta e três
a coroa vai lamentar
embora por ter orgulho
não queira se desculpar
dirige-se pra Santo Antônio
pedindo pra se casar (...)
(BATISTA, 1976, p. 5-6)

A idade, como já dito, era a primeira característica indicadora que distinguia uma moça solteira própria para casar de uma “coroa”, ou seja, de uma moça solteira que já havia passado dos trinta anos. Para Maia, “[...] As “solteironas” são definidas, muitas vezes, na historiografia, como mulheres que alcançaram a idade de 35 anos, pelo menos, sem se casarem [...]” (MAIA, 2011, p. 65).

Estar solteira a partir dos trinta anos tinha um peso muito grande para as mulheres, já que com essa idade, havia uma proximidade do momento em que a mulher entrava na menopausa, o que, segundo os conhecimentos científicos da medicina, dificultava para a mulher ter filhos com boa saúde, logo, a idade ideal para isso seria após o começo da vida adulta, um tempo depois do começo do período menstrual, quando a moça estaria no seu período mais fértil, período que deveria se estender até bem antes da chegada da menopausa, fase em que ela não poderia mais se tornar mãe, sendo vista como improdutiva.

Por isso, ficar solteira a partir dos trinta anos era representado como um momento em que a moça solteira não poderia mais realizar o que “deveria ser seu maior sonho”, o de se casar e se tornar mãe, o que a faria viver se lastimando da vida, e se

utilizando das crenças religiosas, como por exemplo, pedir a Santo Antônio¹²¹ por um casamento? Sobre a construção sobre a solteirice feminina, Maia (2011) aponta como a família conjugal foi convertida na base que constituiu o modelo desejado de mulher e de seus novos papéis como “operárias domésticas”. E como esse foi também um lugar privilegiado para a intervenção e produção de discursos sobre a sexualidade sadia e reprodutiva. A forma de organização e disseminação das famílias conjugais, governadas pelo matrimônio burguês, iniciou novas maneiras de coerção e subordinação das mulheres.

[...] as mulheres que permaneciam celibatárias constituíam, de certa maneira, um elemento desestabilizador, - pois, não apenas recusavam os novos papéis destinados a elas (como mães e esposas), mas também, criavam condições de se constituírem em “indivíduo” para pleitear, de forma mais livre, os espaços de trabalho e para governar a si mesmas e a seus próprios bens; além disso, elas se tornavam exemplos visíveis da possibilidade de existência e de felicidade fora das relações conjugais. As mulheres celibatárias emergiram, assim, como uma figura indesejada que, incapaz de converter-se na “verdadeira mulher”, colaboradora do Estado, ficou “para tia”, “torceu a natureza [...]”¹²²

Ao afirmar que a mulher ao ficar solteira “torceu a natureza”, indica o discurso da construção de uma “natureza feminina”, a qual as solteiras não estavam transgredindo. Para seguir sua “natureza”, a mulher tinha que se casar, já que o biológico confirmaria sua “natureza” e sua “essência”.

¹²¹ Santo Antônio nasceu em Portugal em 1195 e morreu em 13 de junho de 1231, aos 36 anos de idade. Frei da Igreja Católica Apostólica Romana, o santo foi beatificado e tido como “advogado das causas perdidas”. Santo Antônio além de milagres não relacionados à casamentos teria ajudado um casal pobre a se casar, facilitando através do dote. OURIVES, Paulo de Almeida. **Os milagres de Santo Antônio “casamenteiro”**. Monografia de conclusão de curso em Filosofia. Faculdade de Filosofia de Campos. Rio de Janeiro: Campos de Goytacazes, 2005, 143 p. Também há lendas de que o santo passou a ter fama de casamenteiro, devido a um incidente durante os anos como Frei. Conta-se que havia uma moça em estado de desespero por possuir idade avançada para os padrões da época, que não encontrava um marido digno de seu amor. Embora fosse muito formosa, a moça não tinha mais paciência de esperar o noivo e se “apegou” a Santo Antônio. Como uma boa devota, todos os dias a mulher levava flores e preces ao Santo, para conseguir o feito de arrumar um noivo. Passaram dias, meses, anos e... nada. Descontente com a falta de apoio do santo, a mulher atirou a imagem pela janela e acertou um transeunte que por ali passava. Ao conhecer o rapaz, a moça então se apaixonou e casou algum tempo depois com o homem. Depois desta história, o santo passou a ser objeto cativo nos altares de moças e mulheres que, entre outras coisas, desejavam se casar. MATTIOLI, Isabela Buzo. **Festa de São João de Seo Zico Borghi: objeto de memória do patrimônio imaterial do Paraná**. Monografia do Curso de Comunicação Social (Jornalismo). Centro Universitário de Maringá, Paraná (CESUMAR). 2009. 56 p.

¹²² Ver MAIA, op. cit., 2011, p. 64.

As solteiras foram vistas como marginais, porque não estavam em conformidade com a natureza. Estar solteira não era mais apenas um estado inconveniente, propício ao pecado, mas, sobretudo no caso das mulheres, um desvio da biologia, um desafio à natureza. Desafiar a natureza significava para a mulher também ter deixado passar todas as fases de sua vida, antes de ficar “coroa”. Por esse motivo, os poetas de cordel falavam das outras fases da mulher como as melhores de sua vida:

“Quando a mulher nasce
é promessa de criação
cresce linda e faceira
cheirosa como um botão
dos nove aos treze anos
ela é intocável com a mão...
[...]
Dos 13 aos 17 anos
é linda flor que floresce
é viço, é néctar, é amor
que a noite fria aquece
a mulher com esta idade
até os velhos apetece [...]
(BATISTA, 1976, p. 3)

Fazendo a comparação das fases da vida das moças, percebemos nos discursos vistos nos cordéis, como anterior aos trinta anos a mulher, ainda uma menina, era privilegiada com a juventude, sendo tão bela que todos a desejavam. Desejo que era maior por causa da virgindade da moça, da pureza, tão valorizada como honra para o masculino. A moça casta, seria, como compara o cordelista, uma “flor que floresce”, viçosa ao desabrochar, atrai qualquer homem, até os mais velhos, sendo sua virgindade cobiçada por muitos que sonham em desvirginá-la, na intenção de ter o prazer de ser o primeiro homem de sua vida.

Por outro lado, estar na outra fase, nos trinta anos, significava que o tempo havia passado, que a juventude e seu “néctar” havia se esgotado e a mulher não tinha mais o “viço”, a beleza da mocidade, não seria mais desejada como uma moça jovem, não teria mais chances de arranjar um relacionamento, muito menos de se casar. Seria na fase que antecedia a chegada dos trinta anos que as moças solteiras teriam que tomar todas as precauções para que não ficassem “solteironas”.

“Dos 18 aos 25
a mulher amadurece
se tiver qualquer orgulho
o seu peito embrutece
e irremediavelmente
ser coroa ela merece

Se a mulher nessa idade
começa a se julgar
só querendo rapaz rico
o belo, o fofo pra amar
é sinal que em coroa
logo vai se transformar...

Quando você vir uma moça
orgulhosa se macaqueando
com três ou quatro rapazes
com êles se namorando
é sinal que em coroa
ela está se transformando
(BATISTA, 1976, p. 4)

As mulheres, segundo o cordel acima, seriam as responsáveis, por sua solteirice, e ter se tornado “coroas”, como dizia o cordelista. Se tornando “coroa” a mulher solteira estaria como um fruto, que muito maduro não apeteceria mais ninguém. Ela teria deixado passar muito tempo da sua mocidade, da época em que era um “fruto jovem”. Esse seria um dos motivos para sua solteirice, o fato dela, enquanto jovem, ter escolhido demais seus namorados. Por isso, as moças “solteironas” teriam que aceitar as condições de namoros e dos namorados que viessem a aparecer para elas. Para Abraão Batista, poeta que escreveu o cordel citado, as mulheres se transformariam em solteironas, caso escolhessem muito, por isso, eles a criticavam. E passando “da idade”, dos trinta anos, então as chances de arranjar um relacionamento eram muito pequenas.

É importante colocar a relevância dessa época para as mulheres, pois se as mulheres vivenciaram conquistas, como por exemplo, o direito ao voto, a conquistado espaço público, direitos antes reservados, exclusivamente, ao homem, na década de 1970, muitas mulheres ocupavam outros lugares na sociedade; outras se casavam, e outras ainda, por algum motivo ficavam solteiras. Nesse período as mulheres estavam ocupando outras atividades como a de trabalhar fora de casa, estudar, sentir prazer, sem exclusivamente se tornar mãe ou esposa. O que não foi visto como um bom

comportamento para elas, já que as identidades prescritas para vivenciarem era a da maternidade, dos cuidados com o lar e a da vida doméstica.

Sendo assim, estar solteira, segundo o discurso do poeta de cordel, era vivenciar as piores das situações. Por isso, a moça solteira que chegasse à determinada idade, próximo dos trinta anos, como ele mesmo diz, “orgulhosa” demais, e que escolheu muito seus pretendentes, finalizava a vida, ficando sozinha ou se transformando numa “coroa”. A idade da mulher solteira também tinha uma enorme importância, porque dependendo da idade em que se encontravam não poderia gerar mais filhos, cumprindo seu “destino natural”, de ser mãe. Por isso, procurar casamento, nas palavras do cordelista, se tornava urgente, embora o mesmo afirmasse que conforme a idade as “coroas” nada conseguiriam.

[...]
A partir dos trinta e três
começa o desespero
desacredita nos sonhos
vai frequentar o terreiro
fazendo uma salada
com padre e macumbeiro

Dos 33 aos quarenta
é a fase dos nos acuda
vai a São Paulo atrás
de um marido pra muda
mas lá não o encontrando
uma nova trama estuda.”¹²³
[...]
(BATISTA,1976, p. 6-7)

Como o desespero começaria, segundo a fala do cordelista, aos trinta anos, aos trinta e três anos as mulheres “coroas” já estariam sem acreditar na possibilidade de que poderia conquistar um homem para se tornar seu esposo, assim elas procurariam nas religiões, a sua salvação, porque se uma religião não resolvesse seu problema, talvez “fazendo uma salada com padre e macumbeiro”, resolvesse. Outra tentativa de acabar com o desespero da “coroa” para conseguir um esposo, seria procurando em novos lugares, cidades como São Paulo que sendo uma grande metrópole, poderia na sua imensidão ter homens que fossem possíveis maridos para a “vitalina”, porém, o poeta de

¹²³Ver BATISTA. op. cit., 1976, p. 6- 7.

cordel afirma que, se caso, ela não encontrasse esse marido, “uma nova trama” ela estudaria.

3.4. Estereotipando a mulher solteira: demonizando e ridicularizando as “coroas”

Além da idade que definia a mulher solteira para o cordelista, havia também as representações caricaturadas que caminharam sempre num mesmo sentido: o de construir uma figura da mulher solteira negativa, rabugenta, maldosa, infeliz e feia, desprovida de beleza, enfim, a mulher “coroa”, segundo os dizeres do cordel, foi construída como uma mulher que pela infelicidade de não ter seguido realizar sua “vocação natural”, seria tão infeliz a ponto de se transformar numa mulher que perdeu a beleza, o bom humor, a delicadeza, a alegria de viver, que seriam as características das mulheres felizes. Por isso, nas suas rimas, o poeta de cordel enfatizou, nos anos 70, essa representação estereotipada ou demonizada da mulher solteira:

Cuidado numa coroa
se ela tem um sinal
no lado esquerdo do rosto
pois isso é símbolo do mal
e se o sinal for no beijo
então esse é fatal

o sinal já é o ferro
do diabo que lhe marcou
por detrás desse sinal
muito homem já matou
por não querer se casar
com aquilo que se casou...

se a coroa tem bigode
e a perna é cabeluda
olhe que é também
mal cheirosa e pançuda
quem se casar com uma dessa
é aquele Deus nos acuda!

Se a coroa tivesse
carinho e bom coração
eu até que teria

um pouco de compaixão
mas o diabo não presta
e fica na doce ilusão... [...]

Procure ouvir bem
a coroa desenganada
tudo pra ela é ruim
não existe amor nem nada
homem pra ela é bicho
é pessimista e safada.
[...]
(BATISTA, 1976, p. 7-8)

Comparar as mulheres solteiras com o demônio, demonizar, nesse caso, seria construir a figura da mulher solteira comparando-a a imagem do mal, da negação de uma “verdadeira mulher”, essa associada à Maria, símbolo de pureza, dessexualizada, passiva e obediente, sendo essa última, a mulher que se casou e seguiu o “curso natural” para a vida das mulheres. Por outro lado, a mulher solteira seria associada à Eva, mulher que fugiu aos padrões, que não agiu conforme seu “destino biológico”, não se casando, não conseguindo se tornar mãe e esposa.

Nesse sentido, podemos colocar também que o cordelista reinventou o discurso médico do século XIX, que atravessou os vários saberes, no século XX, como o saber religioso, por exemplo, construindo o discurso de que existiria um “destino biológico” para a mulher, destino que seria de ordem natural, praticamente uma “criação divina” e que significaria o bem, e como a “coroa” não o teria cumprido, seu perfil seria do mal, da mulher que foi contra a natureza, e no caso ela seria representada pelo diabo, o anjo que foi contra seu criador, seu Deus, o Criador.

Assim, o poeta de cordel descreve a mulher solteira, construindo para ela a representação do demônio, advertindo ao leitor o cuidado que deveria ter em relação à “coroa”:

“Quem quizer viver em paz
se afaste de uma coroa
parece que elas todas
ou da bonita ou boa
carregam o diabo nas costas
que até o diabo acoa

Coroa é como uma rama
que nasce de uma mulher
pois só existe coroa

por que nasceu Lúcifer;
coroa é coisa maldita
não meto a minha colher...
(BATISTA, 1976, p. 2)

Nesse sentido, a mulher solteira, a “coroa” não somente transgrediu o que a natureza lhe reservava, enquanto mulher, por não ter se casado, fugindo de sua “destinação”, o que a fazia ser uma “criatura demoníaca”. Estar solteira ou “estar coroa” era, para o cordelista, ser “símbolo do mal”, “ser maldita”, pois não seria uma “criatura abençoada” como seria a mulher que se casou, a “coroa” seria, portanto, “amaldiçoada”, por não ter sido capaz de se casar.

Falar das mulheres solteiras para o poeta do cordel, acima, foi uma maneira de ridicularizá-las. Isso a historiadora Rachel Soihet (2003) afirmou ser uma prática não tão nova, já que as mulheres solteiras se tornaram alvo de gozações por parte de homens e também de mulheres, isso acontecia principalmente com relação às mulheres que fizeram parte do movimento feminista da “Primeira onda”¹²⁴, embora o grupo feminista não fosse composto somente por mulheres solteiras, num momento em que muitas mulheres defendiam direitos importantes para elas, batendo de frente com as distinções de gênero criadas. Torná-las ridículas era uma arma de defesa machista, usada pelos que eram contra esse movimento e suas ideias.

Segundo Soihet, verificou-se naquele momento que a pretensão manifestada por algumas mulheres de ter seus direitos reconhecidos, em termos de participação na esfera pública mereceu o mesmo tratamento, ou seja, elas foram ridicularizadas pelos jornais da época desde o final do século XIX, até boa parte do século XX.

Adentrando o século XX, mais especificamente a partir dos anos 60, Soihet (2005) percebeu em sua investigação, acerca desse tema, que a postura misógina¹²⁵ aconteceu de maneira cada vez mais incisivo com relação às mulheres que lutavam por seus direitos, através do movimento feminista. A ridicularização, que segundo Soihet

¹²⁴ A “Primeira onda” feminista é demarcada pelas lutas sufragistas, durante o século XIX e início do século XX, nas quais as mulheres reivindicavam a cidadania política. A Nova Zelândia foi o primeiro país a garantir o sufrágio feminino, em 1893. No Brasil, o voto feminino é legalizado apenas em 1932, por decreto instituído por Getúlio Vargas. Cinco anos antes, porém, com a autorização da Justiça do Rio Grande do Norte, Celina Guimarães Viana tornou-se a primeira eleitora registrada no Brasil. BELNHAK, Gabriela; DIAS, Marlon. **Elas querem queimar o sutiã e muito mais**. Revista Viés. Rio Grande do Sul: UFSM, setembro/ 2012, p.

¹²⁵ Sentimento de repulsa e/ou aversão às mulheres. Repulsão excessiva do contato sexual com mulheres. <http://www.dicio.com.br/misoginia/>, acessado em 22/02/2014.

era a arma antifeminista da maioria dos homens e de algumas mulheres, nesse contexto, atingia principalmente as mulheres que tinham atitudes consideradas masculinas. Nesse caso, as mulheres que permaneciam solteiras eram também bastante combatidas, pois foram vistas como “ameaçadoras das tradições”, já que, de certa forma, não seguiam ser o modelo de mulher-mãe, sendo muitas vezes até ameaçadas de morte e, sofrido espancamentos, por isso. Assim, eram reforçados os estereótipos construídos para as mulheres, como o da maternidade, da delicadeza. Sendo que:

[...] Alguns estereótipos são restaurados, entre outros, a feiúra, a menor inteligência ou, inversamente, o perigo da presença desse atributo, a inconseqüência, a tendência à transgressão, a masculinidade com vista a identificar negativamente aquelas que postulavam papéis considerados privativos dos homens [...]
(SOIHET, 2005, p. 595).

Assim, as mulheres que participaram do movimento feminista, reivindicando uma participação mais plena na sociedade, foram vistas como uma ameaça à ordem estabelecida, pois as diferenças de gênero passaram a ser questionadas de alguma forma. Embora os pressupostos que construíam uma “essência” feminina adquiriam, naquele momento, legitimidade nos saberes hegemônicos da época.¹²⁶

Uma forma de ridicularizar as solteiras, denominadas pelo cordelista de “coroa”, seria criando para elas a representação negativa como as citadas anteriormente, falando que elas eram feias, cabeludas, tinham bigodes, características masculinas que eram colocadas para as mulheres, as comparando aos homens, o que era uma maneira de criticá-las, estereotipá-las.

O discurso do poeta de cordel foi bastante enfático ao colocar o casamento como a salvação e destino da mulher. Nesse sentido, as mulheres que não se casaram entravam em um total desespero, agindo como se esse o único fim para sua existência. Essa ideia do casamento, como uma finalidade para as mulheres, remonta as teorias do século XIX, época em que o discurso médico propagava para as mulheres a construção

¹²⁶A medicina, por sua vez, durante o século XIX, conferia a essas idéias respaldo científico, assegurando serem características femininas, por razões biológicas, a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. Em oposição, o homem conjugava à sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional, e uma sexualidade sem freios. A filosofia, por exemplo, afirmava nas mulheres a inferioridade da razão como um fato incontestável, cabendo-lhes, apenas, cultivá-la na medida necessária ao cumprimento de seus deveres naturais: obedecer ao marido, ser-lhe fiel, cuidar dos filhos. SOIHET, Rachel. **Sutileza, Ironia e Zombaria:** instrumentos no descrédito das lutas das mulheres pela emancipação. Revista Labrys Estudos feministas. Brasília: UNB, agosto/dezembro/ 2003, p.1-2.

biológica de seu corpo, exclusivo para a maternidade, e para que ela chegasse ao modelo mulher-mãe, deveria passar também pela identidade de esposa e dona de casa.¹²⁷ O que contribuiu para que Balzac (1991)¹²⁸ construísse a partir de sua literatura essa figura estereotipada da mulher solteira, que segundo ele:

“[...] desperta desconfiança, reprovação e zombaria [...]. Mirrada, a solteirona cheira a ranço. É vergonhoso esse ser “improdutivo” (Balzac). Rabugenta, maledicente, intrigante, até histérica, maldosa, ela preocupa, como a prima Bette (1847), operando como uma aranha na cidade (PERROT, 1991, p. 299).

Balzac, em sua afirmação, deixa marcada a figura da mulher solteira, como ele próprio disse, como uma “vergonha” para a sociedade, por não ter casado, já que a vida das mulheres só faria sentido com o casamento, assim a “solteirona” seria tudo de pior: “um ser improdutivo”, “maledicente”, “histérica”, “rabugenta”.

3.5. “O desespero das coroas”: a busca pelo casamento

Nas palavras do cordelista havia uma busca desenfreada das mulheres solteiras, das “coroas” nos anos 70, pelo casamento. Se casar seria, segundo eles, um grande sonho das “coroas”, questão que em seus cordéis aparece praticamente irrealizável, pois vários seriam os problemas das solteiras que dificultavam essa conquista. Por esse motivo, faz parte dos discursos, essa preocupação com a situação da mulher que não casou, justamente pelo motivo de estar solteira. Nesse discurso, o poeta de cordel afirma

¹²⁷ Michelet afirmava com piedade das mulheres que “Se há uma coisa que a natureza nos ensinou com clareza é que a mulher é feita para ser protegida, para viver quando solteira, junto à mãe, e esposa sob a guarda e a autoridade do marido (...). As mulheres são feitas para esconder sua vida. PERROT, Michelle. À margem: solteiros e solitários. In: Áries, Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Vol4.** São Paulo: Cia das Letras, 1991.

¹²⁸ Honoré de Balzac, escritor nascido, na França, do século XVIII e que também foi denominado de “historiador dos costumes” do século XIX, criou vários personagens, dentre eles o da mulher de trinta anos, a qual logo depois foi intitulada de “balzaqueana”. As personagens de trinta anos, em Balzac, foram construídas a partir de adjetivos, quase sempre, pejorativos, como “a rabugenta”, “a intrigante”, como foi citado anteriormente. BALZAC. Honoré. **A mulher de trinta anos.** São Paulo: Martin Claret, 2006.

sempre o que seriam os problemas que impediriam as mulheres solteiras de se casar, sendo o maior deles, a idade. A idade é colocada pelos poetas de cordel como um dos grandes empecilhos para que a solteira se casasse. A partir do discurso do cordel, elas não seriam normais, estariam fugindo ao padrão de mulher casadoura, pelo fato de que o casamento deveria acontecer ainda na juventude.

Para Fonseca (1989), uma explicação para tanta preocupação com relação às solteiras seria a crença do “impulso sexual”, baseada na ideia de que uma moça normal não poderia esperar para chegar aos vinte e sete, vinte e oito anos, para satisfazer seus instintos sexuais. Portanto, a mulher que ainda estivesse solteira, numa idade dessas, estaria fugindo da normalidade, tendo assim muitos desejos reprimidos.

Logo, seguindo essa lógica, a mulher solteira que já estivesse “beirando a faixa” dos trinta anos só poderia ser frustrada e infeliz, por não ter conseguido se casar e não ter conseguido seguir o “destino”; somando-se a esse “impulso sexual”, a “necessidade sexual” das mulheres, estava a questão da idade ou “coroas”, como dizia o cordelista, resultando na mulher solteira desesperada por casamento e que, por esse motivo fazia de tudo para arranjar um namorado que se transformasse logo em esposo. E, no desespero, as “coroas” começaram a se lamentar:

Pois numa dessas andanças
Que eu faço sozinho
encontrei-me com uma coroa
em determinado caminho
chorando, se maldizendo
só por faltar-lhe carinho
[...]
Ela dizia: ó meu Deus
que triste sina a minha
quem me dera, quem me dera
que eu ainda fosse mocinha
pra tirar a desforra
dessa vida sozinha.
[...]
Até que me conformava
desde que tivesse aquilo...
com qualquer homem, casava
fosse gordo ou fosse um grilo!
-e continuava a coroa
nesse triste estribilho.
(BATISTA, 197-, p.2-3)

É bastante visível essa preocupação relativa à idade das “coroas” pelo cordelista, o que encontra respaldo no discurso construído pela medicina do século XIX, que produziu o corpo da mulher como sendo exclusivo e responsável pela reprodução da espécie, reprodução que só aconteceria na idade ideal, antes dos trinta anos, e quando a mulher encontrasse um esposo, que lhe daria um lar para que ela se dedicasse. E a maternidade consumada dentro da norma, só poderia acontecer no casamento, ou seja, o casamento era primordial para as solteiras, pois seria nele que a mulher solteira encontraria a felicidade, a realização negada à solteirice.

Eu namorava os rapazinhos
carecas e cabeludos
eu não enjeitava atletas
baixinhos, pretos e pançudos
eu namorava até os doidos
dos manicômios sizudos!
[...]
Se eu tivesse 18 anos
eu vestia como princeza
chamava todos os rapazes
que morasse na redondeza
somente eles e eu
banqueteávamos com realeza...
Quem me dera que eu fosse
jovem, bonita e faceira
eu só vivia entre os homens
como uma dama primeira
eu era como Cleópatra:
sabida, fácil e ligeira!
(BATISTA, 197-, p.4-5)

O desespero da mulher “coroa” mostra de que maneira a construção da identidade feminina surge como se dependesse do masculino para ser feliz, isso segundo Rolnik (2011), seria uma “carência”, ocorrida pela falta de um “objeto de investimento” em suas vidas, sendo o homem esse “objeto”. Como se a vida das mulheres só fizesse sentido a partir de sua relação com um outro, que seria um companheiro, um namorado, um noivo e principalmente, um esposo.

Nesse aspecto, a vida das mulheres casadas sim, faria sentido, pois elas teriam a que se dedicar, ao lar, aos filhos, ao esposo, enquanto que as solteiras estariam, de certa maneira, à deriva, sem ter alguém a quem se dedicar. Por isso, as mulheres solteiras

teriam tanto desejo em arranjar um casamento, um compromisso em suas vidas, que trouxesse sentido para sua existência.

Assim, quando a mulher solteira estava fora desse padrão da idade, ou seja, com trinta anos, o cordelista afirmava enfaticamente que as chances de encontrar casamento e então viver “a felicidade de uma vida de mulher casada” seriam pequenas, o que nesse sentido mostrava, de certa forma, o motivo de toda procura desesperada das “coroas”, segundo o cordel, por um casamento:

Mas agora eu estou só
triste e desiludida
já passei dos 33
como perdi a sacudida
se eu subo a minha sáia
a minha pele está frangida!

Se eu procuro rebolar
logo dói o panariço
o reumatismo do pescoço
logo endurece o meu toitiço
e as pernas não aguentam
me botaram foi feitiço!

Quem me dera ser mocinha
pois banca eu não botava
- eu me lembro: nas lapinhas
quantos rapazes eu negava
e nas festas da Padroeira
os pretendentes não contava
[...]

Se eu fosse jovem ainda
no meio de um salão...
o diabo é quem esquentava
e faria renda no chão...
eu mesmo me levantava
e tirava o cidadão

Me dá uma raiva tão grande
quando eu vejo uma donzela
não querer que o namorado
pegue e beije a mão dela!...
substituir essa moça
é o que o meu peito apela.

Se arrependimento matasse
muitas vezes eu morreria
arrenego aquelas vezes
que às amigas eu dizia:
vou entrar para o convento
credo, cruces, Ave Maria!

Quando me lembro dessas coisas
me dá um desgosto no peito
que sinto azia na guela
e o meu sonho desfeito
dizendo – tai safada
dessa vez não tem mais jeito!
(BATISTA, 197-, p.5-6)

A “coroa” reclama da sua idade, da juventude que se foi, já que na idade em que se encontra, “passada dos trinta anos”, sente que não consegue mais conquistar um homem. Porque nessa idade, estaria já sentindo alguns problemas que veio com o passar dos anos, problemas de saúde como reumatismo, por exemplo, o que para ela impossibilita a conquista de um marido, pois, segundo a fala do cordelista, a mulher ideal, a mulher que teria muitos pretendentes seria a mulher jovem, bela, corpo esbelto, escultural, com todo vigor físico, sem rugas, sem a “pele frangida”.

Nessa fase de sua vida a mulher, em que ela se torna “vitalina”, como disse o cordelista, e que é mostrada como uma fase triste, de decadência, a “coroa” já não possui um corpo escultural, e se arrepende de não ter aproveitado mais sua jovialidade, namorando mais, reclama também de ter “negado” namoro aos rapazes e não os ter namorado, dizendo que ia para um convento. Então, a “coroa” viveria infeliz e com todo esse arrependimento por não ter aproveitado mais enquanto jovem, uma juventude que ela percebe como uma época de felicidade, de gozo, e por outro lado, a época em que ela vive, a da solterice, depois dos trinta anos, seria a mais triste época, uma época de frustração.

3.6. Prescrições de Abraão Batista para uma “coroa” chegar ao altar

A busca pelo casamento era a única saída para as “coroas” segundo o cordel, já que se casando, poderia existir a possibilidade de uma vida feliz para elas. Por esse motivo, elas fariam qualquer negócio para casar, como mostra Abraão Batista em suas dicas para atrair um casamento. Na fala do poeta de cordel, vemos os conselhos que

informavam as solteiras sobre o que não fazer e o que fazer para arranjar casamento. Começaremos a mostrar o que elas não deveriam fazer para conquistar um partido e se casar:

“A mulher vira coroa
essa, a 1ª lição;
por que quando namora
só sabe dizer “não”
e o homem fica zangado
fugindo como um ladrão.

Para a mulher dizer “não”
deve ter o seu jeitinho
não diz “não”, mas não entrega
esse é o segredinho
dizer “não” espanta o bicho
nem se espanta o passarinho...

A mulher também não deve
ser muito fácil ou atoa
quem namora com mais de um
cedo ou tarde fura a canoa;
o casamento só quer para si,
quem faz assim vira coroa
(BATISTA, 1977, p. 3)

Abraão Batista, o cordelista coloca em suas dicas como deveria se comportar as solteiras, diante de um pretense futuro marido, e em “lições” do masculino para o feminino, para as mulheres solteiras, “coroas”. Nas dicas dele, a mulher deve manter comportamentos característicos de uma moça honrada, de família, que seria observada pelos homens. Assim sendo, a mulher merecia que ele lhe desse crédito ou não. Ela não poderia namorar mais de um rapaz, para não perder a virgindade, se assim o fizesse seria considerada uma mulher “fácil”.

Os comportamentos seriam a “medida” que indicaria se a mulher conseguiria ou não o futuro marido. Essas “lições” do cordelista mostram como ele concebe as relações de gênero, marcada sempre pela desigualdade de gênero, onde as mulheres deveriam estar cuidando da honra, que não sendo bem cuidada, afetaria a reputação dela e, conseqüentemente, do homem.

As dicas dadas no cordel marcam muito bem as distinções de gênero postas para homens e mulheres, uma vez que eles poderiam namorar mais de uma moça ao mesmo tempo; ter várias relações sexuais durante sua vida, sem nada mudar suas expectativas

de constituir o casamento. Para as mulheres, era o inverso, as moças que desejavam casar-se tinham que se manter intocadas, virgens, sem demonstrar o desejo que tinham, para não ser vistas como moças fáceis, como “mulheres atoa”, como o próprio cordelista diz. E o poeta continua dando a receita de como uma “coroa” deveria se comportar para conquistar um relacionamento:

A mulher nunca demonstre
querer no homem mandar
a mulher manda escondido
no seu sorrir e no seu chorar
e o homem de mulher dessa
se esconde até no mar.

A mulher deve mostrar
ser pura, simples, bondosa
por ser o homem incompleto
só aprecia coisa mimosa
se o homem é bruto e feio
só deseja a carinhosa.
[...]

A moça que quer casar
deve sempre ser prevenida:
nem tanto e nem tão pouco
nunca fique aborrecida
nem dê corda demais a ele
senão perde a própria vida
[...]

Se a moça quer um rapaz
e ele tem mais de uma
se cuide, faça carinho
não fique roendo a unha
não mostre o que sabe a ele
e mostre o que lhe dispunha.
(BATISTA, 1977, p. 4)

Para o poeta cordelista, a mulher solteira, interessada em arranjar namorado, deveria se mostrar subserviente ao rapaz, objeto de sua conquista e não poderia mandar, na relação, se mostrando obediente ao que o homem fizesse. Segundo o poeta, uma mulher que manda dentro do relacionamento, assusta qualquer homem e que ele só se aproximaria de uma mulher que mostrasse obediência, concordância com o que ele fizesse e dissesse.

Ainda segundo o cordel, a mulher solteira para arranjar um pretendente deveria aceitar suas relações extraconjugais, dessa maneira ela poderia manter bem sua relação,

não correndo o risco de perdê-lo e nem ficando solteirona. O que quer dizer que para o homem trair é uma questão socialmente bem aceita, o mesmo não podemos dizer sobre quando a mulher trai, ela trair significaria a sua imagem manchada, denegrida, maculada, o que reflete também na honra de seu marido, porque sua honra depende do comportamento de sua esposa, por isso, a mulher ser infiel ao esposo aparece como um grande problema para a sociedade, sendo percebida, pelos mais conservadores, como um grave problema, impedindo que a família tradicional continuasse sendo a “guardiã dos bons costumes”.

Seguindo os ensinamentos encontrados no cordel, a moça solteira, conquistaria um par e não ficaria para “titia”. E ficar para “titia”, pelo que afirmava o cordelista, seria a última coisa que uma mulher solteira, “coroa” iria querer. Pois isso significava o seu fracasso, e um fim de decadência e tristeza. Socialmente falando, o casamento seria o auge da vivência de uma mulher, representando estabilidade dentro de uma vida conjugal.

Sousa (1997) coloca que as mulheres casadas, do início do século XX, tinham prestígio e poder social, pelo fato de serem esposas e mães, estando dentro dos padrões esperados para uma mulher. Por outro lado, as solteiras, por não terem marido e filhos não eram bem vistas pela sociedade.¹²⁹ Nesse caso, para as “titias” restava somente fazer os trabalhos desgastantes do lar em que viviam, fossem na casa de uma irmã casada, dos pais, enfim, restava para elas cuidar da casa, dos sobrinhos, dos pais que já estariam idosos, pois o que se afirmava sobre elas era que se não tinham tido “competência” para arranjar marido, então que “servissem para alguma coisa”. A figura da mulher solteira, portanto, estava desde o seu nascimento, no século XIX, à imagem de uma mulher frustrada, como diria Balzac.¹³⁰

¹²⁹ SOUSA, Noélia Alves de. **A liberdade é vermelha?** Um estudo da violência contra mulheres em Fortaleza, nas décadas de 20 e 30 do século XX. Dissertação de mestrado, PUC, São Paulo, 1997.

¹³⁰ Em uma de suas obras literárias do século XIX, Honoré de Balzac, já afirmava em seu texto que a mulher sozinha, sem ser casada, era frustrada, maldosa. Mas foi no livro “A mulher de trinta anos” que ele tenha construído todo um perfil da mulher de trinta anos, fazendo em determinado momento nesse livro uma comparação entre um homem de trinta anos, que para Balzac, ainda era muito moço, “pois tinha apenas trinta anos”, enquanto que a mulher “(...) Chegando a essa idade, a mulher pede a um jovem que lhe restitua a estima que ela lhe sacrificou; vive apenas para ele, preocupa-se com seu futuro, deseja-lhe uma vida bela (...). Enfim, além de todas as vantagens de sua posição, a mulher de trinta anos pode se fazer jovem, desempenhar todos os papéis, ser pudica e até embelezar-se com a desgraça.” BALZAC, 2006, p. 106.

Assim, para não ficar para “titia”, horror das solteiras, como diziam os cordelistas, ainda existiam outras questões que também poderiam ajudá-la a arranjar namorado:

À coroa ainda ensino
como deve ela fazer
para arrumar um bom rapaz
para ser dele sua mulher
porém não demonstre
faça como quer e não quer...

A coroa deve trajar
com o traje de sua idade
a coroa que veste assim
como menina, é inverdade
quer ser muito o que não é
vive na irreabilidade...
[...]

A coroa se quer casar
não abra a boca no mundo
porque quem é oferecida
só arranja vagabundo
mas, não seja orgulhosa
e não aceite todo imundo
não se pinte exagerada
como faz quem é da zona...
ande limpa e perfumada
se não quer ficar na lona

Não vá só pelo caminho
que passeia a matrona
tenha classe, seja otimista
não lamente, seja educada
não diga que bota cartas
nem que reza pra ser casada;
faça as coisas sem exageros
não propague na sua estrada.
(BATISTA, 1977, p. 5-6)

Para conquistar e agradar o futuro marido, o homem que seria inicialmente seu namorado, a “coroa”, como toda mulher “[...] não poderia exagerar no tom das cores dos tecidos, nas estampas nem na fragrância das águas de cheiro, de modo a não se assemelharem às prostitutas” (CHAGAS, 2004, p. 129). O modo como as mulheres se vestiam, se maquiavam, se perfumavam, deveria fazer tudo sem “exageros”, o que como afirma Chagas, “denunciava quem era quem”. A solteira que quisesse arranjar um marido não poderia também viver “se lamentar”, deveria mostrar “classe”, “ser

educada”, pois, a “coroa” que realmente tinha interesse em se casar, deveria estar atenta para que o homem não ficasse sabendo da sua tática para conquistá-lo, como o “jogo de cartas” para adivinhar o futuro; o que poderia assustar ou sufocar o pretendente, atitudes que, se ele percebesse, poderia afastar-se dela.

E como o homem desempenhava um papel bastante importante na construção da mulher casada, esposa, mãe, mulher que não queria ficar sozinha, ficar para “titia”, a “coroa”, a solteira deveria agir com calma e guardar segredo da maioria das coisas que fizesse nesse momento da conquista. A conquista deveria ser feita aos poucos, para que o rapaz ficasse com gosto de “quero mais”, sendo fisgado. E se por acaso o pretendente tivesse uma outra namorada, a solteira não deveria discutir com ele sob pena dele se irritar e acabar com o possível namoro, portanto, o melhor era saber de tudo e ficar calada, pois, para ocupar o lugar de mulher casada, era necessário que houvesse resignação por parte da mulher que queria conquistar um marido. Por isso, dizia o poeta cordelista:

“Se você faz as trezenas¹³¹
não espalhe que está fazendo
pois o rapaz ficar sabendo disso
se espanta e sai correndo...
coroa deve ser cautelosa –
atenção no que está lendo!

Se tiver um namorado
não fique somente em cima
dê uma folguinha a ele
pra que ele mude de clima
e fique pensando que
está livre na sua esgrima.

Mas cuidado como rapaz!
nunca tanto e nem tão pouco...
- dê amor somente em doses
para o cabra ficar mais louco
mas tenha cuidado com você
para não ficar no rouco

Se uma amiguinha sua
um fuxico vem lhe contar
escute, pois não faz mal
sempre é bom se escutar

¹³¹ A trezena de Santo Antônio consiste em um conjunto de treze orações, fazendo pedidos diversos ao santo. Pedidos como saúde, cura aos doentes, proteção diante de todo mal. Sendo que esses pedidos, são sempre intercalados por um Pai nosso, uma Ave Maria e uma Glória.

mas não demonstre para ele
para não se decepcionar...

[...]

Nesse ponto você deve
ter carinho e sedução
amável e muito sabida
para não ficar na mão;
não exagere na bitola
se não perde o seu quinhão...

Se tudo isso fizer
e você não se casar
peça benção a tia Chica
e vá pra roça limpar
o desengano é o consolo
não adianta mais esperar
(BATISTA, 1977, p. 7-8)

Dentre as prescrições dadas pelo poeta de cordel estava a procura pelos santos que a ajudariam, dariam uma “mãozinha” para que elas conseguissem conquistar um par. Nesse caso, o cordelista Abraão Batista coloca que o melhor período para que as pessoas que estavam solteiras fizessem suas tentativas seria o mês de junho¹³², mês em que, no Nordeste, existem as festas juninas e nelas a fogueira de São João.¹³³ Ser cautelosa, carinhosa, amável, sedutora, não escutar os “fuxicos” dos outros sobre seu pretendente a marido, também eram prescrições do poeta para a mulher solteira, que significava ser “sabida”, saber “prender” o homem, tendo cuidado para não “exagerar” em nada, para que ele não fuja, o que deixaria a “coroa” desenganada, desconsolada.

Na tentativa de ajudar as solteiras a conseguir um relacionamento, o poeta cordelista dá outras dicas de como durante a festa junina, através das simpatias elas poderiam conquistar alguém. E o poeta começa pedindo licença ao santo para poder ensinar as simpatias, ou as “adivinhações”, como ele próprio diz:

São João do carneirinho
permita-me essa lição
vou ensinar a moçada
fazer adivinhação;
não é minha a brincadeira
é da tua fogueira

¹³² O mês de junho no Nordeste é marcado pelas festas juninas, festa católica, comemorando os santos Antônio, Pedro e João, momento em que o sagrado se mistura ao profano. Na parte sagrada, existem as missas, procissões, etc, e na profana, a fogueira, as danças, geralmente regadas a forró, bebidas alcoólicas e namoros.

¹³³ Para o cordelista em questão, São João também figura como um santo que auxilia todos os solteiros (as) a arranjar namorado (a), embora o santo dito “casamenteiro” mesmo seja Santo Antônio.

carinhosa tradição.

O solteiro se prepare
Escute para saber
Se não tem fé se arrede
Não vá me desvanecer
Pois a fogueira de São João
É uma grande tradição
Não adianta drescer.

A fé é uma força
de grande potência
quem tem fé nesse mundo
nada lhe faz mal
e para adivinhação
na fogueira de São João
não existe outra igual.
[...]

Se você está aflita
não sabe quando casar
pegue meio copo d'água
comece logo a rezar
com seu cabelo, uma aliança
amarre com esperança
sem sorrir e sem falar.

Segure pelo cabelo
a aliança pendurada
que ela fique no copo
não, na água mergulhada
se concentre para saber
quantos anos hão de ser
que você será casada.

Se você tiver a dita
de um dia se casar
a aliança dependurada
aos poucos vai balançar
e conte com atenção
quantas pancadas então
são os anos pra realizar...
(BATISTA, 1979, p. 1-3)

Considerando o casamento como o destino de toda mulher, para dar uma ajuda as mulheres solteiras, Abraão Batista fala para elas da necessidade de se ter fé ao fazer a “adivinhação”¹³⁴. A simpatia, também chamada de “adivinhação”, pelo poeta de cordel,

¹³⁴ Simpatia ou adivinhação seria um ritual que as pessoas fazem para conseguir algo ou alguém. Seria também uma forma de magia ou feitiçaria básica, extremamente ligada ao povo, normalmente de origem

mostra a relação que deve existir entre a grande necessidade da mulher solteira arranjar um namorado e de ter fé para que a simpatia se concretizasse. Fazendo “adivinhação” ou simpatia, seria a maneira que as solteiras tentariam desencalhar, deixarem de estar solteiras, considerando-se o desespero delas para arranjar namorado. Conseguindo ver na simpatia se ainda conseguiria se casar ou não, a mulher solteira saberia também seu destino, se conseguiria ser feliz, como uma mulher casada, esposa, mãe e dona de casa, ou se continuaria sendo infeliz, na sua solteirice, ficando “vitalina” e no caritó.¹³⁵

A infelicidade que aconteceria pelo fato de estarem solteiras foi uma forte representação que as construiu, enquanto mulheres derrotadas, na “batalha” ou na busca por um casamento; as solteiras não teriam obtido êxito e teriam sido derrotadas pela falta de “munição suficiente”, o que, segundo Maia, explicaria essa representação da solteirice feminina como uma vida de frustração, infelicidade, amargura, rancor, inveja das mulheres que conseguiram vencer essa “guerra” contra as casadas. Portanto, a simpatia, adivinhação, seria a última arma das mulheres solteiras que apontaria para o sucesso de se casar ou não.

Casar e construir uma família, segundo o cordel era a finalidade da vida das mulheres. E como o marido significava o primeiro passo para essa construção familiar, encontrar um namorado e fisgá-lo, tornando-o seu marido era essencial para as solteiras. Assim, o cordelista continua ensinando à “coroa” como fazer as adivinhações para saber se ela ainda seria feliz casando-se ou infeliz no caritó:

“Tem outra adivinhação
que é a da faca na bananeira;
pegue uma faca virgem
dê três voltas na fogueira
pedindo para São João
que lhe mostre o Adão
não faça de brincadeira.

Quando acender a fogueira
sem falar com ninguém

campesina e geração empírica. As simpatias são formadas da mesma substância da superstição e está intimamente ligada a esta.

Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Simpatia>, acessado em 15/09/2013.

A simpatia também pode ser um ritual supersticioso para alcançar determinado fim.

Cf. <http://www.dicionarioinformal.com.br/simpatia/>, acessado em 15/09/2013.

¹³⁵ Caritó, palavra usada pelo cordelista ao falar sobre as mulheres que ficaram para “titia”, solteironas, além do “ficar solteira”, tem também esses significados, segundo o dicionário: 1 Prateleira a um canto dos quartos e salas das casas sertanejas. 2 Moradia de gente pobre. Cf. http://www.dicio.com.br/carito_2/. Acessado em 10/11/2013.

dê as três voltas, já disse
vá pro mato, onde tem
uma bananeira plantada
e só de uma facada
meta a faca o que lhe convém.

Ali reze a Salve Rainha
até onde nos mostrai
peça a São João da fogueira
pois atender ele lhe vai.
botando o nome na faca
do seu amor que destaca
e para isso lhe atrai.

No outro dia cedinho
antes do sol aparecer
vá caladinho à bananeira
seu amor reconhecer
o nome dele escrito
pelas mãos do bendito
só será se você crer...
(BATISTA, 1979, p. 3)

Para quem sabe, conseguir ainda um pretendente a marido era preciso, além de crer, tentar a simpatia da faca na bananeira, simpatia que faria com que a moça solteira visse o rosto do seu futuro marido. O marido que ela reconheceria o nome estando escrito na faca depois de enfiada na bananeira, seria o homem que tiraria a “solteirona”, como afirma a historiadora Maia, da sua vida sem sentido, lhe trazendo a possibilidade de ter o direito de usufruir de uma vida sexual saudável que um casal tinha, pois sendo uma solteirona, nada disso era possível, pois a solteira que não arranjasse marido e com ele uma família, deveria se resignar, aceitar a crueldade de seu destino de moça sozinha, sem a constituição de um lar, a solteira deveria, assim aceitar, ser um corpo “anormal”, como era visto o corpo das solteironas.

O corpo da mulher solteira dependia do casamento consumado para que fosse reconhecido socialmente, enquanto um corpo normal. Pois dependia do homem, do marido e do casamento a afirmação da identidade da mulher, como uma pessoa feliz e realizada. Para o cordelista, a mulher solteira deveria fazer essa tentativa, na crença de que a “coroa” iria conseguir adivinhar se conseguiria se casar ou não. Embora ela pudesse também se decepcionar no caso da simpatia não dar certo, contudo valia a pena tentar:

“Tem outra maneira exata
de você adivinhar
com uma clara de ovo
feita para olhar;
a clara num copo d água
depois não me tenha mágoa
se for lhe decepcionar.

Tudo isso trabalhando
com a mais pura atenção
rezando a Salve Rainha
com a força do coração
a interpretação, é sua
não se confunda com a rua
pra não ter desilusão.
[...]

Numa mesinha, uma vela
com o prato e a comida
se deite faça oração
pois no sonho você vai
adivinhar a sua vida...
[...]

Faça uns bilhetinhos
com as palavras: caritó
casa, amanceba, titia,
inútil e catimbó
faça bolos de farinha
um bilhete e uma bolinha
e solte na água e só...

Reze a Salve Rainha
pedindo para São João
lhe indicar a verdade
de sua desilusão
e a bola que subir
vai fazer você sorrir
ou cair na solidão...
(BATISTA, 1979, p. 4-5-8)

A partir das simpatias e conselhos dados no cordel é bastante visível a ligação que as mulheres deveriam ter com o casamento e a família, por isso um discurso tão enfático de que as solteiras estavam desesperadas e teriam que tentar conseguir um casamento, mesmo que através das simpatias. No discurso do cordelista, percebemos como ele construiu a figura da mulher solteira de maneira estereotipada, sendo ela uma mulher que só poderia viver infeliz, rancorosa por não ter conseguido conquistar para si um esposo, o que lhe colocava como uma mulher frustrada.

Porém, percebemos também que o discurso do poeta de cordel em questão foi construído num período histórico, quando as mulheres tinham lutado pela conquista de direitos que lhes deram oportunidades diferentes das que elas viveram anteriormente. No Brasil dos anos 70, muitas mulheres passaram a fugir de muitos dos padrões antes estabelecidos pelas distinções de gênero. As mulheres passaram a dividir com os homens os poderes no interior da família, como foi em relação aos filhos, o que abalou a antiga definição de família, modelo propalado desde o início do século XX, constituindo, portanto a grande referência, a família nuclear com uma nítida divisão dos papéis de homens e de mulheres.

Nesse sentido, podemos afirmar que o poeta cordelista, sentindo tantas mudanças que estavam ocorrendo nessa década, demonstraram não aceitar muito essas novas questões que estavam sendo postas, num momento em que as relações de gênero estavam se tornando um pouco mais flexíveis e assim a família tradicional estava também perdendo o seu sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa, nos foi perceptível como houve o investimento de discursos que circularam ao longo dos anos de 1950 a 70, através de alguns artefatos culturais, como as colunas femininas da revista “O cruzeiro” e de alguns cordéis, construindo imagens acerca das mulheres, fossem elas as “mulheres para casar”, “casadouras” ou as que não se casaram, as “solteironas”.

Nos discursos das colunas femininas, encontramos uma série de “prescrições” que diziam como as mulheres que se casariam deveriam ser. Essas “prescrições” encontradas nas colunas femininas tentavam abarcar toda a vida das mulheres, desde quando elas ainda eram meninas, passando pela mocidade e chegando à vida adulta, quando já deveria estar casada. As mulheres que se dedicavam a escrever as colunas femininas procuravam dar uma contribuição no plano moral, o que, para elas e para a sociedade da época, parecia importante. Parecia importante para as articulistas das colunas falar sobre como as mães deveriam agir/educar suas filhas quando ainda meninas, não as deixando livre demais, era importante falar como deveriam se comportar as mocinhas em seu cotidiano, fosse em casa, nas festas ou com seus namorados, futuros maridos. E principalmente era importante que as articulistas falassem para mulheres casadas de que maneira deveria agir/se comportar dentro do casamento, como ser boa esposa, como cuidar de seu lar e ainda como ser uma boa mãe para seus filhos.

E a partir dessas “prescrições” ou aconselhamentos, as leitoras foram construindo no dia a dia desses conselhos a sua subjetividade, a identidade da “mulher ideal”, a mulher que quando mocinha se resguardava, mantendo-se virgem para seu futuro marido, se comportando não como uma “moça leviana”, mas como uma verdadeira “moça casadoura”, com seriedade, honra, a mulher que deveria ter como sonho o casamento perfeito, sonhando em cuidar do seu esposo que sai para o mundo público para arranjar o sustento de seu lar, a mulher que prepara para seu esposo sua comida preferida, seu prato predileto, tentando adivinhar seu desejo, sua vontade através de sua culinária, a mulher que era a melhor mãe, que sentia o “instinto maternal”, afinal

sua “natureza” exigia que soubesse cuidar bem de seus filhos, filhos que coroariam a felicidade do casal, e ainda a mulher que, fazendo bem todas as suas tarefas, ainda arranjaria tempo para se dedicar um pouco a si mesma, se embelezando para seu marido, para conquistá-lo diariamente. Essa seria a mulher desejada pela sociedade, a mulher que seguia os padrões tradicionais de mulher, ocupando somente a identidade reservada para ela.

Por outro lado, percebemos também que existiam discursos que falavam de mulheres que não eram a “mulher ideal”, porém, eram mulheres que não se casaram, mulheres que ficaram solteiras e foram denominadas pelos cordelistas de “vitalinas”, “coroas”, as mulheres que não agiram conforme a “natureza feminina”, as “solteironas”. Nos discursos encontrados nos cordéis, em plena década de 70, observamos a estigmatização social vivida pelas solteiras por não ter se casado, por ser o “outro”, a identidade oposta da mulher idealizada, da mulher casada, que seguiu seu “destino natural”.

Os discursos dos poetas de cordel produziram uma representação estereotipada acerca da mulher solteira, uma representação negativa, que enfatizou como características para ela a tristeza, a frustração, o sofrimento de “ficar para titia”, de não ter família a quem se dedicar, como se a mulher solteira fosse uma pessoa incompetente por não ter conseguido conquistar um marido, por ter fugido de seu destino, o de se tornar esposa e mãe. Pois, socialmente esperava-se que toda mulher se casasse e tivesse filhos, cumprindo sua função principal, “ser mãe”. Ficando solteira, a mulher foi vista como “estorvo” para a sociedade, restando-lhe apenas dedicar sua vida aos cuidados de familiares como pai e mãe idosos ou a criação de sobrinhos, numa vida reservada. Observadas pela sociedade como “estorvo”, elas seriam, como afirmou a historiadora Claudia Maia, “desencantadas criaturas proibidas de amar”, por não ter conseguido conquistar um relacionamento amoroso, um esposo, já que sua valorização, enquanto mulher, acontecia somente quando existia um “homem para ela chamar de seu”, o que as mulheres casadas tinham conquistado, e disso resultava sua valorização, da presença constante de um homem em sua vida.

Os cordelistas deixaram claro a negatividade atribuída à figura da mulher solteira. Nesse sentido, a representação construída para elas foi a da infelicidade, a

mulher que desesperadamente procura casamento, a qualquer custo deseja se casar. Ainda mais por que, como disse o cordelista, “[...] a partir dos 33 começa o desespero [...]” (BATISTA, 1976, p. 6-7), por esse motivo encontrar um pretendente, um namoro sério que se encaminhasse para um casamento antes dos 30 anos, era importante, para que não chegasse a idade dos 33 anos estando solteira. E chegando aos 33 anos, a mulher solteira era ridicularizada, demonizada. Embora Soihet (2003), afirme que ridicularizar as solteiras seja uma prática não tão nova, já que, desde o final do século XIX, até boa parte do século XX elas tenham sofrido com esse tipo de discurso.

Reafirmar a questão dos lugares sociais construídos e desejados para as mulheres enfatizando as identidades tradicionais parecia urgente, pois havia muitas questões que estavam sendo colocadas principalmente entre os anos 60 e 70 que propunham mudanças para a vida das mulheres. O que se tornou mais perceptível através da análise do momento histórico em que esses discursos circularam, momento em que estavam sendo produzidas novas possibilidades para as vidas das mulheres, o que significava também mudança nas relações de gênero. No final da década de 60, por exemplo, estavam acontecendo as manifestações do movimento feminista que reivindicavam mudanças nos comportamentos da maioria da sociedade que, há bastante tempo, deixava as mulheres à margem, discriminando-as, excluindo-as de participar de muitas questões importantes para suas vidas. Os anos 60 também foram palco das mudanças comportamentais, vivenciadas pelas mulheres, novos comportamentos que chegariam aos anos 70 mostrando, principalmente, outras maneiras delas se relacionarem com seus corpos. As minissaias vestidas por elas, juntamente com os biquínis e as calças, ditas masculinas, foram peças de roupas emblemáticas dessa nova postura das mulheres que chocou a sociedade, que afirmava que as mulheres estavam se masculinizando, querendo ocupar o lugar dos homens.

Mudanças que foram de encontro à construção da “ciência da mulher”, que teve seu auge nas últimas décadas do século XIX e adentrou o século XX, como a ciência produtora do corpo feminino e que o resumiu ao útero, pois nesse período pensava-se que “a mulher é seu útero”, órgão da procriação, responsável por dar a vida, o que dava a mulher a obrigação de ser guardiã da família, dedicando-se à vida doméstica, ao lar.

Assim, num primeiro momento, pareceu necessário para a sociedade construir a identidade da “mulher casadoura” como modelo a ser seguido, o da mulher que levaria adiante os atributos ditos “femininos”, a vida doméstica, a maternidade, o casamento. Enquanto que para as mulheres que estavam fugindo ao padrão, identificado a partir das solteiras, o discurso era outro que apontava para marginalização, infelicidade e frustração.

Portanto, problematizando os discursos, ensinamentos, conselhos “prescritos” para as mulheres consideradas “ideais”, percebemos a importância social que existia em construir a mulher prendada, dedicada ao lar, ao marido e a filhos, assim como também existia relevância para a sociedade de mostrar as mulheres solteiras de maneira negativa, estereotipada, ridicularizando-as. Preparar as mulheres para o casamento, tornando-as ideais, significava produzir exemplos de mulher a ser seguido, em contrapartida, transformar as solteiras em pessoas ridículas perante a sociedade, significava mostrar que elas seriam o modelo a não ser seguido pelo restante das mulheres, o modelo a ser evitado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANDRIGHETO, Daiana. **50 anos de publicidade focada à mulher**. Monografia de conclusão de curso de moda. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis. 70 pgs. 2006.
- ARAÚJO, Eronides Câmara de. **“Fazer de algumas passagens, quadros e quem sabe um dia, você possa Assinar”**: homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor. Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 295 pgs. 2011.
- BALZAC. Honoré. **A mulher de trinta anos**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- BASSANEZI, Carla. **Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964)**. Cadernos Pagu, nº 1, 1993.
- _____. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary. **Histórias das mulheres no Brasil**. 9ed. São Paulo: São Paulo: Contexto, 2010.
- _____. A era dos modelos rígidos. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto. 2012.
- BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BASTOS. Liana Albernaz de Melo. **Corpo e subjetividade na medicina**: impasses e paradoxos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- BELNHAK, Gabriela; DIAS, Marlon. **Elas querem queimar o sutiã e muito mais**. Revista Viés. Rio Grande do Sul: UFSM, setembro/ 2012, p.1.
- BLUMBERG, Natália Simanke. **Da mulher para a mulher**: o papel feminino na revista O cruzeiro. Monografia de conclusão de curso em Comunicação Social-Jornalismo. Universidade Feevale, Novo Hamburgo 115 pgs. 2013.
- CAMPOS, Daniela Queiróz. **Espectros dos anos dourados**. Imagem, arte gráfica e civilidade na coluna Garotas da revista O cruzeiro (1950-1964). Dissertação de Mestrado em História pela PUC, Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 236 pgs. 2010.
- CARDOSO, Elizângela Barbosa. **Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina. (1920-1960)**. Doutorado em História pela Universidade federal Fluminense, Rio de Janeiro. 535 pgs. 2010.

CASADEI, Elisa Bachega. **Jornalismo de moda em revista**. Momentos históricos do registro editorial da moda no Brasil no período anterior aos anos 60. In: Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, nº 53, abr. 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 2**. Morar, cozinhar. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CIPRIANO, Maria do Socorro. **A adúltera no território da infidelidade**. Paraíba nas décadas 20 e 30 do século XX. Dissertação mestrado em História. Unicamp: Campinas, 190 pgs. 2002

CORBIN, Alan; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **As mutações do olhar**. O século XX. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

COSTA, Ana Alice Alcântara. **O movimento Feminista no Brasil**: Dinâmicas de uma intervenção política. Niterói, v. 5, n. 2, p. 9-35, 1. sem. 2005

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

DEMETERCO, Solange M. da Silva. **Doces lembranças**: cadernos de receitas e comensalidade. Curitiba: 1900-1950. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 203 pgs. 1998.

_____. **Sabor e saber**: livros de cozinha, arte culinária e hábitos alimentares. Curitiba: 1902-1950. Doutorado em História. Universidade Federal do Paraná. 274 pgs. 2003.

FERREIRA, Juliana Taís. **“Espelho das Mães”**. A Representação Feminina na Publicidade Destinada à Infância nas Páginas da Revista O Cruzeiro: 1929-1964. Monografia de conclusão do curso de História da UFPR. 62pgs. 2006.

FONSECA, Claudia. **Solteironas de fino trato**. Reflexões em torno do (não) casamento entre pequeno burguesas no início do século. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 9, n 18, ago/89 a set/89, pp. 99-120.

FONSECA, Taís Nívia de Lima e. **Serge Gruzinski e as dinâmicas culturais na América colonial**. Revista Cultura histórica e patrimônio. Unifal, Alfenas, Minas Gerais, v.2, n. 1, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, Marta de Luna. **Mulheres, mães e médicos.** Discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Tese de doutorado em História das ciências e da saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. 336 pgs.

_____. **“Ser mãe é uma ciência”:** mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. Revista História, ciências, saúde – Manguinhos. Rio de Janeiro, v. 15, junho, 2008.

FREITAS, Patrícia de. **Corpos de mulheres em (Re) vista.** A representação da menopausa na Revista de Ginecologia e d’ Obstetrícia 1907-1978. Tese de Doutorado em História Cultural. UFSC, Florianópolis. 413 pgs. 2005.

_____. **A mulher é seu útero.** A criação da moderna medicina feminina no Brasil. Revista Antíteses, vol. 1, n. 1, jan.- jun. de 2008, pp. 174-187.

GOMES, Leidejane Araújo. **Na alegria e na tristeza..., até que em um fatídico dia...: casamento, desquite e gênero em Sobral (1962-1977).** Mestrado em História e Culturas. Universidade Estadual do Ceará. 155 pgs. 2012.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A literatura de cordel e o ensino de história.** In: Cultura Escolar Migrações e Cidadania, Portugal, 2008.

GRUZINSKI. Serge. **Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories.** Revista Topoi. Rio de Janeiro, março, p.175-195. 2001.

LIMA, Marinalva Vilar de. **O problema do popular e do erudito na literatura de folhetos brasileira.** ArtCultura, Uberlândia, v. 11, n. 18, p. 177-194, jan.-jun. 2009

LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos.** In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

MAIA, Claudia de Jesus. **Genealogia da solteirona no Brasil.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. Anpuh, São Paulo, julho, 2001.

_____. **“Desencantadas criaturas proibidas de amar”:** A construção discursiva de mulheres celibatárias. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina, 2005.

_____. **Viver para si?** O celibato feminino como ato político. Revista Labrys, Estudos Feministas. Brasília: UNB, Jul/dez/2007.

_____. **A invenção da solteirona.** Conjugalidade moderna e terror moral- Minas Gerais (1890-1948). Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2011.

MANNALA, Thais; QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. **Melindrosas e garotas na constituição visual de representações de feminilidades**. In: Anais eletrônicos do X Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis, Santa Catarina. 2013. pg. 1-10.

MATOS, Juscelina Bárbara Anjos. Costurando a moda. Uma análise das práticas vestimentares femininas em Vitória da Conquista – BA (1950-1965). Dissertação de mestrado em Cultura visual. Universidade Federal de Goiás, Goiás, 195 pgs. 2009.

MATTIOLI, Isabela Buzo. **Festa de São João de Seo Zico Borghi**: objeto de memória do patrimônio imaterial do Paraná. Monografia do Curso de Comunicação Social (Jornalismo). Centro Universitário de Maringá, Paraná (CESUMAR). 2009. 56 pgs.

MELO, Alexandre Vieira da Silva. **Entre os cremes e a (pouca) roupa**: os anos de 1920 e a cultura da beleza no Recife das melindrosas. Anais do V Colóquio de História. Perspectivas históricas. Historiografia, pesquisa e patrimônio. Recife, novembro, 2011. Secretaria Especial de Comunicação Social. **Mulheres em revista**. O jornalismo feminino no Brasil. O Cruzeiro – A maior e melhor revista da América Latina. Rio de Janeiro. Junho de 2002.

MELONI, Elizabeth. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

HERCHMANN, Micael M.; PEREIRA, CARLOS ALBERTO M. (Orgs.). **A invenção do Brasil moderno**: medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Figurações celibatárias**. Revista Criação & crítica 8. O enésimo sexo. USP: São Paulo, n. 8, abril, 2012.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Façamos a família à nossa imagem**. A construção de conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30). Doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco. 348 pgs. 2002.

OURIVES, Paulo de Almeida. **Os milagres de Santo Antônio “casamenteiro”**. Monografia de conclusão de curso em Filosofia. Faculdade de Filosofia de Campos. Rio de Janeiro: Campos de Goytacazes. 2005, 143 pgs.

PERROT, Michelle. **À margem: solteiros e solitários**. In: Áries, Philippe; DUBY, Georges. História da vida privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Vol4. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

- PRETO, Luiza Cechinel. **Moda brasileira nos anos 60**: Alceu Penna e a revista O cruzeiro. Monografia de conclusão do curso em Design de Moda e Tecnologia pela Universidade Feevale, Novo Hamburgo. 72 pgs. 2010.
- RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar**. A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- RHODEN, Fabíola. **Uma ciência da diferença**. Sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.
- _____. **A arte de enganar a natureza**. Contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.
- ROCHA, Olivia Candeia Lima. **Discursos e imagens sobre mulheres nas primeiras décadas do século XX na cidade de Teresina**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH . São Paulo, julho 2011.
- ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- SALERNO, L, P; CUNHA, M. T. S. **Discursos para o feminino nas páginas da revista Querida (1958-1968)**: aproximações. Educar em revista. Curitiba:UFPR, n. 40, p.127-139, abr-jun. 2011.
- SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral. **Tecendo caminhos escriturísticos nas páginas da história**: cartografia da escrita feminina na imprensa campinense (1950). 65 pgs. 2010.
- SERPA, Leoni Teresinha Vieira. **A máscara da modernidade**: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945) – Dissertação (mestrado) - Universidade de Passo Fundo, 2003.
- SILVA. Keila Queiroz e. **Entre as normas e os desejos**: As mutações do feminino e do masculino em 50, 60 e 70 na Paraíba. Dissertação em História. Universidade Federal de Pernambuco. 1999.
- SILVA. Alômia Abrantes da. **As escritas femininas e os femininos inscritos**. Imagens das mulheres na imprensa Parahybana dos anos 20. 175 pgs. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Pernambuco, 2000.
- SOIHET, Rachel. **Sutileza, Ironia e Zombaria**: instrumentos no descrédito das lutas das mulheres pela emancipação. Revista Labrys Estudos feministas. Brasília: UNB, agosto/dezembro/ 2003.
- _____. **Zombaria como arma antifeminista**: instrumento conservador entre libertários. Revista Estudos feministas. Florianópolis, setembro/dezembro, 2005.

_____. A conquista do espaço público. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto. 2012.

SOUSA, Noélia Alves de. **A liberdade é vermelha?** Um estudo da violência contra mulheres em Fortaleza, nas décadas de 20 e 30 do século XX. Dissertação de mestrado, PUC, São Paulo, 1997.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Cartografias e imagens da cidade**. Campina Grande – 1920-1945. Doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 378 pgs. 2001.

TABORDA, Marcus Aurélio; BELTRAN, Claudia Ximena Herrera. **Uma educação para a sensibilidade:** circulação de novos saberes sobre a educação do corpo no começo do século XX na Ibero-América. Revista Brasileira de Educação. Campinas, São Paulo, v.13, n.2 (32), p. 15-43, maio/agosto. 2013.

TORRES, Livia Figueiras de Azevedo. **O modo e moda:** o feminino, feminismo e moda no olhar da imprensa das décadas de 50 e 60. Monografia de Especialização em Moda, cultura da moda e arte. UFJF: Juiz de Fora. 67 pgs. 2010.

VAISTSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais.** Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VIEIRA, Rejane Esther. **Desnudamento feminino como transformação nos costumes e na moda (1960-1970).** Monografia de conclusão de curso em História. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina. 2003.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza.** O corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CORDEIS:

ATHAYDE, João Martins de. **O namoro dum cego com uma melindrosa da atualidade.** [192-].

BATISTA, Abraão. **Encontro de Abraão Batista com uma coroa.** 1976.

BATISTA, Abraão. **Nascimento, vida e morte de uma coroa.** 1976.

BATISTA, Abraão. **As duras lamentações de uma coroa.** [197-].

BASTISTA, Abraão. **O que uma coroa deve fazer para se casar.** 1977.

SILVA, José Bernardo da. **O namoro moderno.** 1957.

VASCONCELOS. Alceu Cabral de. **Por que faz medo casar.** 1974.

COLUNAS FEMININAS: (REVISTA O CRUZEIRO):

Revista O cruzeiro, de 14 de Junho de 1952.

Revista O cruzeiro, de 19 de dezembro de 1953.

Revista O cruzeiro, de 04 de dezembro de 1954.

Revista O cruzeiro, de 09 de outubro de 1954.

Revista O cruzeiro, de 04 de dezembro de 1954.

Revista O cruzeiro, de 08 de janeiro de 1955.

Revista O cruzeiro, 04 de fevereiro de 1956.

Revista O cruzeiro, 24 de maio de 1958.

Revista O cruzeiro, de 14 de junho de 1958.

Revista O cruzeiro, de 19 de setembro de 1959

Revista O cruzeiro, de 19 de setembro de 1959

Revista O cruzeiro, de 26 de dezembro de 1959.

Revista O cruzeiro, de 21 de maio de 1960.

Revista o cruzeiro, de 13 de julho de 1963.

Revista O cruzeiro, de 20 de julho de 1963.